

Luís A. Weber Salvi

O Evangelho da Natureza



**A Ecologia como base da nova
Lei Espiritual do Mundo.**

1ª edição: Editorial Agartha, RS, 1995 (Revisão: Aida Ferraz)

2ª edição: Universidade Agartha, SP, 1998

3ª edição (revisada e ampliada): Ibrasa, SP, 2000

Contatos com o autor: webersalvi@yahoo.com.br

ÍNDICE

Introdução	3
1. O Novo Mandamento Ecológico	5
2. O Evangelho da Natureza	11
3. O Cânone da Perfeição	17
4. São Francisco, Arauto do Novo Mundo	24
5. Da Ciência ao Mistério	29
6. Revisitando a Criação	35
7. A Dimensão Humana do Amor	42
8. Os Mistérios Marianos	49
9. A Era do Indivíduo	54
10. A Peregrinação	58
11. "Render-se à Natureza"	63
12. A Psico-Ecologia	69
13. A Reciclagem da Vida	73
14. A Dieta do Paraíso	77
15. Meios de Transporte	85
16. A Mulher – Síntese da Criação	91
17. A Religião Viva	95
18. Caminhos do Novo Mundo	101
19. "Guerreiros do Arco-Íris": O Resgate do Natural	107
20. A "Nova Jerusalém"	109
21. Resumo Geral	115
Bibliografia	118
Obras do Autor	

Apresentação

Existe um aspecto interessante nas grandes crises: é que elas revelam, como nada mais, que cada deficiência é apenas a sombra de uma virtude a ser desenvolvida.

Os povos e os indivíduos evoluem sem se dar conta de que suas experiências se transformam e requerem continuamente novos padrões, e quando se apercebem, seus velhos mundos estão ruídos, perdendo o sentido e o valor. Então a crise se instala, e nem sempre existe sabedoria suficiente para evitar as rupturas. A "culpa" é então jogada nisto ou naquilo, e apenas o tempo permite uma síntese e a devida renovação. Geralmente pode-se (e deve-se) vencer a crise, visando o crescimento. Então, certamente ela torna-se uma forma de benção e até uma verdadeira *iniciação*.

Certamente estamos vivendo tal coisa em nossos dias. Muitas são as crises modernas e o seu grande pivô cada vez mais se afirma através da *crise ambiental*, e é por causa dela que as pessoas finalmente estão despertando e despertarão, mesmo sob as mais terríveis ameaças e tragédias. Uma nova ética surgirá desta crise, lembrando ao homem valores eternos, dentre eles a importância do ambiente natural, como algo que transcende o meramente utilitário.

A Lei espiritual revelada por Deus em cada época representa justamente a resposta que esta época necessita às suas indagações. Cada estado de espírito tem suas crises e suas conquistas, e cada situação deve ser analisada em sua natureza e as soluções prescritas de forma adequada: não se pode dar remédios de criança a adultos e vice-versa.

Acaso existe um valor mais premente do que a valorização do meio-ambiente natural e até do ser humano em si, que se vê ameaçado como espécie diante desta nova crise global? Este problema tem se revelado ainda mais ameaçador que a fragilidade da fraternidade humana que, aliada aos impulsos mercantilistas, tem gerado as grandes guerras e despertado a corrida armamentista.

Ao lado disto, existem valores antigos que têm sido atualizados e que agora, perante a nova situação mundial, devem ser reativados e até redimensionados.

O presente trabalho parte do princípio de que uma militância ecológica eficaz não pode ser obtida apenas em seu próprio nível, por maiores que sejam as consequências da crise ambiental. É preciso inserir este interesse em outros segmentos da cultura e da civilização, de modo a gerar um contexto realmente universal e amplamente mobilizador.

Representa assim bem mais que uma reflexão apurada de todo este processo histórico: trata-se de uma síntese filosófica e vivencial que expressa a natureza da nova grande Lei espiritual, enquadrada numa moldura histórica e universal, realizada ao cabo de um intenso processo de buscas e realizações que têm envolvido, significativamente, gerações inteiras.

Você, prezado leitor, é certamente parte desta época e deste mundo, e a você cabe parte de tais responsabilidades e potenciais de realização. Que o presente "chamado" não se perca então no esmagante rol de informações-de-consumo do mundo moderno, e que possa alcançar àquela fonte única de vida, verdade e caminho que existe em cada um, que é o seu coração. Lembremo-nos que o caminho é estreito, e sua percepção até um raro privilégio. Os eleitos estão contados de há muito, não tanto por um número, mas por um "sinal na frente", ou seja: a mente esclarecida e o poder de síntese.

O mundo está realmente destinado a ser o palco da Perfeição, ou de outra forma a Criação não teria sentido. Mas, será que esta geração tem merecido viver no Paraíso? Acaso está ela capacitada a fazer a parte que lhe cabe, de modo a colher o que lhe é possível de sagrado?

Afinal, é mais do que hora das pessoas levarem a sério a Ecologia. Muitas vezes elas simplesmente se alienam em suas casas e esquecem o mundo. Paradoxalmente, alguns dos mais populares programas dos poderosos recursos de mídia, como a televisão e o cinema, dizem respeito a temas ecológicos ou naturalistas. Ainda assim, as pessoas vivem num faz-de-conta, na pretensão de poder "empacotar" a natureza enquanto o mundo "lá fora" é destruído como se nada valesse. Que triste ilusão! E quanta deformação de caráter nesta cultura!

Deus não criou o mundo para ser destruído pelo descuido do homem. Até os cínicos disto duvidariam. Por isto, o Criador quer agora que esta consciência faça parte ativa do próprio processo de redenção –ou perdição– pessoal. O descuido ecológico pode trazer hoje as piores consequências para a Alma ou, em contraparte, o cuidado devido à vida pode apurar os mais elevados cânones de felicidade e salvação (que são aqueles que unem espírito e matéria), na construção do Reino divino e na conquista da imortalidade. Tudo isto será investigado ao longo desta obra.

É chegada a hora da experiência da *totalidade*, e esta requer uma nova base: o meio-ambiente perfeito e saudável. Que esta experiência íntegra que nos promete a TUDO não sucumba diante do NADA! E que possamos despertar para esta nova Verdade e encontrar os caminhos para o nosso futuro.

Capítulo 1

O NOVO MANDAMENTO ECOLÓGICO

As grandes crises da civilização sempre se dão em torno dos temas mais sensíveis. O homem se debruça ostensivamente sobre certa dimensão da existência e se isto não é feito com habilidade e arte, gera desequilíbrios e crises de toda a ordem: sociais, psicológicas, etc.

Uma das coisas que deve ser buscadas então é o *equilíbrio*. Toda a verdadeira religião sempre enfatiza isto. Por exemplo: quando a humanidade está excessivamente mística, ela deve procurar o pragmatismo. E quando grassa o materialismo, ela deve procurar a abstração.

A religiosidade natural é possível não para cultuar elementos estranhos à natureza humana, como os seres da natureza e os mortos. Éla é verdadeira porque a natureza é bela, pura e também infinita. Sabemos que o *Éden* era um lugar naturalista, ainda que os signos da Civilização também se fizessem presentes. O que havia ali era a *harmonia universal*.

Não apenas o Criador e a Criatura, mas também a Criação é sagrada, e chegou a hora da humanidade explorar todos os seus meandros. As novas revelações espirituais enfatizam os Mistérios da Natureza. E amá-la mesmo em sua forma mais básica é a condição para o homem prosseguir evoluindo sobre este planeta.

Por isto, "debruçar-se sobre a Natureza" representa hoje mais do que poesia, saúde, ciência e sabedoria: é tudo isto reunido e conscientizado num contexto em que o homem necessita apurar, em definitivo e globalmente, as suas naturezas interior, pessoal, social e ambiental, gerando uma esfera cósmica em torno deste conceito ultrímimo de perfeição: a "Natureza".

Tudo isto representa a realidade de um novo grande Decreto espiritual para o mundo, fundamentado sobre leis cósmicas e expresso na forma de um novo Mandamento espiritual: "Amar a Criação como um reflexo da própria alma".

A relação entre "Alma" e "Natureza" é coisa direta, sobretudo em nossos dias e sob o novo momento de geração do Reino divino na Terra, direcionado à vida da Alma. Mas, sem respeito ambiental, esta vida interior não existe real e duradouramente.

A Natureza é uma daquelas poucas coisas que "faz a Alma respirar", e o faz "naturalmente", servindo, portanto, como contraponto e fundamento para toda a religião – especialmente para uma *religião científica* como deve ser hoje. Isto acontece em função do *nível* em que é compreendida a Criação, que é o da própria Alma divina, como revelam os mistérios marianos. É claro que a Natureza também está em evolução, mas seu Plano é

certamente de ordem anímica, razão pela qual ela conclui no Homem, criatura dotada de Alma por excelência.

Por esta razão, a Natureza está repleta de virtudes e ensinamentos, inclusive sobre as coisas espirituais, e não apenas em função das analogias existentes entre os mundos. É não estamos com isto recaindo numa nova idolatria fenomenista, tendendo a adorar os deuses dos locais; além do que, apenas os mais cegos negarão a importância da urgência ecológica em nossos dias.

O moderno esoterismo apresenta suas reflexões e imagens sobre os *devas* dos lugares naturais, o que pode ser administrado por pessoas esclarecidas e bem fundamentadas nos grandes princípios espirituais. A própria Criação em seu conjunto, coroa este quadro, e o Espírito também oferece uma expressão de síntese, a saber: o *amor matrimonial perfeito*, capaz de trazer todas as realizações possíveis ao ser humano, razão pela qual apenas pode ser obtido no perfeito contexto monoteísta e sob a plena harmonia dos Princípios sagrados: a mulher foi fruto do último ato criador divino. Paralelo a isto, existem as mais elevadas realizações espirituais possíveis, sobretudo na forma da conquista da Iluminação, a qual exige certamente a integração dos *Três Mundos Criados*: o Físico, o Psíquico e o Mental.

Tudo isto está sendo colocado ao alcance da humanidade hoje, inclusive como forma para a salvação planetária.

Esta nova síntese se expressa como sendo a mais imediata materialmente, mas também a mais elevada espiritualmente – "alfa e ômega", portanto –, por representar uma coroação dos processos históricos, e por abarcar e harmonizar dimensões que normalmente seriam campo de conflitos para a humanidade, como o da harmonia social e o do amor conjugal.

De fato, o conceito de "Natureza" pode comportar expressões de diversas índoles. Analisando o tema sob a ótica dos *Três Mundos*, ao nível material representa o meio-ambiente natural em si, incluindo o corpo humano, a ser trabalhado através da ciência humana. No plano psíquico, expressa a individualidade do homem, assim como o seu universo emocional, que pode ser revelado pela psicologia. E no plano mental, representa os dons superiores do Espírito santo, com seus poderes especiais, explorado pelos mistérios da religião.

Tudo isto pode ser observado pelo significado essencial das progressivas religiões do ciclo judaico-cristão-universalista:

Abrahão trouxe a religião do Deus-Pai e dos patriarcas (*ab* significa "pai").

Jesus trouxe a religião do Deus-Filho e da fraternidade (*Emanuel* é "Deus conosco").

E o Cristo traz hoje a religião do Espírito Santo e do conjunto, que é "Deus-em-nós" (*Maitreya*, um dos nomes orientais do novo Cristo, significa "O Amigo", sugerindo a difusão universal da luz sob a base da fraternidade espiritual).

Este grande processo espiritual histórico aponta, pois, para um plano cada vez mais aberto e abrangente.

E tais particularidades se acham presentes na própria designação que recebem tais religiões: o *Judaísmo* sugere uma religião basicamente racial – e o é fortemente até nossos dias, enfatizando sobretudo o culto externo e formal; o *Cristianismo* aponta para a fraternidade sedimentada no culto ao deus-filho, remetendo já ao universo interior e o próximo; e

o *Universalismo* (ou o *Espiritualismo*, ou mesmo o *Naturismo*) alude à cultura do cosmos em geral, sem quaisquer fronteiras, abarcando todos os povos e todas as épocas, inclusive com um sentido de síntese bem presente e acabado.

Tudo isto é, portanto, cumulativo e estrutural. Não se pode imaginar o sucesso social do Cristianismo sem um sentido de religiosidade bem instaurado. Tampouco haverá possibilidade de salvação ecológica hoje sem uma religiosidade que compreenda a origem divina da Criação e que motive a humanidade a lutar pela preservação do mundo em nome do Mais Alto ("pode o homem destruir aquilo que ele não criou?", é uma das grandes perguntas atuais), como também sem um sentido fraterno desenvolvido, que respeite o próximo "aqui e agora", e também o passado e o futuro.

Quando o homem pensa em sua salvação ou reflete sobre o seu carma, ele não pode deixar de considerar suas dívidas com Deus, com o próximo e com a natureza.

Estas três coisas podem ser de certa forma abarcadas dentro da tríplice expressão "Natureza", associada aos três planos inferiores.

Analisemos então os três níveis em que se dá esta nova *praxis* espiritual.

1. FÍSICO. No nível mais básico, o físico, esta nova Religião universal enfatiza o valor da *Natureza Criada*, do meio-ambiente natural, incluindo o corpo humano.

O homem é levado a conviver com a Natureza sob um espírito de comunhão espiritual. Vê então a Criação como um Templo vivo. Alí, o incenso são as flores, o altar são as rochas, o teto é o firmamento, as luzes são os luminares, e assim por diante. Certamente, também se hão de preparar ambientes especiais que inspirem tudo isto; no que os orientais certamente terão muito a ensinar (a atual difusão da ciência *Feng-Shui* é uma benção neste sentido).

Depois, ele vê a Natureza como um ser vivo, orgânico, onde os rios são as veias, as pedras são os ossos, a terra é a carne, as plantas são os pelos, os luminares são os olhos, os planetas são os sentidos, etc.

O ser humano aprende a tratar o seu próprio corpo como um Templo (já que, inversamente, o Templo é também uma imagem do Homem divino), através do qual pode experimentar a Verdade divina e todos os poderes superiores destinados ao homem-em-Deus. Deve aprimorar este canal de perfeição que é o corpo físico, até porque ele não é realmente diferente de sua alma. Por isto, procura com todas as suas forças a verdade biológica e natural do corpo material. Entende suas leis e necessidades, tratando de mantê-lo puro e regulado.

Assim, o homem pode ter certeza de que a Natureza Criada é não apenas um meio para a sua evolução, mas também um fim em si mesma; apesar de na vida futura nela subsistir apenas espiritualmente. Em todo o caso, deve ter consciência de que para viver a Eternidade num mundo bom, belo e saudável, ele deve tratar de prepará-lo aqui e agora: *este é o seu passaporte para a felicidade eterna!* No mesmo sentido, depois de desencarnado, havendo aptidão ao serviço e potenciais ao crescimento, ou se houver carma a ser resgatado, também deve seguir trabalhando em prol de tal ideal. Este ensinamento não é novo, mas é belo, lógico e sobretudo oportuno –talvez bem mais que as conjecturas reencarnacio-

nistas que mantêm falsas e perigosas expectativas, ao levar a crer que a vida presente não tem um valor único e supremo perante a Eternidade.

Para isto, tratará de manter uma relação harmoniosa com todos os seres em todos os reinos. Usará os bens naturais com parcimônia e respeito, obedecendo à Tríplice Proibição ecológica:

Não poluir a terra.

Não poluir as águas.

Não poluir o ar.

Neste sentido, pode ter segurança de que toda a transgressão ecológica lhe será cobrada, permanecendo "atado" ao carma ambiental pelo tempo que for necessário, até reverter a destruição ou a contaminação causada. E em se tratando dos modernos produtos artificiais, podemos estar falando em termos de séculos ou até de milênios...

Acaso poderiam ser diferentes as coisas? Que cada um ponha a mão na consciência e reflita a respeito.

Certamente, uma expiação especial também pode ser realizada; e algo "intensivo" pode ser feito em menor tempo, visando a "compensar" o carma ambiental. Mas não nos iludamos muito: a produção individual de resíduos inorgânicos é hoje tremenda, para não falar de outras formas de depredação indireta que cometemos, como ao consumir produtos que empreguem ciclos nocivos (plásticos, venenos, etc.).

Mas o homem moderno já é sensível à beleza e à harmonia natural, e delas necessita urgentemente para contrabalançar a complexidade de sua existência artificial e neurótica. A forma como desenvolve esta prática é mediante o *naturismo*, o qual busca definir e utilizar o conjunto de dádivas naturais que o homem deve empregar.

Então, tudo isto representa o chamado "Portal do Paraíso".

2. PSÍQUICO. Quanto ao plano psíquico que contém a individualidade do homem e seu universo emocional, é fomentado pelo sentido de fraternidade que "abre" o coração, definindo uma energia grupal e de ordem psíquica. Trata-se da *Natureza Criante*, a humanidade em si enquanto elo universal entre os reinos, e que pode ser definida pela ciência da Astrologia.

Este remete também ao chamado Corpo Astral, o principal veículo para a Alma após a morte do corpo físico. Tal veículo deve ser apurado para que a Alma possa manter coesão após o desenlace material. Sua plasticidade é imensa, estando relacionado ao sentimento e à imaginação, sendo por isto o objeto principal do carma. Mas ele também se identifica muito com o físico, de modo que deve ser treinado para que se liberte dos limites materiais, no caso, as viciosidades psíquicas oriundas da má cultura e da falsa educação.

Este corpo emocional deve ser mantido puro através do cultivo dos sentimentos nobres e fortalecido pelo serviço espiritual, visando o desenvolvimento dos dotes psíquicos humanos.

Para isto, deve se identificar com todos os seres em Deus. A luz gerada neste nível confere o verdadeiro *sentido* da vida humana, e é nele que se dão os grandes encontros e revelações. Neste aspecto, a filosofia mais estimulante e própria deste plano é o *roman-*

tismo. E por isto, seu carma principal é aquele cometido contra as leis naturais dentro da sexualidade e contra os preceitos da fraternidade.

3. MENTAL. Por fim, no plano mental o homem tem acesso aos dons superiores do Espírito Santo, à *Natureza Criadora*, gerando um sentido de *universalismo*.

O corpo mental também deve ser treinado. Os cientistas dizem que apenas 10% da mente é usado pelo homem atual. Boa parte deste potencial diz respeito ao trabalho com outros níveis, para os quais a mente é um verdadeiro portal, na medida em que seja treinada. Deve ser mantida pura pela seleção de estímulos e informações, e fortalecida pelo estudo e concentração. A unidade é uma tendência desta esfera, e o Espírito Santo, que é universalismo, transforma o sentido cristão-emocional de "identidade" em Deus, na concepção da complementaridade global das partes da Criação, transferindo a ênfase divina desde a imagem superior obtida, para os próprios componentes do todo, enquanto sínteses individuais do conjunto em ação. A ciência da Holografia é muito instrutiva neste sentido.

A criatividade é uma característica desta etapa, e é através do Mental que podem ser abertas as portas superiores do Além, revelando os dons espirituais que todos possuem.

Aqui temos também a definição da nova espiritualidade, na forma do Universalismo. A palavra "universo" costuma ser aplicada ao Todo enquanto Criação. E cada vez mais este conjunto vem adquirindo uma conotação sagrada. Assim, pode-se definir a nova cultura sagrada como a prática daquilo que é universal. Mas esta etapa também se denomina Espiritualismo, por estar o Plano Mental incluído na Tríade Espiritual, e por coroar o quadro que expressa esta dispensação espiritual regida pela 3ª Pessoa da Trindade, o *Espírito Santo*.

Resumamos então alguns itens que caracterizam este quadro de trabalhos:

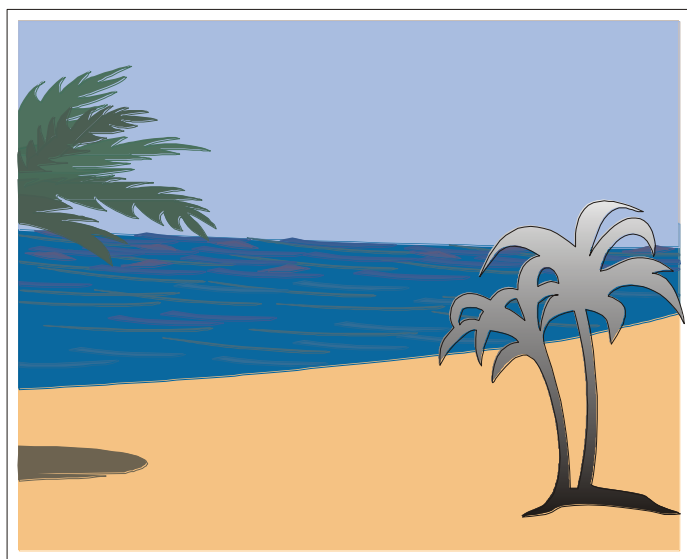
1. Plano Físico *Natureza Criada* Naturismo ... Dádivas.
2. Plano Emocional *Natureza Criante* Romantismo ... Dotes.
3. Plano Mental *Natureza Criadora* ... Universalismo .. Dons.

A síntese operativa de tudo isto, expressa como o Espiritualismo, é a "filosofia" do Espírito Santo, capaz de integrar todos os opostos da Criação.

Através deste quadro o Deus-Trino opera de forma unida gerando o Sagrado Quaternário, o *Tetragrammaton* IHVH ou a *Tetraktys* 1-2-3-4, geradora do *Quarto Tempo*, a Eternidade.

O quatro centraliza a tríade. O Quarto Reino é o da humanidade, onde o homem expressa a sua dádiva única, a da *consciência*, que é também sua verdadeira Alma. Aqui surge então o Quarto Mandamento: *Não poluir o homem*, ou "não poluir a Alma". Os sentimentos superiores devem ser preservados, isto é, a cultura deve ser elevada, e também o conjunto dos seus veículos.

Este Mandamento-síntese está de certo modo incluído nos restantes, mas serve para coroar o panorama da civilização humana.



As energias das ondas poderão ser aproveitadas no futuro, com excelentes resultados. Mas hoje, as praias são verdadeiras armadilhas ambientais. Além dos resíduos de óleo nas areias e da contaminação das águas, o Sol também se torna uma fonte de energia perigosa quando assimilada diretamente pela pele e pelos olhos.

Capítulo 2

O EVANGELHO DA NATUREZA

Segundo certas visões, estamos adentrando na Idade do Espírito Santo, ou do Espiritualismo. Uma das formas de entender isto, é o fato de estarmos iniciando o Terceiro Milênio da Era cristã. E o terceiro elemento sempre se relaciona à Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo.

Este fato está simbolizado pelas águas que jorram da urna do Aguador no signo de Aquário, representando a plenitude dos tempos e o coração amadurecido da humanidade. É também a pomba do Espírito Santo, ou *Hamsa*, o cisne que serve de veículo a Brahma, a 3ª Pessoa da Trimurti hindu e o deus da Criação. Isto estabelece um primeiro vínculo entre o Espírito e a Natureza.

Vejamos como isto tem ocorrido à luz da evolução das religiões ditas "monoteístas".

Quando Moisés estabeleceu suas leis, ele pretendia determinar regras religiosas e sociais básicas a um povo atado à idolatria e até à selvageria, sem amor próprio e sem dignidade, saído de um longo cativeiro, símbolo do estado animal-humano.

Quando Jesus trouxe as suas Bem-Aventuranças, apresentou palavras de júbilo para aqueles que o seguissem, de modo que pudessem encontrar tudo aquilo que prometera através do Senhor e de "suas coisas". Se isto não se deu em plenitude, foi porque a época e os contextos culturais não foram favoráveis à elaboração de um quadro cristão pleno. Sequer na Idade Média tivemos tal coisa, uma vez que o poder da Igreja quase sempre esteve mais focalizado nas questões espirituais e, sobretudo, "transcendentes" –mais especificamente nos "novíssimos": céu, inferno e ressurreição–, sem perceber que eram realidades vitais apenas num futuro algo remoto, e que em sua própria época a dimensão social era realmente a mais importante. Como carma disto, surgiu a Revolução Francesa, seguida por muitas outras revoluções. A Igreja, historicamente lenta para se aperceber das coisas por lhe faltar o dinamismo espiritual, tenta agora resgatar seu ideário humanista, mas eis que surge uma Nova era, à qual deveria estar mais atenta. E ela vem procurando fazer isto pelo pedido de perdão aos prejudicados históricos (cientistas, filósofos, mulheres, índios, judeus, maçons, esquecendo ainda muita gente, como os templários, os cátaros...), e até pelo reconhecimento do valor sagrado da Natureza.

Hoje, Maitreya traz o júbilo naturalista, proclamando a divindade imanente em todas as coisas criadas, afirmando a sublimação de todo o mal e distinção. Para viver isto, o homem deve ter um enfoque puro e devotado da Natureza.

Talvez a dimensão sagrada da Criação fique mais clara perante a Morte. Desejamos morrer? Não!, é claro. Mas, se a morte física é inevitável, desejamos "ao menos" permanecer espiritualmente vivos nesta Terra, quiçá aperfeiçoada, ao invés de sofrermos a Segunda Morte ou mesmo irmos para os infernos. Para isto, devemos tratar de merecer estas coisas.

A salvação da Segunda Morte e do inferno representa talvez as grandes dádivas apresentadas no Apocalipse (vide Cap 20, 13-15). E estes fundamentam os "Novíssimos", cuja grande hora é finalmente chegada.

Assim, a salvação adquire uma dimensão diretamente naturalista: a "Vida" em si, e a sobrevivência, mesmo da Alma, para permanecer na Terra purificada, representam os objetivos ultimos. Por outro lado, permanecer com a alma num mundo poluído e devastado seria o inferno...

Se a Criação se torna em motivo de transcendência, é porque ela representa em si um novo fundamento sagrado.

A Natureza Criada é, portanto, a base para um Novo Evangelho, espiritualista e naturalista, inspirado tanto nos dons do Espírito como nas belezas naturais que sugerem as glórias do Universo e de seu Criador.

É chegada a hora de a humanidade enxergar na Criação o fundamento de sua felicidade eterna, e os alicerces do Templo de Deus.

Amar a Natureza não é apenas um gesto sentimental, mas reflete um estado de espírito integrado ao Todo, e particularmente voltado para o futuro. Em nossos dias, tal coisa se afirma como um imperativo ético e existencial no mais amplo sentido do termo, inclusive em favor da sobrevivência da Terra.

A primeira preocupação do Evangelho da Vida, é apontar para o gozo da existência na Criação. A Natureza é vista como um ambiente de perfeição, saúde e liberdade, integrando a Verdade divina.

Quando o homem é capaz de amar e respeitar a Natureza, ele cresce espiritualmente, pois a Criação é divina em suas origens.

Eis que o Senhor Maitreya proclama o seu novo *Evangelho de Júbilo* natural:

Rejubilai-vos com cada montanha da terra.

Rejubilai-vos com cada fonte de água.

Rejubilai-vos com a canção de vento.

Rejubilai-vos com o poder do fogo.

Rejubilai-vos com cada pequena flor.

Rejubilai-vos com a tela de estrelas.

Rejubilai-vos com a magia da Lua.

Rejubilai-vos com o esplendor do Sol.

Este é, portanto, um *Evangelho de Júbilo* que ensina a olhar para a Criação e a gozar com sua presença. A felicidade é simples, e ela está em grande parte na contemplação da obra de Arte suprema que é a Criação... Obra esta que de resto apresenta muitas dimensões, para a saúde física, emocional e mental.

Mas o homem deve purificar-se e liberar-se para poder gozar intensamente como deve e como merece a Criação. Deve ser íntegro e viver intensamente o aqui-e-agora, coisa que apenas o auto-abandono pode permitir. E então este *Evangelho de Júbilo* terá pleno sentido para ele.

A seqüência destas sentenças, ditadas pelo Espírito santo, obedece a uma estrutura natural e lógica, ascendente e também simbólica, assim como cada um de seus elementos, que correspondem a uma ordem *cosmológica*.

Sua difusão destina-se a salvar e a expressar a Criação e suas virtudes, trazendo as novas bênçãos divinas ao mundo. Desde a primeira vez que este Evangelho foi pregado com Espírito, a Natureza vem se renovando, de fato ou simbolicamente. Por vezes, chuvas inesperadas interrompem longas e calamitosas estiagens, simbolizando a renovação do Espírito em toda a Criação. Outras vezes traz o Sol de volta impedindo as enchentes. Também por isto, ele toma a Terra como testemunha de que este é o verdadeiro Novo Evangelho de Deus, e toda a vez que ele for cantado, proclamado e recitado, a Natureza se regenerará em algum grau, dentro e fora do homem. É ele que consagrará os atos dos novos filhos de Deus, aqueles que incorporam o amor ao Criador e à Criatura, também o amor à Criação, os chamados "aliados da vida".

OS ALIADOS DA VIDA

A compaixão humana desenvolvida na era passada deve agora se universalizar por toda a Criação.

Quando Jesus declarou: "Eu sou a Verdade, o Caminho e a Vida", estava equiparando os três conceitos em Deus. A Vida é, portanto, uma expressão da Verdade, e vice-versa, além de ser um Caminho sagrado. Assim, é impossível encher-se de Vida sem ser também um campeão da Verdade, alguém repleto de Espírito.

Mas "Vida" é também um conceito que pode apresentar diversos níveis, sendo o mais evidente aquele que vê na ecologia e na chamada biologia a sua expressão mais básica.

Para o espiritualista, esta vida biológica traduz um nível da Grande Vida que está em Deus. Neste aspecto, a própria Criação representa um dos grandes Princípios divinos.

Faz parte da cultura da Natureza Edênica a proteção de toda a forma de vida. Não está no homem determinar sobre o direito à vida das criaturas, e nem deformar ou limitar a sua expressão.

Isto implica em vários atos sábios, generosos e até corajosos, pois aquilo que é realmente bom tem seus desafios e compromissos; embora a sabedoria possa aplinar sempre os caminhos. Assim, um destes atos nos leva de início ao *vegetarianismo*, como respeito aos seres vivos animados e também à própria natureza humana superior, biológica-

mente expressa. Outro gesto, nos leva à proteção e defesa dos seres vivos e do meio-ambiente em geral, no sentido da militância ecológica, assim como o incremento do contexto natural na forma do paisagismo sagrado (*Feng-Shui*), por exemplo. E um terceiro no conduz ao devido respeito a toda vida espontânea, o que não significa reduzir-se às minúsculas preocupações dos jainistas, mas certamente ser contra o assassinato de animais em geral e especialmente contra a prática do aborto enquanto recurso covarde de comodidade.

Com isto, certamente muita atividade terão os Aliados da Vida. Mas isto não os preocupa, eles conhecem seus deveres e a dimensão de seus trabalhos, pois, sem dúvida, os Aliados da Vida não são *alijados* de vida.

Os recursos necessários à conquista destes processos podem variar. Por vezes, ser vegetariano exigirá certo retiro, até como forma de sustentar a crescente sensibilidade – o que é em tudo bom e saudável.

Defender e fomentar a vida exigirá recursos financeiros e atitudes políticas. O sábio logo descobrirá que apenas um idealista ecológico no poder assegurará tudo aquilo que é necessário, sem a comum demagogia e negligência que o restante apresenta. Compreende-se afinal que quem protege a vida vegetal e animal muito mais fará pela humana.

Por fim, ao respeitar o processo natural da vida, seu defensor não apenas acatará as "ordens da Natureza", como também trabalhará pelo bem estar de todos os seres humanos (e não-humanos). E com isto ele poderá penetrar na política, sempre que tal atividade esteja sinceramente emoldurada pela espiritualidade, ou seja, com sentido de justiça e de hierarquia, já que também trabalhará para que os sábios possam governar o mundo e difundir as Verdades sagradas.

O certo é que a regeneração do mundo deve ser feita por "mãos e pés humanos". O homem, como espécie ou como reino, e por deter um livre-arbítrio, é também profundamente responsável por seus atos, e ele deve compreender as suas responsabilidades: aquilo que ele fizer, certamente colherá –inclusive depois da morte, e *também os seus descendentes*, pois esta é uma forma palpável de demonstrar o carma ao mundo.

Ao mesmo tempo, isto deve ser feito sob a inspiração e a coordenação divina, para que frutifique e se legitime.

Os verdadeiros ecologistas deverão ocupar cargos de governo no futuro, como já vem fazendo. Alguns até compram ações de grandes empresas para influenciar os seus rumos (é o chamado "capitalismo verde").

Não é difícil ao ecologista possuir uma visão holística ou de síntese. Aquele que ama as criaturas não deixará de amar o homem; aquele que protege o meio-ambiente não abandonará a sociedade, pois ele sabe que isto apenas iria degradar o próprio ambiente. Certamente ele pensará sempre em termos de economia, reaproveitamento e valores mais nobres. A própria ecologia é um dos valores mais nobres que existem. A saúde e a paz resultante do contato direto ou indireto com a natureza representam "alternativas" ina-

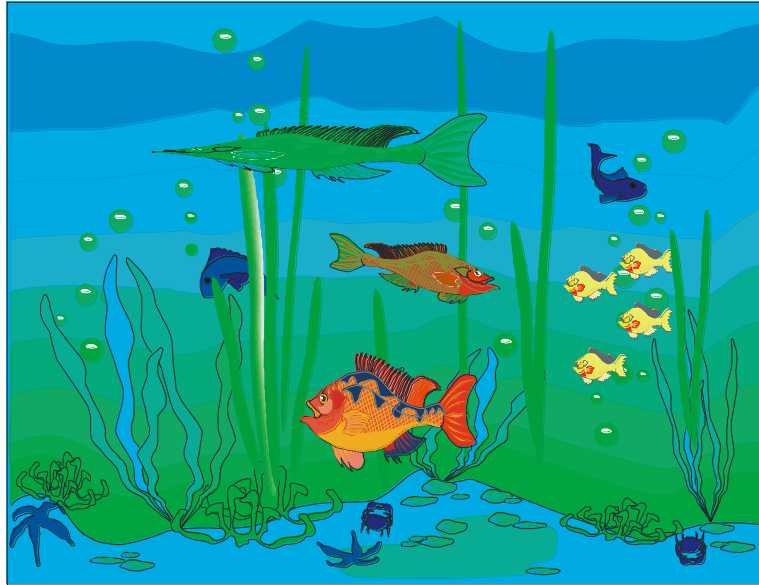
lienáveis para o quadro da enfermidade psíquica e alienação a que se encontra sujeito o homem nas sociedades de consumo e nos meio-ambientes artificiais.

A sociedade não pode prosseguir se amontoando nos currais-de-consumo urbanos que são as grandes cidades, se pretende salvar a sua consciência e até os seus corpos das enfermidades. Muitos deverão tratar de buscar a própria existência natural, seja de forma experimental ou sistemática. Neste aspecto, uma reforma agrária pode ser um princípio econômico vital, e também um preceito espiritual inalienável.

É preciso valorizar "Walden" ou "A Vida nos Bosques" juntamente à "Walden II", a utopia da Comunidade científica. Que sejam tomados como complementos. Cada comunidade deve procurar não apenas estar emoldurada por recursos naturais, como também ter sua área de natureza "intocada", capaz de prover experiências ecológicas intensas e inesquecíveis, em momentos privados com o Criador e na intimidade com a Criação.

A propriedade privada deve ser harmonizada com a propriedade comum. Esta é uma prática natural nos meios rurais, trazida pelos imigrantes ao sul do Brasil.

Nós afirmamos que a felicidade é possível, e que ela reside antes de tudo na "simplicidade original", obtida unicamente sob o Cânone da Perfeição.



A vida veio dos mares, e o fundo dos oceanos abriga o mais exuberante espetáculo de beleza e de variedade biológica.

Mas, além do imenso caudal de esgotos domésticos e industriais *in natura* que as águas do planeta recebem continuamente, também neles são despejados efluentes de toda a sorte, como nos constantes acidentes petrolíferos ou mesmo nas limpezas de tanques, além de serem alí sepultados resíduos como os de natureza atômica, e também jogado lixo dos navios que transitam sobre os rios e os oceanos. –Isto é Civilização?, pergunta-se.

Capítulo 3

O CÂNONE DA PERFEIÇÃO

O *Cânone da Perfeição* é a perfeita expressão da "Trindade", a unidade dos três Princípios Eternos representados pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo, e que a abordagem universalista-naturista-romântica também define como *o Criador, a Criatura e a Criação*.

Esta última corresponde melhor à tríade que existe no hinduísmo, chamada *Trimurti*, composta por *Brahma* o deus-criador, *Vishnu* o deus conservador, e *Shiva* o deus transformador.

Brahma também pode ser ternário na forma do *Brahman* que inclui Vishnu e Shiva, ou seja, os três princípios "coeternos no Pai".

Em termos práticos, significa a experiência conjunta e sagrada da *espiritualidade*, da *fraternidade* e da *ecologia*.

É a solução para a Quádruple Mácula trazida pelo Pecado Original, na forma do afastamento da hierarquia (acarretando na morte do corpo e da alma), na desarmonia social (acarretando no trabalho suado e na perda da liberdade), na desarmonia afetiva (acarretando na divergência do casal) e na desarmonia ecológica (acarretando no parto com dor).

Chamamos "Cânone da Perfeição" porque expressa uma *Totalidade*. Espiritualidade diz respeito ao Espírito criador; Fraternidade refere-se à Alma universal; e Ecologia diz respeito à Personalidade criada. Assim, percorremos todos os Alinhamentos que formam a Unidade divina.

Trata-se dos três grandes Princípios Eternos que vêm sendo estabelecidos pelo ciclo das religiões judaico-cristã-universalistas, isto é, incluindo o presente ciclo que se inaugura hoje, mas que de certa forma também vem sendo implantado já a partir da Renascença.

Assim, na Era de Áries, o Judaísmo foi a religião do Deus-Pai, onde foi desenvolvido o princípio da espiritualidade, com seus cultos e ritos formais característicos, determinando a *base vertical* ou Hierárquica da unidade entre o Deus-Pai criador e os homens através de uma religião-modelo: o Monoteísmo.

Depois, na Era de Peixes, o Cristianismo foi a religião do Deus-Filho que expressou o princípio de fraternidade, fomentando a unidade das pessoas de maneira independente das formas antigas e externas, e implantando a *base horizontal* ou de Polaridade entre a Criatura perfeita e os homens em geral, para além das formas externas, mediante o ideal da fraternidade-modelo.

Com estas duas etapas estava, pois, estabelecida a Cruz espiritual.

E hoje, na Era de Aquário, o Universalismo representa a religião do Deus-Espírito Santo, expressando o princípio da ecologia e a difusão universal da Verdade em cada religião e através de sua renovação, reunidas e atualizadas numa nova Igreja universalista.

Eis que a cruz gera movimento e luz! *A Quintessência.*

Obviamente, a chegada desta etapa de síntese e culminação, expressa pelo ciclo universalista, reúne tudo isto e trata de expressá-lo de forma integrada, visando os potenciais plenos que possui. Determina a base universal, transdimensional e atemporal, pela unidade entre a Criação perfeita e os homens de todos os tempos e lugares, implantado a correlação interior-exterior que fundamenta o princípio da Psicologia.

Isto implica portanto numa ampla valorização da Natureza, em suas três expressões: espiritual, humana e ecológica.

Este fato, apesar de coroar a evolução histórica grupal, no processo do indivíduo representa também uma base evolutiva, sobretudo na espiritualidade do Novo Mundo: o *Naturismo* (não confundir com o simples nudismo –ver sobre o tema adiante).

É claro que a experiência naturista, que estabelece a última etapa grupal do "Cânone do Paraíso", requer basicamente a vivência rural ou natural. Não se pode imaginar o verdadeiro Paraíso sem a liberação das vestes, da religião formal, do trabalho suado, do parto doloroso, da desarmonia conjugal e da morte –ou seja: de tudo o que marcou a perda do Paraíso segundo o Genesis.

A base para tudo isto é a *vivência natural*.

Certamente é difícil ou impossível para todos possuir uma propriedade rural, mas talvez nem seja este o caso. Na futura Pátria da Luz, a propriedade se harmoniza com a comunidade. Até porque, um outro princípio fundamental é a *convivência grupal*, simbolizada espiritualmente no rito cristão do Ágape e pela Eucaristia, que veio substituir grande parte da carga litúrgica e cultural da religiosidade individual que estabeleceu a unidade "vertical": a simples comunhão grupal já insere uma forte dose de espiritualidade ao homem e abre o seu coração ao próximo, definindo a polaridade "horizontal" e estendendo com isto as bênçãos ao próximo. Como isto é feito "em Nome do Senhor", um outro grande princípio espiritual fica também estabelecido.

Por fim, a convivência natural e naturista completa o quadro, e neste caso a Natureza também ocupa uma terceira posição que enriquece e dá maior sentido à comunhão e à espiritualidade, integrando tudo isto na Trindade perfeita. É apenas a partir deste terceiro momento que a própria síntese humana-social pode ser sistematicamente encontrada, na forma do verdadeiro matrimônio sagrado, dádiva suprema do Criador que reúne o Cânone da Perfeição e expressa o Cânone do Paraíso. Além disto, é apenas desta forma que as mais elevadas experiências espirituais podem ser alcançadas. Pois a adoção do naturismo libera a harmonia da polaridade interior-exterior, trazendo à luz a Alma na sua plenitude.

A diferença entre tais Cânones, é que a Perfeição representa um sendeiro ascendente de aspiração, busca e conquista, e o Paraíso expressa a realização descendente da expressão, da entrega e da bênção. É a tradicional relação existente entre a Mística e o Sagrado.

A COMUNIDADE

Quanto à Comunidade em si, ela pode ser organizada, em termos fundiários, de forma variável, dependendo de cada caso. Pode se dar na forma de terrenos em comum, ou por lotes domiciliares reunidos em torno a um terreno comum, semelhante a certas organizações tradicionais como o modelo platônico de cidade circular com sua praça e templo centrais, ou mesmo algumas organizações tribais com seu terreiro de ritos ao centro. Em qualquer caso, todos devem ser informados das vantagens e desvantagens de dada situação, assim como das funções a que se destinam em cada caso, procurando adequá-las.

Esta é, de qualquer forma, apenas uma experiência-básica, pois o *Grande Ágape* deve ser hoje realizado ao nível da grande Comunidade Internacional, a qual se expressa identicamente na harmonia entre individualidade e comunidade, ou igualdade-na-diversidade. Representa a expressão da máxima ecológica "pensar globalmente e agir localmente".

Cada nova expressão divina *redimensiona* a anterior. Foi assim que o amor universal do Cristo trouxe uma expressão ampla do monoteísmo, servindo para afirmá-lo também em todos os povos e não mais limitando a Verdade aos judeus. E é assim que, hoje, a afirmação do sentido ecológico nos faz ver sem pudores e véus a Criação como obra divina, concretizando o Reino "aqui-e-agora", e também o ideal da fraternidade universal como uma realidade presente e pungente.

Neste sentido, o progresso das comunicações e o próprio espírito de globalização impõem já fortemente este estado de coisas. Mas a experiência rural-comunitária-espiritual educa e fortalece este espírito e o fundamenta. Pois alguma base "concreta" deve haver e é necessária, para não se permanecer na teoria; ou seja, a expressão unida da religiosidade, da fraternidade e do amor ao natural.

Como vivenciar isto? Tal coisa não é impossível, pois, em função de sua perfeição, sua estruturação tem sido estimulada por diversas ordens através dos tempos e os lugares.

Mesmo nos tempos modernos, esta idéia ganhou força, especialmente entre os jovens.

Assim, para todo aquele que deseja realizar uma experiência existencial madura e de alguma forma completa, existe uma fórmula eterna que integra e expressa o *Cânone da Perfeição*: é a comunidade-mística-rural.

Através dela, pode-se integrar os três Princípios divinos, sendo esta a razão pela qual tão ricas e variadas experiências podem ser obtidas em tais lugares, que representam centros verdadeiramente abençoados, mesmo apresentando lacunas e imperfeições na expressão de alguns destes princípios.

Na Índia encontramos os exemplos mais tradicionais. O conceito de Ashram expressa esta comunidade de discípulos centralizada pelo Mestre espiritual. Geralmente são "rurais",

podendo situar-se também em montanhas e até em locais semi-desérticos, quando formam realidades com um caráter evocativo especial.

A presença concreta do Mestre alude a uma síntese acabada, posto representar a harmonia entre os Três Princípios da Trindade. O matrimônio místico da Iluminação forma um perfeito paralelo com o matrimônio sagrado entre cônjuges realmente predestinados, e muitas vezes virá em sua coroação. Para isto, as bases são os três princípios do Cânone da Perfeição.

O importante é, basicamente, termos consciência da situação do mundo em que vivemos e de nossa realidade interior, em todos os seus níveis, tratando de fugir à *Tripla Aridez*. O urbanismo agressivo e exclusivo representa a aridez do Corpo; a expressão da competitividade e do egoísmo expressa a aridez do Sentimento; e o materialismo e o ceticismo representam a aridez da Mente.

O "remédio" para tudo isto é procura da Ecologia, da Fraternidade e da Espiritualidade. Apenas as três realidades juntas é que podem proporcionar as grandes soluções e abrir todos os caminhos. Por isto, não raro observamos que aquilo que vivenciamos em tais ambientes, representa bases para o trabalho de toda uma vida. Deus investe especialmente nestes lugares, e investe também naqueles que lá habitam e naqueles que os procuram e fomentam.

É apenas na comunidade-rural-mística que podemos realizar com perfeição as *Três Vivências Perfeitas*, que são: culto em comum, refeição em comum e trabalho em comum.

Como se trata de uma expressão da Trindade, deve-se ter claro que buscar desenvolver apenas um ou dois destes princípios compromete o conjunto. O ideal é poder compactuar com os três Princípios de forma harmônica e real, e certamente um grupo de valorosos servidores sempre tratará de viver esta experiência de forma sistemática.

Por outro lado, quando não se puder permanecer a maior parte do tempo nestas condições, também se pode tentar atuar de forma ocasional e até indireta, por exemplo, desenvolvendo visitas e peregrinações, e também "atividades-pró". Como exemplos de atividades *pró-ecologia*, teríamos passeios ecológicos, alimentação natural e publicações que educassem para o meio-ambiente. Como atividades *pró-fraternais*, teríamos grupos de assistência social, militância política-sagrada e a difusão de preceitos universais. E como atividade *pró-espiritual*, a publicação de livros esotéricos, centros de meditação e ioga com palestras e cursos sobre espiritualidade.

Como forma de integrar tudo isto, seria muito importante o desenvolvimento do turismo místico-ecológico, que pode ser pelas redondezas dos grandes centros. Um circuito especial serviria para auxiliar as comunidades místico-rurais, inclusive as carentes de recursos e gente, e também para sanear por sua vez as carências dos homens urbanos pelo excesso de artificialismo em que vivem, representando uma forma moderna e sábia de expressar o princípio sagrado da *peregrinação*. Mais que isto, qualquer sistema social sábio induziria as pessoas a ter pelo menos um período de experiência neste sistema purificador e enobrecedor.

Naturalmente, muitos perguntarão sobre o destino das cidades e seus habitantes, inclusive tendo em vista preceitos do urbanismo sagrado tradicional, tal como temos divulgado de forma sistemática (vide *Jornal Paralelo* ☸). As cidades antigas –e de certa forma a própria origem da *urbe* se relaciona a isto– comumente apresentavam um caráter sagrado e central, expresso no conceito de Cidade-Estado. Havia uma ordem superior, simbolizada por vezes em padrões mandálicos urbanísticos, e que incluíam a presença do Rei-divino em seu centro, numa verdadeira imagem de mesocosmo.

Sem dúvida, a ordem urbana apresenta suas vantagens, mas ela facilmente degenera se não for realizada uma organização extremamente meticulosa e sábia, quer dizer, *solar*. A sociedade moderna deve refletir urgentemente em tais coisas, pois ela vem cada vez mais se espremendo nas grandes cidades, com terríveis conseqüências globais.

Pouco há para se dizer de bom das condições atuais das cidades, sobretudo no Terceiro Mundo. Verdadeiros infernos, torturam a alma e o corpo e impedem toda a existência espiritual, que quando alcança aflorar por algum esforço especial, fica imediatamente comprometida no quadro caótico e opressivo que a cerca, cujos malefícios se insinuam imperceptivelmente na alma como uma serpente, até esvaziá-la de todo.

Por isto, antes de mais nada, as cidades devem ser saneadas e seus moradores desalienados, através de um programa sistemático de integração social e melhoria ambiental. É claro que os recursos de mídia poderiam ajudar muito se fossem bem empregados. Mas isto parece impossível sob a estupidificação consumista.

A sociedade não possui ainda maturidade espiritual para começar um processo de melhoria, inclusive no plano político, porque as pessoas guardam muitas ilusões a respeito de si próprias, do próximo e do mundo. Daí que não apenas novos fundamentos espirituais devem ser implantados, mas também bases naturais, porque hoje mais do que nunca, representam a única segurança para uma evolução real, já que se trata de chaves *universais*.

Seria bom que a sociedade urbana desenvolvesse um trabalho de organização superior. Mas a qualidade de consciência parece no geral tão deformada que as coisas puras não podem ser captadas e as verdades dificilmente chegam onde deveriam. O sistema impõe o medo e o terror. A poderosa mídia se encarrega de vender ilusões e falsas esperanças aos cidadãos; então, as cidades passam a servir meramente de currais de consumo. As próprias informações são assimiladas para consumo e "entretenimento", sem o sentido de urgência necessário e de ação correspondente; verdadeiras denúncias são realizadas a cada momento, que normalmente deveriam escandalizar a todos; no entanto, por maior que seja a catástrofe, ninguém mais acredita em nada; tudo é falso e superficial, e a própria vida parece ter perdido a sua importância...

É difícil sair deste processo, mas aos poucos brechas são abertas. Mesmo que o "sistema" sempre procure absorver as tendências e deturpar as verdades, sem se importar que o mundo esteja caindo velozmente no abismo. A sociedade deve despertar urgentemente para esta "síndrome do escorpião" que domina a humanidade e a afasta do Criador, e que hoje a coloca perante o caos absoluto. Deve tratar de outorgar rapidamente o controle

das instituições aos sábios, como previa. Platão. Esta é a única salvação possível a curto prazo.

Os iniciados e os iluminados são também grandes guerreiros, dotados de informações especiais para o bem e para o mal. A sociedade não poderia enfrentar os terríveis inimigos da Luz, e nem subir na cruz redentora como seus salvadores fazem por ela. Mas deveria ao menos colocar seus heróis no comando das instituições, de modo que o trabalho redentor possa ser completado e as pessoas dirigidas para a verdadeira felicidade, ao invés de se verem encurraladas nos vícios e nas mentiras.

Por isto, é muito importante saber discernir o verdadeiro Cânone, pois as coisas mais elevadas não são fáceis nem evidentes: "estreita é a porta da salvação". Tenha-se presente assim que existem também o Anti-Cânone e o Falso-Cânone. O Anti-Cânone é fácil de perceber: trata-se da simples negação ou do evidente oposto à verdade. Assim, ao espiritualismo e ao gnosticismo opõem-se o materialismo e o ateísmo; à fraternidade e à cooperação, opõe-se o individualismo e a competição; e à ecologia e à saúde, opõe-se o consumismo e a deterioração física e moral.

Escapar disto não é tão difícil ao nível individual. Mas eis que surge a armadilha do Falso-Cânone, que se expressa como um Cânone isento de suas bases mais profundas, porque substituídas pelos valores materialistas, individualistas e consumistas do Anti-Cânone. Assim, o Pseudo-Cânone, mais sutil, substitui a base religiosa pelo esoterismo superficial, pelo fanatismo religioso ou mesmo ao culto exterior e automático; o sentido de fraternidade e o comunitarismo ecológico cedem lugar a um misticismo individualista e competitivo e ao comunismo econômico; e a consciência ecológica se expressa de forma meramente discursiva ou apenas mediante atos externos e de menor conteúdo e comprometimento, ou mesmo através de cultos de origem naturalista e xamânica.

É assim que vemos tantos grupos de esotéricos e religiosos "felizes" atuando de forma menor, separada e pouco responsável no mundo. O teatro místico abre suas cortinas em toda a parte, levando suas mensagens de pseudo-religiosidade e seu esoterismo superficial, desviante e desagregador. E o Mal quase se compraz com estas manifestações pouco comprometidas.

É preciso enfatizar que o esoterismo externo apenas tem lugar durante o processo de busca do Graal. Mas quando a Iluminação é conquistada por um Buscador eminente, então uma nova Ordem é imediatamente configurada. Nesta, o esoterismo até pode ser usado para sinalizar, através da maestria, o novo Centro de Luz e tentar atrair para ele as boas almas. Quando tal coisa já surge, deve sugerir que o Processo já se encontra finalizado; como de resto provam certos *sinais* concedidos, inclusive com diversas formas de expressão mundial.

E acaso já não é hora para tal coisa ocorrer? Será que o mundo e as religiões formais podem continuar a usurpar o senhorio da Terra ao Criador? Será que os povos podem permanecer existindo sem um sentido exato de cooperação e fraternidade? E será que os homens ousam continuar ainda a existir alheamente sem prestar o devido respeito ao meio-ambiente?

Ora, se é evidente que isto não pode mais acontecer, então é chegada a hora para o Cântone da Perfeição... e do Paraíso.

Ao consumir-se o Cântone da Perfeição, ele se torna o Cântone do Paraíso, expresso, antes de tudo, através de uma espiritualidade realmente monoteísta, e paradoxalmente universalista, capaz de iluminar todas as coisas sem se desviar pelas distintas formas ou se confundir com as diferentes fórmulas: tudo é conhecido e as formas externas (sempre que *regulares*) tendem antes a sugerir verdades eternas sempre renovadas. Por isto, também está aberto a um espírito de fraternidade, valorizando devidamente as distintas raças e culturas, seitas e religiões, vendo cada coisa como uma pérola vinda do Criador, na medida em que realmente se encontram afeitas à Tradição. Por fim, a visão da Perfeição cultua a Natureza como uma extensão da Mãe divina, tratando de enxergar as suas tantas virtudes e potencialidades, resumindo-as na imagem da Mulher arquetípica que resume todas as coisas criadas: Eva, Maria, Rosa...

Com tudo isto, compreende-se que os verdadeiros Arautos deste Cântone são os Mestres: aqueles que detêm a completa e segura iluminação, e cujas vocações espirituais deram já lugar a realizações transcendentais.

São Eles também expressões viventes do Cântone, modelos acabados de Perfeição, seres que já vivem o próprio Cântone do Paraíso.

Os Mestres são os arautos da Verdade e coroam toda a expressão de síntese com a realização (a *Matese*). E a comunidade-rural-mística é o único contexto imediato onde a verdade pode ser vivenciada. Como vimos, tal coisa evoca certas instituições da Índia, como os *Ashrams* espirituais. De fato, a Perfeição estará completa quando ali houver um Mestre, possibilitando a formação de um esquema mandálico ou *solar* completo. Não raro, tal coisa poderá evoluir para uma cidade sagrada, dando lugar ao Cântone do Paraíso. Mas a tendência é que este padrão de excelência se expresse de forma áurea somente num contexto tipo ilha-cultural, devidamente situado sob condições ideais e especialmente trabalhado para ser o Núcleo cultural supremo. Do contrário teremos a proliferação de núcleos na busca da Perfeição, como preparações para integrarem o Grande Cântone.

Capítulo 4

SÃO FRANCISCO: ARAUTO DO NOVO MUNDO

O Evangelho da Natureza tem os seus precursores, que são também os profetas do Espírito Santo.

O mais importante deles é São Francisco, o famoso santo de Assis que procurou renovar a Igreja no fim da Idade Medieval.

A missão de Francisco pode estar realmente resumida nisto, segundo o sonho que tivera no sentido de "reconstruir a Igreja", e que em sua humildade entendeu inicialmente como a tarefa de reconstruir um simples templo em ruínas que situava-se nas imediações de sua cidade.

ASPECTOS HISTÓRICOS

A Igreja, enquanto instituição, havia se recuperado de uma época difícil em que havia acumulado muito poder material e os padres se corrompiam com bebidas e mulheres. Na época de Francisco, a Igreja dava sinais de júbilo, mas faltava-lhe ainda uma *nova coroação*. Sua popularidade não estava todavia restaurada e ainda era atacada por muitos lados.

Para certos historiadores espirituais como Joaquim de Fiore, aquele momento correspondia a um ciclo importante da evolução das religiões: os 1.260 "dias" de que fala o Apocalipse (vistos como anos) para a consumação dos tempos preparatórios à chegada do Reino.

De fato, o século XIII representa um daqueles períodos em que se observa uma grande efusão de espíritos notáveis no mundo. Também se observa que encerra o ciclo da *Kali Yuga* (Idade Negra) hindu, iniciada em 3.102 a.C, com a morte de Krishna, computada em 4.320 anos. No Tibet, foi o século de Milarepa, e na Europa o de Dante.

No contexto cristão, o místico Joaquim de Fiore codificou ou difundiu a idéia das "Idades divinas", declarando que a época se tratava do início da "Idade do Espírito Santo", a qual seguia a "Idade do Deus-Filho" (Cristianismo) que fora antecipada por sua vez pela "Idade do Deus-Pai" (Judaísmo).

Esta classificação tinha a sua lógica. A Idade do Espírito Santo representa a difusão da luz espiritual de forma ampla e universal. E esta Nova Era do Espírito demonstrava sua

força na prática, através do surgimento de nomes de elevado quilate, aos quais se poderia agregar os dois maiores sufis, Ibn Arabi e Rumi, assim como São Tomás de Aquino, Simeon Ben Jochai (autor do Zohar) e Roger Bacon, além de Petrarca, Bocaccio, Gengis e Kublay Kan, Alberto Magno, Nichiren Daishimore, John D. Scot, Ockham, e vários outros.

Toda esta efervescência cultural dinamizou o mundo e especialmente a Europa, representando as sementes da Renascença. Não tardaria para a Descoberta das Américas e para a reunificação do planeta.

Francisco resume porém a tudo isto.

Nele, o amor à Criação é um canto eterno ao Criador, exprimindo a difusão universal do espírito em todas as Criaturas.

Abandonando os caminhos políticos e religiosos radicais, ao invés de seguir lutando nas Cruzadas, passou a amar o próximo com despojamento e simplicidade, como ordenava o Cristo.

Largando as riquezas materiais para abraçar as do Espírito, sentia-se pleno e recompensado sem nada possuir de material, apenas o seu amor ao Senhor, ao Próximo e à Criação.

Deixando atrás os miasmas urbanos, buscava na natureza e no amor a Deus o consolo para as suas constantes renúncias.

Como um verdadeiro seguidor do Cristo, seu sentido de fraternidade não era distante, e ele não se manteve nos claustros, mas peregrinava para difundir o bem, dando sempre o que possuía, e até tratando de conseguir recursos especiais para prover os pobres e os enfermos, vendo cada um como um templo do Senhor, e que, como tal, merecia ser preservado em sua dignidade divina.

Mais ainda, amou a todas as criaturas e libertava os animais, mas também os apascentava quando necessário, como no famoso caso do lobo.

Que melhor exemplo para o mundo moderno, tão necessitado de novos valores fraternos e de amar a Criação como um dom supremo, visando a curá-la e preservá-la, encontrando nela própria a consumação de sua felicidade?

A MISSÃO DE SÃO FRANCISCO

Por isto, dentre todos os nomes de sua rica época, consideramos o de São Francisco como o mais importante e envolto por signos de transcendência. Não era o momento para um Avatar, mas sim para um grande Reformador. Tal coisa estava na base da missão franciscana, visando recuperar o espírito de simplicidade do Cristo, e o seu amor à natureza e ao próximo.

E nisto a humanidade parece concordar. Numa recente enquete popular, São Francisco foi escolhido como o "homem do milênio", surgindo logo após o próprio Cristo com certeza. E

tal enquete foi feita dos Estados Unidos, um país protestante que poderia ter escolhido Lutero.

Todavia, a renovação de Francisco foi apenas parcial, talvez pelo pouco poder que lhe foi conferido. Diz-se que a Igreja, tradicionalmente mais política que santa, viu no meigo monge mendicante sobretudo uma forma de voltar a se aproximar da sociedade. E então abençoou a Ordem franciscana.

Uma Igreja aberta aos ventos do Espírito, o qual "sopra onde quer" (João 3,8), poderia abrir-se à revelação da Vontade divina, ao invés de trancafiar-se em aspectos político-administrativos. Neste caso, São Francisco deveria ter sido logo colocado como o novo Papa, pois tudo indica que era isto que ele representava em *essência*, dentro daquele contexto histórico. Acaso o Vaticano não poderia reconhecê-lo como tal (até italiano ele era)?

Mas a Igreja Católica insiste em suas formalidades. Ora, a reforma exigida espiritualmente a Francisco em sonhos, certamente se dirigia aos próprios fundamentos da Igreja. A instituição havia se voltado para caminhos heterodoxos também na área hierárquica, a partir do cisma com a Igreja Ortodoxa, quando Roma adotou o Colégio dos Cardeais eleitores que mantém até hoje. Tal coisa representa uma afronta contra toda a verdadeira autoridade divina e a legítima sucessão, fortalecendo apenas o aspecto institucional-formal ou a Igreja como entidade *política*.

Como demonstrou Jesus, o Papa é o fundamento da Igreja. E neste ponto exatamente era necessária uma restauração. O Senhor desejava que um grande santo inspirado pudesse fazer com que a sua Igreja viesse a acatar a Verdade divina revelada em Cristo, independente das ordens externas. Apenas isto poderia purificar de fato a Igreja.

Alguém poderá dizer, com justiça, que o humilde Francisco era avesso às pompas do Vaticano. Mas, nas circunstâncias de então, isto não era um defeito, mas até uma virtude. Haveria o risco de ele pretender transformar a Igreja numa "simples" ordem mendicante, após vender os bens da Entidade para distribuir entre os pobres, imaginando quiçá, em sua perpétua imitação do Cristo, que era isto que Jesus faria?

Acreditamos que não seria impossível convencer o monge errante a aceitar a *forma* imperial eclesiástica, que também faz parte da missão de Jesus. Pois apesar do Cristo ter declarado não ser seu reino deste mundo, por ser sua missão de natureza cósmica, a Igreja porém deve dirigir as instituições com pragmatismo e inclusive trazer progressivamente o Reino de Deus à Terra, permitir que o Cristo governasse o mundo através de seus Representantes, especialmente a partir do seu Retorno.

Talvez São Francisco diminuísse a ostentação da Igreja, muitas vezes inspirada nos reinos orientais, a qual tanto comprometia a imagem da Ordem.

Não valeria então a pena esta tentativa? Quem pode imaginar a popularidade de uma Igreja governada por Francisco de Assis? Que autoridade universal não deteria este ex-combatente e ex-monge, caso lhe tivessem sido outorgados méritos à altura de sua estatura espiritual?

Mas isto não aconteceu. E não sendo acolhido pelo mundo, Francisco permaneceu até o fim em seu severo ascetismo, o que não tardou muito, pois morreu precocemente, envelhecido e desgastado por suas constantes penitências e privações.

E logo a Igreja que não o fez Papa, tampouco teve forças para enfrentar a insurgente onda de monarcas secularizados que também iniciava e que já não temiam o poder desta Igreja tão oscilante, enfrentando-a e enfraquecendo-o materialmente. Ou seja: foi o "outro lado" da questão. Tudo está entrelaçado, e o que não vem por bem, vai por mal.

Com isto os impostos sobre os ganhos desta Igreja cresceram enormemente e ela se viu empobrecida, tendo de vender as suas famosas e nefandas *indulgências*, servindo tal coisa como pretexto para a ascensão de Lutero, símbolo do carma acumulado da Igreja.

A partir de então, a crise se generalizou. Os cismas se multiplicaram, e as nações se dividiram em definitivo, culminando tudo isto na "Santa Inquisição", uma resposta dura e baseada no poder terreno que substituía a auto-crítica e o amor.

A descoberta das Américas apenas agravaria o quadro, acarretando na criação de Ordens religiosas com fundo político, como a dos Jesuítas. A possibilidade de novas almas e rebanhos era alvissareira, e aos países católicos foram "dadas" as maiores terras do Novo Mundo, gerando crises com os países não-católicos.

O historiador esotérico Fabre d'Olivet afirma que a causa disto tudo é não ter a Igreja colocado Lutero como Papa. Todavia, sabemos que este clérigo alemão não era extamente um papista. Pelo contrário, representou uma voz contra o "acúmulo de poder" e a autoridade central do Papa, de tal forma que ele mesmo não é considerado um "Papa" entre os protestantes, mas um reformador, como se diz, embora se possa também pensar que um verdadeiro reformador não devesse procurar suprimir princípios, mas apenas purificá-los, atuando antes de tudo *internamente* nos processos e nas instituições.

A realidade é que a Ordem Franciscana permaneceu sempre mais próxima da "Madre Igreja" do que os Protestantes. Hoje os católicos querem imitar os evangélicos com seus cultos populares e emocionais. Outra parte da Igreja tem cedido aos dogmas marxistas, como se fossem realmente necessários sob a luz da tradição cristã e da filosofia religiosa em geral. O franciscanismo permanece, porém, ainda mais próximo do espírito da Verdade e do verdadeiro coração do povo.

De qualquer forma, a Reforma protestante, ao conter reivindicações justas (assim como outras irregulares), não deixa de representar mais um marco na implantação da religião do Espírito, onde a luz é difundida a partir do ideal do amor ao próximo em nome de Deus.

Ela poderia ter sido evitada, sim, se a purificação da Igreja tivesse sido feita a tempo e com a profundidade necessária, sob a inspiração ímpar do santo de Assis, que chegou até a visitar o Vaticano e sua Ordem foi reconhecida pela Igreja –uma Igreja que agia assim politicamente, e que reivindicava sempre internamente e para a sua própria Ordem um universalismo que jamais possuiu de fato.

Afinal, este foi também o novo "canto do galo", o chamado do Espírito ao despertar, e também a nova negação de Pedro ao Senhor. Acaso isto acontecerá novamente em nossos

dias, perante o próprio Senhor retornado? Isto já decretaria a própria extinção espiritual da Igreja.

Sem dúvida, espera-se que uma Igreja aberta à Era do Espírito Santo receba o Espírito que sopra "onde quer" —o que não significa apenas em acatar a voz dos místicos, dos clérigos e bispos ordenados, mas em abrir-se à revelação da Vontade divina em qualquer parte: uma Igreja relativamente *informal*, numa nova síntese ecumênica: esta é a verdadeira Igreja do Espírito, independente das formas, ou pelo menos, liberada dos velhos padrões, para além dos ritos e dos dogmas, vendo a face divina como se manifesta, através de sua essência revelada.

Agora que chega a grande Era do Espírito Santo, simbolizada pela profusão das águas divinas de *Aquarius*, isto já não poderá deixar de ocorrer.

Caso a Igreja deixe de atender novamente a Deus, então ela já não será apenas "reformada" e desmembrada, mas extinta e decretada doravante inútil e até contraproducente perante a História, tal como foi julgada em muitos momentos.

A MÍSTICA FRANCISCANA

A mística franciscana se resume à busca da humildade, da pobreza e do serviço, numa palavra, na *imitação do Cristo*. O Senhor é visto como um servidor, um ser despojado e caridoso. E uma de suas características é o amor à Natureza, a quem basta a beleza dos lírios do campo e a liberdade dos pássaros

Por isto os claustros também podem dar lugar à contemplação do belo e à comunhão com a natureza. Os elementos e os ciclos da natureza têm sempre muito a dizer ao homem.

Os animais tem o seu lugar cativo neste quadro, como *irmãos do homem*. De fato eles o são, por virem todos do mesmo reino, num certo sentido. O homem não deve animalizar-se, mas os animais desejam humanizar-se, e aguardam por esta oportunidade.

O homem sabe um pouco sobre os instintos dos animais, e o quanto estes se ressentem do ser humano. O contato íntimo com o animal selvagem é algo sempre difícil, mas ao homem isto seria possível e natural caso ele soubesse respeitar a amar às criaturas. São Francisco era assim.

Como síntese da natureza, a mulher também é amada na mística franciscana. Clara de Assis forma um belo complemento neste quadro. O homem e a mulher têm muito a trocar e se complementam em muitos níveis. Não é necessária a posse e nem uma intimidade superficial. A *companhia* era um dos aspectos pelos quais Eva foi criada no Paraíso.

As ordens eram basicamente fraternais. Ali a imposição da autoridade é menos importante que a abertura e a iluminação da consciência.

Capítulo 5

DA CIÊNCIA AO MISTÉRIO

Um Evangelho da Natureza não é apenas poesia. É também um evangelho *científico*. A boa nova aqui é que o homem hoje começa a se capacitar novamente a compreender a natureza na sua *integridade*. O seu inventário de leis e de experiência alcança aquele ponto no qual a síntese se torna possível.

A ciência moderna vem dando passos largos na direção de um reconhecimento dos postulados da Tradição de Sabedoria. Na verdade, a ciência poderá até mesmo auxiliar na restauração de certos princípios sagrados e elucidar os caminhos da luz, na medida em que o seu rigôr, ainda que a conduza passo a passo, também confere certas bases sólidas.

As explorações espaciais, a informática e a cibernética, são desenvolvimentos das novas tendências cósmicas sob uma ótica materialista que deverá cada vez mais sutilizar-se.

O homem do futuro é um ser cósmico com amplos poderes superiores. Viajará pelas estrelas com o uso de sua mente e se comunicará com outros seres de forma telepática. Os limites da matéria serão suplantados com o desenvolvimento de sua essência real, que é a sua *consciência*.

O homem científico tem um compromisso moral com a verdade da Natureza. Ele não pode descuidar de suas origens naturais e nem desleixado a ponto de comprometer o seu ambiente. Aquele que não sabe cuidar de sua casa termina por perdê-la. E isto se aplica tanto ao seu corpo físico, como à sua família, à sua cidade, ao seu país e ao seu planeta.

Neste caminho ele tem muito a fazer, e nisto se radicam os seus trabalhos elementares, como a economia e a ecologia, duas ciências sempre interligadas.

Ele deve entender que os seus caminhos seguem por esta trilha, e é apenas honrando cada passo ele pode ter acesso ao seguinte. Não podemos comprometer a nossa evolução destruindo as suas bases materiais. A proteção destas bases é a tarefa dos homens que tratam diretamente com os elementos científicos. Desde o ponto de vista da ciência concreta, devemos considerar conforme a premissa existencialista de que "a existência precede a essência". O homem evolui por etapas, a partir dos planos elementares. O *construtivismo* é uma rama científica importante que atesta este fato.

Ao mesmo tempo, ele deve reconhecer as suas particularidades propriamente *humanas*, o seu aspecto interior que faz dele um ser especial. O homem culmina a evolução biológica, e o faz com características muito próprias, como é o seu *livre-arbítrio*.

Ele deve então saber administrar também as coisas deste ângulo. O que significa este dom? Quais as suas vantagens e desvantagens? Quais as suas virtudes e os seus perigos?

Deve aprender a fazer uso construtivo de suas faculdades, direcionando os seus esforços e criações para *além* da natureza criada, e não para aquém dela. E sabendo também que tudo será sempre "natureza", seja em que plano for: criadora, criante ou criada.

Naturalmente, este tipo de caminhada requer o estímulo de modelos acabados que demonstrem onde chegar e qual o propósito da jornada. Estes modelos serão os Iluminados e os Mestres de Sabedoria, que incluem demonstrarão de forma científica os processos pelos quais o ser humano pode aperfeiçoar os seus sistemas vital, biológico, psicológico e mental.

O homem moderno reconhece, através de vários estudos, que seus potenciais de desenvolvimento se acham ainda extremamente defasados. Admite que apenas uma pequena quantidade de seu cérebro é empregado, e percebe que o seu código genético está na sua ampla maioria inacabado.

Como espécie física ele é um ser muito recente. Mas em alguma parte subjaz um Arquétipo com o seu programa evolutivo, com o qual ele deve tratar de contatar. Os Mestres revelam este Arquétipo quando se manifestam.

Mas em seu curto período de existência, a humanidade já atravessou etapas importantes. Viveu crises e ainda as vive. Adquiriu ciência e sabedoria e segue fazendo.

No início de sua jornada o homem não tinha ainda o dom da razão bem desenvolvido. Como uma criança ele teve que aprender a caminhar, e nisto ele teve as suas quedas inevitáveis.

No começo ele era instintivo e intuitivo, guiava-se pelas emoções e não raro desvia-se pelas paixões. Mesmo assim, criou as instituições básicas como a família e a agricultura, e desenvolveu a magia e a religião.

Depois disto, na medida em que a sua semente ia dando frutos, ele adquiriu a mentalidade e teve início uma ordem social mais ampla e ordenada. Teve origem a indústria e a ciência, com o decorrente domínio do tempo e do espaço, através dos calendários e da arquitetura.

Atualmente o homem vive uma importante etapa de transição. Vem de uma raça científica e deve retomar os seus elos emocionais, tendo em vista uma nova síntese. Esta humanidade pós-razional saberá pois fundir o mental e o emocional, gerando uma civilização magnífica onde as perspectivas são infinitas. Pois ele poderá olhar para dentro e para fora com a mesma desenvoltura, encontrando referências mutuamente esclarecedoras em todas as dimensões.

Hoje ele sonha em conquistar definitivamente o tempo e o espaço, e isto ele fará unindo as dimensões, na medida em que reuna interior e exterior, mente e emoção.

De fato, os dias de separatividade (*diabolos* em grego) já estão terminando para a humanidade. Hoje em dia as tendências à multidisciplinaridade se encontram tão arraigadas e os seus frutos se revelam tão produtivos e enriquecedores, que são vistos como um caminho definitivo para a ciência e a civilização. Os discursos sectários são cada vez mais raros e cada vez mais o homem se coloca na posição de *observador* para buscar aprender sobre as verdades do universo.

Agora ele tampouco é um observador tão imparcial no sentido de que compreende que a qualidade de sua mente interfere na sua capacidade de conhecimento e de percepção. Aos

poucos vai entendendo que deve aprimorar os seus veículos para chegar a alcançar alguma coisa que valha realmente a pena.

Se o homem compreender realmente que a sua natureza está sujeita à plena transformação e que ele pode tomar as rédeas deste processo, então a aventura da ciência estará apenas começando.

Esta ciência vai abrir as portas *internas* do ser humano, e ele vai desvendando as leis sutis que regem os seus mecanismos biológicos, psíquicos e mentais. Realizará experimentos com suas faculdades naturais e seus dotes particulares, sujeitando-se a treinamentos especiais. E nisto vamos nos aproximando das antigas Escolas de Mistérios, ainda que agora sob uma nova ótica. Não apenas de treinamento emocional tendo em vista dominar e empregar os sentimentos como foi no início, e nem somente de treinamento mental para dominar e empregar o intelecto como foi em tempos mais recentes. Desta vez vamos unir as duas coisas e nisto vamos de alguma forma para além de tudo o que já foi feito antes. A reunião dos elementos sempre confere uma nova dimensão. A evolução é algo cumulativo mas também potencializador. A etapa seguinte representa algo mais que a mera soma das anteriores. Representa algo novo e que de tão novo pode até nem ter nome. Hoje em dia já se fala em termos como "inteligência emocional", apontando para estes novos caminhos. Certamente todas as coisas estão reunidas nas suas origens, e o que vamos descobrindo são as nossas capacidades de vivenciá-las na sua integridade.

CONTEMPLANDO A NATUREZA

A natureza é um excelente foco de contemplação e também um constante tema de meditação.

Os ritmos naturais nos ensinam e nos induzem às leis da harmonia. Nossas bases físicas foram geradas no seio da natureza e dela necessitamos para preservá-las.

A vida é movimento e este nos induz à transformação. Os ciclos da existência trazem sempre novos momentos. A natureza revela uma perfeita harmonia entre estática e dinâmica. Ela muda constantemente em seus ciclos e ritmos sempre repetidos, harmonizando a fixidez com o movimento através do conceito perfeito de *ciclo*.

O homem que estuda estes processos chega a muitas conclusões. Ele observa estes ciclos em seu próprio corpo, no dia e na noite, nas estações. Estudando mais ele compreende que tudo está sujeito a ciclos, e através destes ele pode crescer e ampliar as suas capacidades.

O dia e a noite se revesam para nos dar ensinamentos e convidar à comunhão com as esferas, interior e exterior.

Meditar sobre a formação do universo (estrelas, planetas, etc.) ensina muito sobre a natureza dos processos espirituais. Por isto a Astronomia serve tão perfeitamente de base para a Astrologia.

O sol é u'a manifestação de poder e glória que nos mostra como devemos trabalhar nossas energias, despertando os poderes do espírito. Aquele que conhece o processo de formação de um sistema solar, tem quase todas as informações de que necessita para gerar um *cosmos* dentro de si

As estrelas nos lembram que o universo é infinito e convidam à expansão da alma. As miríades de luzes noturnas são como os mundos que podemos visitar à medida em que desenvolvemos as nossas faculdades.

Os planetas e sua conformação reproduzem os escalões evolutivos da Alma.

Enfim, o homem deve aprender a ler no Livro da Natureza para decifrar os mistérios do Universo, porque a tudo subjaz a Unidade das Leis.

A religiosidade natural é possível não para cultuar elementos estranhos à natureza humana, como os seres da natureza e os mortos. Ela é verdadeira porque a natureza é bela, pura e também infinita.

O PLANO NATURAL

A Natureza está concebida sobre um Plano determinado, com muitas dimensões mas com estruturas definidas.

O cânone básico se relaciona aos *Quatro Elementos*. E este é também o cânone sobre o qual está edificada a própria *natureza humana*. As possibilidades do homem estão todas relacionadas a estas energias, ainda que sob as bençãos dos iluminados, ele possa elevar ainda mais os seus recursos e receber oportunidades especiais.

Com a chegada da Quarta Raça sagrada, apta a tomar quatro iniciações, o plano da Natureza pode ser integralmente contemplado, e os Quatro Elementos que a constituem ressurtem como o Plano de trabalho humano por excelência. A cosmologia humana será explorada através da educação e da iniciação. Existem quatro temperamentos, quatro verdades sagradas, quatro virtudes divinas, etc.

A Terra, a Água, o Ar e o Fogo representam todos eles *alimentos* para a nossa natureza. Expressam beleza, harmonia e vigor. E representam os estados sólido, líquido, gasoso e ígneo da matéria de que é composto nosso corpo físico, mas também os corpos que devemos como homens desenvolver além do físico, o corpo emocional, o corpo mental e o corpo intuitivo. Dizemos "corpos" e não "planos" porque assim fica mais claro que cada um deles representa realmente uma unidade setenária e possui a sua relativa independência.

A evolução humana emprega estes corpos para seguir progredindo, um após o outro. Mas apenas quando dominamos totalmente um plano é que temos acesso real ao plano seguinte. O homem que segue estritamente as leis naturais de seu corpo físico, está apto a dar início ao controle de seu corpo emocional. Do contrário, se o corpo físico é palco de crises e conflitos com a natureza, então certamente o indivíduo acha-se sujeito a miasmas emocionais e outros.

Assim, o conhecimento preciso é uma das bases deste trabalho. É necessário conhecer as *leis* de cada plano. Naturalmente, iniciamos pela "terra", isto, é, o corpo físico e a harmonia ambiental, pelo respeito às suas necessidades reais dentro do conjunto de uma economia planetária auto-sustentável.

É um fato que a vida e este mundo são escolas. E quando o homem souber debruçar-se com delicadeza, respeito e sabedoria sobre a Terra, então os novos mundos começarão a surgir para ele. E que não pense ele, em sua ganância, poder negligenciar este plano am-bicionando outros com maiores possibilidades. Apenas através das bases é que poderá ensaiar alcançar outros universos.

O SACRAMENTO DA NATUREZA

Viver intensamente a Natureza pode ser considerado um novo sacramento, uma nova forma de *comunhão*.

Para isto devemos abrir nossos sentidos, o que exige por sua vez a purificação de nosso organismo e a pacificação de nossa mente.

A Natureza é pródiga em beleza e virtude. No seu seio maternal, podemos facilmente perceber que necessitamos de bem pouca coisa, quando nos permitimos preencher por suas riquezas.

O *ágape* natural pode ser realizado em muitos níveis e circunstâncias. Uma refeição natural, especialmente com frutas, traduz os deleites e a integridade de seus dons.

Devemos nos sujeitar aos fenômenos naturais: calor, vento, chuva, terra... Isto fortalece sobremaneira o ser humano, em todos os níveis.

O amor e a sexualidade também são formas de experienciar a Natureza.

O ambiente natural prepara melhor que tudo o homem e a mulher para este encontro. Em seu seio o ser humano se fortalece, afastando a maldição da diferença de ritmos do homem e da mulher, anunciado na Bíblia quando a humanidade perdeu o paraíso.

Eles devem se encontrar antes de tudo no centro de si mesmos para que esta harmonia seja possível, e esta centralidade deve ser procurada na fusão entre o sagrado e o natural. Esta última dá as forças e o anterior as energias; a partir da substância material deve-se fazer a sublimação.

O verdadeiro amante desejará o infinito, e para isto ele tratará de aspirar por um complemento único. O homem moderno aspira pela Totalidade, em unir céu e terra. E isto pode ser feito melhor que tudo através da *alma-gêmea*.

Neste nível sequer podemos dizer que existam ritmos, homem ou mulher, mas apenas uma comunhão absoluta, na forma de uma unidade somente aparentemente dividida. Esta é a forma mais bela de viver a plenitude da existência: numa comunhão perfeita e definitiva.

Estes encontros estão predestinados a ocorrer massivamente na nova humanidade. Tudo depende de a sociedade despertar para os seus deveres com Deus, consigo e com a Natureza.

E a relação sábia e respeitosa com a Natureza é a chave universal para tudo isto, neste novo momento do mundo, especialmente quando enquadrada no *Cânone da Perfeição*, no qual a filiação ao eterno nos abre as portas do infinito, a fraternidade humana nos aquece

os corações, e a natureza exuberante fornece a saúde e o vigor necessários aos elevados caminhos da Unidade.

Capítulo 6

REVISITANDO A CRIAÇÃO

O *Evangelho da Natureza* é também a anunciação do Reino de Deus, manifestado na Criação perfeita, pelo resgate do Paraíso e suas coisas.

E isto pode ser feito com o auxílio do Livro da Criação, *Sepher Bereshit* ou o *Genesis*, que dedica um capítulo especial ao contexto humano original, o chamado "Éden", sua formação e natureza, assim como aos processos que levaram o homem a perder este estado virginal de coisas.

Tudo isto é muito ilustrativo para aprender sobre a dor e a felicidade do homem, sobretudo na medida em que aprofundamos o estudo, porque o mencionado texto muitas vezes se limita a uma linguagem simbólica.

A compreensão das Origens é uma coisa vital, e a humanidade somente tem a perder em não aprofundá-lo devidamente. O *Genesis* é uma fonte sagrada de sabedoria, que explica a nossa situação como homens, seja em relação a Deus, ao próximo ou à mulher e à natureza. Todavia, o seu texto é amplamente simbólico, sobretudo no que diz respeito à Criação.

Devemos tratar de compreender melhor o estado natural e sagrado predestinado à humanidade e que configura o seu "Paraíso", e também o pivô da crise que fez e faz o homem perdê-lo caindo no Mal e na discórdia universal.

O Livro da Criação declara de início que Deus fez o mundo em "Sete Dias". Tais "dias" são obviamente simbólicos. Os que desejarem a verdadeira compreensão, poderão encontrar chaves dentro ou fora da Bíblia. Dentre elas temos a idéia de que "para Deus um dia é como mil anos" (Salmos 90,4; 2 Pedro 3,8). O ciclo de sete mil anos é realmente oportuno neste contexto, mas não é o único. Também se pode considerar melhor como *sete signos siderais* (um arco zodiacal-cósmico), o que também vai ao encontro de muitas tradições. Este princípio deu origem à semana de sete dias.

Citemos em que consistem estes passos ao nível da Criação, segundo o *Genesis*. O processo é definido como "a criação do céu e da terra", mas veremos que a ordem desta criação não é muito lógica ou científica, sendo antes simbólica ou espiritual, e se semelha em tudo às cosmologias do Egito e da Suméria, nações nas quais Israel sempre teve grande participação, seja através de Abraão ou de Moisés, sendo este último o autor do *Genesis* e um príncipe-sacerdote egípcio, iniciado portanto em seus mistérios.

O Genesis começa dizendo que "Deus criou o céu e a terra", mas isto ainda representa uma afirmação genérica, como se vê por sua repetição ao final (2,1 e 2,4).

A criação foi feita a partir dos Quatro Elementos que, antes da ação divina, estavam desordenados e em estado de Caos. No primeiro "dia" Deus criou a luz, e separando a luz das trevas, fez o dia e a noite.

No segundo "dia", o Senhor criou o firmamento, ainda sem as estrelas. Fez isto pela separação das águas superiores e inferiores.

No terceiro "dia", organizou a face da terra, formou os continentes e os mares, e gerou as plantas.

No "dia" seguinte, o quarto, foram criados os astros, para demarcarem o tempo, o dia e a noite e as estações.

No quinto "dia", Deus criou os animais da terra, das águas e do céu.

E então, no sexto "dia", apesar do Senhor fazer ainda alguns bichos, realizou a sua grande criação, que é o *homem*. O homem é apresentado de início criado junto à mulher, pois recebe a ordem de multiplicar-se e encher a terra. Aí Deus também define a dieta original e perfeita do homem, que é *vegetariana*.

Por fim, a narrativa diz que o Senhor concluiu Sua obra no sétimo dia e descansou, abençoando este último "dia" de criação com Seu repouso.

Depois segue uma narrativa que os estudiosos declaram pertencer a uma tradição paralela, voltada especificamente para a criação desde o ponto de vista do homem, com sua experiência do paraíso e da queda.

O paraíso é apresentado como um verdadeiro *mandala*, com seus quatro rios e a "Árvore da Vida" no centro, assim como a "Árvore do Conhecimento" (que é a Árvore do Pecado e da Morte), à qual o homem estava proibido tocar.

Mas Deus vê que o homem está muito só, e decide criar a mulher a partir de uma "costela" sua. E então, o homem a reconhece como uma parte dele, com a qual deseja viver em família.

E assim são felizes em sua desnudez paradisíaca: imortais, em perene harmonia mútua, com labores leves para o homem e com partos indolores para a mulher, que era livre, amada e respeitada por seu companheiro.

Esta é pois a verdadeira imagem do paraíso, com o homem dominando naturalmente a criação, virgem e pura, dentro e fora de si.

Mas isto permaneceu assim apenas até o momento em que o homem peca, a partir da "serpente" e através da mulher. Ao provarem do fruto da Árvore do Conhecimento, perdem todas as dádivas especiais que detinham, tornando-se mortais, em conflito permanente, o homem sujeito ao trabalho suado e a mulher à dor no parto, e ainda sujeita ao homem como forma única de manter alguma ordem possível.

A "serpente", fonte da tentação e do pecado, é por sua vez amaldiçoada e destinada a "rastejar" eternamente sobre o seu ventre. A narrativa afirma que Deus amaldiçoa a

serpente com estas palavras: "...andarás sobre teu ventre e comerás poeira todos os dias de tua vida".

À primeira vista, vê-se um paradoxo nisto, já que as serpentes se sempre se arrastaram sobre o próprio ventre. Todavia, visto simbolicamente, temos neste mistério um símbolo revelador.

Tomemos a serpente por aquilo que ela significa nos Mistérios universais. No esoterismo hindú é a *kundalini*, palavra que significa "enroscada". Trata-se da energia interna formada pela libido humana, o chamado "instinto". Quando este é "liberado", se manifesta como sexualidade (região do ventre), mas quando ascende, se transforma na Alma (região do coração). Neste caso é a serpente alada, como o caduceu de Hermes ou no símbolo de Quetzalcoatl.

No Egito, temos o *uraeus*, a serpente solar e alada que surge na frente do Iniciado. A Cabala também comporta uma simbologia semelhante, formando um dos percursos da Árvore Sefirótica, que é a mesma "Árvore da Vida" do Paraíso. O centro desta Árvore é o coração espiritual, síntese do verdadeiro Paraíso, da mesma forma como a Árvore da Vida estava no centro do Éden.

Não se trata portanto do ventre da *própria* serpente, mas do ventre espiritual do ser humano, especialmente do homem (já que o Paraíso existia antes da mulher ser criada, ou *manifestada*), onde se encontram acumuladas as energias sexuais, ou onde a "serpente se enrola".

O homem e a mulher cederam ao impulso de experimentar o desejo individualizado e inferior, e assim se desarmonizaram com Deus e entre si. Talvez tenham até cometido a infidelidade conjugal. Esta Árvore do Pecado situa-se na orla do Éden, e corresponde ao centro de energia sexual situado na região do ventre.

Para o homem sujeito ao pecado, quase não existe compatibilidade entre o sexo e o coração: sua energia se esvai amplamente pela "via da serpente", onde o sexo passa normalmente a ser usado de forma ilegítima, viciosa e pessoal, tornando-se por isto praticamente na grande fonte dos males do mundo, como a Caixa de Pandora dos gregos.

Multiplicam-se em demasia os nascimentos, dando lugar à fome e às guerras. E se este processo de geração é sustido, o é por meios artificiais e até criminosos. Obviamente, o carma que tal coisa gera é mortal. Por isto, o homem termina definitivamente sujeito ao pecado mortal e à morte em si, que é basicamente a morte da Alma.

Tudo isto porque o homem perdeu a referência do amor espiritual e descurou da obediência divina.

No entanto, isto não significa que o amor espiritual entre Adão e Eva fosse meramente platônico, na medida em que estavam ordenados por Deus a gerarem filhos e a se multiplicarem.

A questão é mais sutil. Lembre-nos que a Árvore do Pecado e da Morte, que na verdade é descrita no Genesis como a "Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal", está *proibida* ao homem.

Eis, porém, que o homem desobedece. E o problema está nisto, na desobediência, na quebra do respeito à Hierarquia e sua Ordem sagrada.

Tornou difícil manter a harmonia. O homem deixou de amar *através* do coração. Sua energias se polarizaram excessivamente para a região inferior. O egoísmo e a paixão surgiram, com o ciúme, a possessividade e o ódio. Já não eram a ordem espiritual e o ritmo natural que regiam, com seu preceito único de predestinação, mas o desejo pessoal, violento e instintivo. O amor já não seguia a consciência, mas o instinto cego. O sexo não era organizado e respeitado em seus fins, mas compulsivo e egoísta. Obviamente, a harmonia conjugal também se comprometeria na prática, assim como o ritmo de geração, multiplicando a necessidade de trabalho para sustentar a família e o clã. É claro, a quantidade de partos multiplica-se, além da necessidade de sujeitar a mulher ao homem para evitar o adultério.

Ou seja: uma vez perdida a qualidade, se desorganizou a quantidade. Um triste quadro de desarmonia interior e espiritual, de impotência e de separatividade!

A religião podia ser em grande parte dispensada quando o homem vivia ainda em harmonia natural e sob a orientação direta de Deus. Ou seja, quando a vida da humanidade estava organizada pelo Bem e para a harmonia, de modo que o homem podia obter os bens espirituais necessários de forma natural e sem esforço, inclusive –talvez até *sobretudo*– dentro da *própria* relação conjugal, que por todos os aspectos parece ser sido o pivô da crise, naquilo que diz respeito à sua qualidade. A perda disto representa o aspecto sutil dos trabalhos suados, pois os cardos e espinhos que nascem na terra do pecado são também os miasmas e os defeitos humanos.

Tendo pecado, o homem e a mulher passaram a ter vergonha de sua nudez. O corpo se torna veículo de pecado e egoísmo, de sedução e atração. Já não é um templo divino, um símbolo respeitado e amado. As vestes simbolizam a vergonha e a moral

Uma vez que o homem desobedeceu a Deus, ele tomou posse de seus próprios e imperfeitos caminhos. Com isto, o egoísmo passou a ser o Senhor do mundo. Criador e Criatura já não eram um só. A Criação se fraccionara, as instituições se separaram e com isto teve início a política, com suas guerras, e também a religião, com seus sacrifícios, como forma de preparar a regeneração da humanidade ao cabo do tempo, e que é mais uma simbologia da serpente, posto que o homem, ao pecar, *investe* no tempo, de resto necessário para completar o ciclo da Criação que deve assim reiniciar. De fato, o pecado é já inevitável em certo momento, tal como afirmam gregos e hindus sobre a decadência das Idades do mundo, e também sobre a sua regeneração no fim, com o recomeço de tudo, num outro "nível" é claro. E tudo isto também lembra a saga do Santo Graal e seus preceitos regenerativos.

Outra simbologia paralela à serpente enquanto *tempo* é a das águas, como as do Dilúvio, que também analisaremos. O Genesis apresenta o Dilúvio como desencadeado pelos pecados humanos. E o pivô disto, conforme se lê no Capítulo 6, é a "atração dos filhos de Deus pelas filhas os homens". Vemos nisto a queda dos santos e dos reis, que passaram a usar seu poder para formar haréns, pois diz a Escritura que "tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram". De fato, a quebra da monogamia representa um grande pecado,

porque rompe o preceito universal da unicidade divina e faz o homem retornar ao estado animal. Ainda assim, o homem podia viver até 120 anos segundo a Bíblia!

Surge então o Dilúvio, e ao fim se estabelece uma Nova Ordem, simbolizada pelo Arco-Íris, pois o Universalismo deveria ser preparado, a partir da convivência humana entre os povos em nome do Deus Único, o que implica também na Representação divina central, seja pelos patriarcas, pelos reis ou pelos sacerdotes.

Com isto temos a fórmula para a restauração do Paraíso: já não tanto a religião em si, mas a *Ordem universal*, obtida pela reunificação das instituições em Deus. Esta é a verdadeira obediência divina, expressa num Governo espiritual capaz de manter tudo unido e em harmonia. O mundo moderno exige a restauração deste Preceito universal, pois o universalismo é um dom divino, ao qual o homem não pode pretender abarcar isoladamente com sua natureza fracionária e como simples criatura. O homem pode, sim, ter uma experiência absoluta, mas apenas na medida de sua filiação ao Criador, que pode se dar plenamente através da Ordem universal em Deus. O Governo universal está previsto pelo Criador, através da instituição da *Unificação Vicária*, que organiza a economia espiritual do mundo de tal forma que, em cada geração, exista *um e apenas um* homem iluminado, a menos que se alcance uma Ordem universal muito perfeita que possa dar margem à multiplicação deste dom sem gerar conflitos.

Coform os mitos do Graal, este iluminado é o Senhor de sua época. E o é porque se trata do único que atendeu ao Chamado divino ao ponto da completa auto-transcendência e superação. Por isto, ele pode chegar ao ponto da ressurreição. No contexto avatárico isto acontece apenas em milhares de anos. Mas, de uma forma menor, também pode ser reproduzido por sábios muito dedicados.

O grande Sinal de tudo isto é o Advento do Grande Senhor, que detém a perfeição dos sinais, realizando tudo da forma correta e no momento preciso, aceitando as salvaguardas divinas (o carma espiritual do mundo) e acatando até mesmo a cruz em nome da salvação geral.

Se a humanidade reconhece a tempo este Salvador, torna-se possível determinar uma Sucessão Apostólica regular. Esta é a *Regra* por excelência, e também a base da verdadeira Ordem histórica, hierárquica e universal. Sobre este fundamento sagrado é que todas as coisas podem ser harmonizadas e a luz e a salvação se multiplicar.

Caso a Ordem não possa ser estabelecida pelo próprio Filho de Deus, certamente já não virá outro semelhante para realizar uma nova "tentativa". O Caos seguirá então o seu curso, embora redirecionado.

O Advento se dá no verdadeiro "final dos tempos", ou seja, quando o Caos absoluto já está presente, sendo "sustentado" apenas pelo sacrifício do Senhor. Assim, a Presença divina indica necessariamente o *fim do mundo*.

Com seus sacrifícios, no entanto, o Senhor proporciona uma verdadeira *oportunidade adicional* de salvação à sua própria geração. Todavia, se ela não é aceita no momento, já não haverá tempo para mais nada.

Então o Grande Caos inevitavelmente virá —e nisto temos uma das explicações para o Dilúvio universal.

E em meio à desordem universal instaurada, alguns iniciarão a refletir, e então alguém receberá uma Missão. Um Noé ou um Moisés receberão um chamamento; e um São Paulo ou um Constantino reconhecerão a luz e vencerão.

Então o povo eleito será conduzido ao deserto, para se purificar longamente. E no meio disto, após esta *geração perdida*, um ancião poderá se iluminar, sempre em nome, é claro, do Filho de Deus esquecido e injustiçado em sua própria época. Tendo metade de seu antigo carma esgotado graças aos Seus sacrifícios, o mundo teria podido permanecer, como *permaneceu* de algum modo. Então este novo Noé ou Moisés levará a nova geração até as portas do Paraíso. Ele mesmo, todavia, já não entrará, porque pertence àquela geração pecadora.

Teria sido tão difícil àquela geração aceitar o Filho de Deus, porque o peso da cruz do mundo sobre Seus ombros deformara a sua beleza e até a sua glória aparente: "Pai, por quê me abandonaste?"; eis o sentimento e até a *forma* de todo o crucificado espiritual..!

E é esta a "pedra de tropeço" colocada para os pecadores. Uma "prova" singela mas eficiente. Afinal, seria possível a salvação a nenhum preço? Isto não faria sentido e nem seria possível: *algum mérito é necessário!* E acaso reconhecer o Mestre não é o mais fácil de tudo, no que diz respeito à salvação? Afinal, ninguém mais além Dele tem real capacidade de salvar-se a si e aos outros. Apenas quem pode salvar a si pode salvar o próximo. E apenas quem deseja salvar os outros pode salvar a si.

Aquele que unicamente tem as chaves da salvação e que abre as portas para muitos, deve ter pelo menos o reconhecimento de todos: a Justiça de Deus é inalienável! *

A salvação oferecida é plena, e muitas *provas* são dadas de sua verdade. Mas, se com tudo isto, a "Sua" geração não teve virtudes suficientes para amá-Lo em Seu sacrifício pelo mundo, então o preço por esta suprema injustiça é a perda de toda aquela geração no fogo do Hades e para a Segunda Morte, que é a da Alma.

"Assim como o mundo antigo pereceu pelas águas, o mundo futuro haverá de perecer pelo fogo, no dia do Julgamento e da destruição dos ímpios" (2 Pedro 3,7). Estes são os grandes pecadores, os que não passam pelo Juízo que se configura, afinal, no próprio amor ao Senhor e "Cordeiro". Até o "bom ladrão", ao confessá-Lo, pôde ser levado ao paraíso! Assim, cada um é que julga a si próprio, com sua atitude perante o Senhor. Cada qual decide passar ou permanecer. Seu próprio poder jamais abrirá todas as portas, mas sim o poder do Senhor e o bom carma, auxiliado pela graça merecida, nem que seja por arrependimento, se isto ainda é possível.

A fim de estabelecer um Novo Mundo, Deus há de iluminar a sua geração. A grande Cruz que o Enviado leva em Seus ombros será retirada a tempo ou, antes, Seu amor o conduzirá a uma vitória especial, com paciência inaudita e compaixão sem limites. E então Ele será reconhecido em toda a sua glória, já na sua geração, de modo a poder ela se tornar

aquela "nação de reis e sacerdotes" a respeito da qual está escrito, não tanto por sua virtude, mas pela vontade e amor de Deus.

Eis então que é o próprio Pai que se revela ao mundo, através do Filho, tal como antes o Filho revelara o Pai.

O Senhor foi negado por toda uma geração. Encanecido apenas Ele surge. Sobrevive a tudo por amor ao mundo. Absorveu a grande injustiça e dor. Uma oportunidade absolutamente especial é dada por amor não apenas a um povo, mas a toda a Terra.

Uma nova mostra do supremo amor e misericórdia de Deus será concedida.

* Podem haver crianças no mundo, mas também devem haver adultos: certamente os sacrifícios deve ser em alguma medida compartilhados. Na lenda nahuatl sobre o Quinto sol (transcrita na Revista Órion de Ciência Astrológica, n° 3), o Sol se recusa a seguir ascendendo no céu caso os outros espíritos não compartilhem os seus sacrifícios. Gratidão e reconhecimento são sentimentos básicos em qualquer trabalho espiritual.

Capítulo 7

A DIMENSÃO HUMANA DO AMOR

Vamos agora desvendar o próprio coração dos Mistérios, e começar a abrir as portas para aquilo que os milênios tem encaminhado, ao preço de tantos sacrifícios e esforços. Certamente, deverá ser algo que valha a pena!

Quando lançamos um olhar *idílico* sobre a Criação, há coisas que nos chocam, especialmente a luta pela sobrevivência e a morte em si.

Pode-se dizer que isto pertence ao reino do "instinto", e que a própria natureza se encarrega de harmonizar as coisas.

Ao falar em "Natureza" também invocamos o ciclo dos instintos. Não vamos fugir do assunto, devemos encará-lo corajosamente e aprofundá-lo com o uso da Psicologia, trazendo ao fim sua solução, sobretudo no que diz respeito a nós, a "espécie" humana.

Afinal, tudo isto também muda bastante ao nível do homem, um ser dotado de livre-arbítrio como é.

A complexidade deste "último elo da Criação" traz requintes incomuns aos restantes reinos.

E é assim que também vemos tudo aquilo que nos assusta na natureza se multiplicar, dando origem a guerras contínuas, à destruição sistemática do meio-ambiente, à desarmonia social, etc.

A diferença básica entre o ser humano e os outros reinos está no *dom da consciência*. Um pouco de psicologia nos permite observar que a qualidade desta consciência pode ser variável, até mesmo de um momento para outro, em nossas vidas. É comum que, às vezes, nos sintamos esclarecidos e pacificados, e outras vezes brutos e passionais.

Tais estados também podem caracterizar a completa existência do indivíduo, alguns mais suaves, outros mais violentos, e o mesmo pode ser dito de povos e nações inteiras.

Certamente, temos sempre liberdade de atuar sobre tais estados, que sofrem, é certo, uma evolução.

Na medida em que o ser humano emerge do reino animal, ele também desperta em meios aos instintos básicos. A consciência –ou seja, aquilo que caracteriza o ser humano como tal– é uma *luz*. E se esta luz original ilumina um estado de coisas primitivo, então a tendência ao perigo é muito grande. Diríamos que é assim que o Mal surge na Criação, porque se trata de uma expressão do instinto que já não se encontra regulada pelas leis

biológicas —em seu caráter cíclico, por exemplo—, mas liberado pela *consciência do desejo* e com este ainda não sublimado em qualquer grau. O homem necessita então criar leis para compensar as possibilidades do seu livre-arbítrio.

Mas como abrir mão do prazer? Isto é impossível de todo. A alma pode crescer e aceitar o sacrifício, mas de algum modo ele sempre procurará gozar, e para isto procurará a Fonte da bem-aventurança: Deus, como é justo.

Não é difícil imaginar que pode surgir um estado de necessidade que leve o homem desenvolver métodos especiais de sobrevivência, como a caça, a agricultura, a pesca, a navegação e a guerra, que a natureza até então desconhecia.

A agricultura o leva num primeiro momento a se relacionar com os astros, com o clima e, por fim, com o conceito abstrato de *tempo*, reunindo as coisas e encontrando ritmos semelhantes em seu próprio corpo, especialmente no da mulher, que surge como uma revelação à parte, verdadeira síntese da criação.

Todo este preâmbulo é apenas para ilustrar certas particularidades da Psicologia humana.

O homem já não é um ser cujo instinto está limitado pelas leis biológicas e naturais. Por isto, ele necessita de outras formas de controle, resultando nas leis morais e sociais, e numa esfera superior, na religião, como um caminho positivo para a transcendência.

Alguns materialistas julgam bastar a "canalização" das energias para formas mais civilizadas e talvez indenes, como os esportes. Mas aqueles que têm alguma sabedoria, compreendem as possibilidades da *transformação real do libido*, sem o que não haveria nenhum sentido na condição humana, que se tornaria num erro terrível da evolução.

Na verdade, é esta capacidade de transformação que caracteriza o ser humano, já que a mencionada liberação dos ciclos e ritmos biológicos significa em si um grau de transformação, embora a princípio muito mais próximo da *quantidade* do que da *qualidade* desejável. Formar grandes obras e impérios materiais é um exemplo disto. Gerar sabedoria e liberação representa já uma qualidade indiscutível.

É portanto um fenômeno humano o desejar amar de formas especiais, mais e melhor que os animais. Por isto ele não pode obedecer aos mesmos critérios instintivos: sua auto-realização depende de uma sabedoria especial.

O inusitado desejo de repetição sexual, realizado mais ou menos na medida das forças do homem, oculta uma busca pelo prazer maior, o gozo liberador, e também a comunhão com o Todo.

É a própria Iluminação que o homem e a mulher vislumbram no prazer, uma promessa irresistível que unicamente pode atender ao seu desejo.

Não é por nada que muitas imagens espirituais empregam a alegoria da sexualidade para expressar suas mais altas conquistas. Trata-se certamente de uma didática perigosa, uma "faca de dois gumes", diríamos, e para a qual o ocidental médio não se acha preparado,

razão pela qual lhe escandaliza a convivência popular dos orientais com estes símbolos, seja o *lingam* de Shiva ou as estátuas de bailarinas copulantes dos templos de Kajuraho. Na verdade, vários povos tiveram cultos similares, e as hierogâmias ocidentais se aproximam muito disto.

A semelhança aparente entre o gozo carnal e o espiritual (especialmente na Iluminação) é estupenda. Mas já diferem muito as motivações, as técnicas e também os fins –assim como a possibilidade e a necessidade de reiterar a experiência.

O gozo carnal é transitório e tende a esvaziar as energias do indivíduo, embora até possa surtir efeitos psicológicos positivos, requerendo, todavia, repetidas experiências. Por sua vez, o gozo espiritual é permanente, deixando um estado de beatitude que, em princípio, supre de forma suficiente a necessidade de paz e de felicidade, dispensando outros recursos. Assim como o sexo pode deixar firutos permanentes através de filhos, a iluminação também o faz ao nível espiritual.

Deste modo, pode-se dizer até mesmo que ambos seguem cursos inversos. E da mesma forma, habitualmente existe uma espécie de abismo entre uma coisa e outra.

Eis porém que o "dragão" dos instintos solta-se vez por outra, e em nossos dias ele tende a interferir cada vez mais na existência social, com muitos efeitos negativos (mas também com alguns positivos). Afinal, o uso corrente e "mundano" do sexo caracteriza-se por um elevado grau de ilegitimidade, porquanto certos mecanismos que inevitavelmente desencadeiam, comportam paralelamente funções outras que não aquelas que se desejaria em princípio utilizar. E para "compensar" isto, surgem medidas por vezes as mais lastimáveis.

Seria então o caso de se propor que todos se iluminem como forma de não deturpar o sexo? Bem, esta seria uma idéia interessante, e que um verdadeiro Mestre pode propor a certos discípulos, todavia não a todos.

Então, o grande problema seria que a Iluminação não está disponível de forma geral. Pelo menos não está em princípio. O que nos leva à "estaca zero" de nossa problemática humana, ou do impasse em que se encontram as energias do homem, postergando nossas respostas.

Por mais que o homem se "esclareça", até ao ponto em que assimile as verdades sobre o "vazio", psicológico ou fenomenológico, inerente à criação, desejando se afastar da dor e dos males trazidos pelos instintos, ele nunca se sentirá em paz com Deus ao saber que tão poderoso gozo está reservado apenas aos deuses e... aos pecadores, mesmo que estes "paguem um alto preço", etc.

Um pouco de lógica deveria sugerir que falta algo ao contexto da psicologia humana, que lhe dê conteúdo e permita, afinal, uma síntese entre tais opostos, realizando uma ponte entre o aquém e o além, entre o céu e o inferno. Onde estará o mundo verdadeiro humano?!?

A pergunta é então esta: Existirá uma forma de amar puramente, sem violar os códigos naturais, mas que tampouco seja impossível e de todo longínqua?

Alguns conhecedores da filosofia oriental logo pensarão em certas técnicas de coito controlado, visando conter a ejaculação. Os chineses são particularmente prolixos em seus elogios a respeito, declarando ser a chave da longevidade ou até da imortalidade.

Creemos que eles não estão longe da verdade. De resto, tudo indica ser isto cientificamente possível. Para tanto, pode ser importante saber que o sistema nervoso responsável pela ereção e pelo gozo em si, não é o mesmo que desencadeia a ejaculação. De resto, técnicas ióguicas auxiliam a ascensão das energias.

Ainda assim, este discernimento permanece algo bastante difícil e até raro, exigindo tal prática um grau de esforço que para muitos não vale a pena ou é simplesmente impossível.

Sabemos que é complicado tentar depurar algo no próprio nível de sua impureza. Ainda que os tântricos tenham como lema: "Um homem caído deve se levantar com o auxílio do chão." Tentar isto é algo vão, ou luciférico e prometeico. Comumente permanece um certo vazio *psicológico*, apesar das fortes vantagens físicas e energéticas que tendem a proporcionar, servindo para preencher um pouco o vazio interior motivado pela contenção forçada e pela renúncia ao gozo aberto. Já, que, afinal, o gozo *pleno* é de qualquer forma alijado no processo neste *tour de force*. O que não apresenta afinal tantas vantagens sobre o celibato puro e simples, que também tem suas formas sutis de gozo. O sacrifício espiritual pleno tem também suas compensações. O esforço e a renúncia podem levar a outros mundos, assim como trazer seus próprios conflitos.

Permanece ainda o dilema. O gozo não é completo no *maithuna*, apesar de proporcionar tantas belezas. O monacato também tem suas belezas, mas a ascese é árdua e solitária (atenuado pelo convívio dos outros monges e pelo exemplo dos mais velhos).

Então, é preciso sublimar as energias de uma forma mais eficaz –e também mais satisfatória. Mas, onde está a mágica capaz de nos proporcionar isto?

A resposta não é simples e nem única. Discernimento, pureza, disciplina e idealismo permanecem necessários.

Todavia, a "Grande Chave", está na própria *parceria conjugal* eleita de uma forma especial e única. É preciso prover-se de uma combinação *exata*, visando uma alquimia perfeita. Ou seja: aquele par *predestinado a viver um amor perfeito e sublime*.

Isto nos conduz a toda uma *Ciência das Almas-Gêmeas*. Como chegar a concretizá-la na prática?

No panorama caótico em que nos encontramos, tal coisa soa como um idílio utópico, algo provavelmente inexistente, quase uma fantasia de românticos incuráveis.

No entanto, devemos reconhecer que, à luz do apresentado, tem uma lógica irrepreensível, sugerindo até ser a única resposta possível para tudo. Expliquemos então o que significa o termo e como se dá esta forma sublime e absoluta de amor.

"Almas-gêmeas" são seres com a mesma nota vibratória interior, que sentem e aspiram praticamente pelo mesmo, e cuja única diferença é o sexo (isto é, o gênero), que de resto expressa a sua complementaridade potencial.

Com isto teremos uma harmonia transcendente, cujos efeitos ocorrem de forma tão pungente, que o gozo entre eles pode se dar de forma sutil, e ao mínimo toque, por assim dizer, sem levar ao desejo porque *tudo ali é profundamente prazeroso*. Um olhar, uma lembrança...

Uma tão íntima comunhão, tende a elevar as energias do casal através do mais intenso amor, para então manter ambos em estado de gozo permanente e sem ânsia de ir além de certo ponto, sem maiores riscos de perda de energias e sem necessidade de conduzir a um ápice individual onde, em última análise, o parceiro é apenas um instrumento para um gozo sempre pessoal e negativo (um dos aspectos algo anti-éticos da questão sexual).

Tudo isto é possível, quando somos capazes de ver no parceiro não apenas um objeto limitado de desejo pessoal, mas um templo de Deus, ou mesmo uma sagrada Criação a ser percorrida em suas inúmeras riquezas e nos seus tantos mistérios; talvez um verdadeiro cosmos, ou uma terra fecunda capaz de gerar os mais diversos frutos, devendo ser arada com amor e cuidado. Em mãos habilidosas e pessoais, a mulher é como um material que pode tomar as mais inesperadas formas, como um objeto nas mãos de um artista sábio.

Não é difícil imaginar que neste *encontro* ideal resida a própria Perfeição do Amor. Afinal, se ele não é em si tão exigente em termos de auto-disciplina, ao menos comporta uma dimensão ética que não pode ser desprezada. Ou seja, mais ou menos na linha "Para conhecer Deus, é preciso tornar-se Deus" (Eckhardt). Assim, para contatar este amor perfeito, é preciso estar preparado para o seu universo de idealismo global.

Mas, quantas pessoas estarão capacitadas a isto?

Depende apenas das próprias pessoas. Potencialmente, existe sem dúvida um grande número –sobretudo na medida em que se tratam de verdadeiros idealistas. É preciso saber agir com sabedoria e universalidade, colocando as coisas em suas hierarquias de valores, e respeitando a função de cada uma.

Estes encontros totais são raros, justamente porque as pessoas não se preparam adequadamente para o amor. Hoje, recém estão se preparando para um sexo exteriormente recíproco, mas isto já é uma etapa que conduzirá a uma crescente exigência de melhoria de padrões, com reflexos inusitados. As exigências cada vez mais crescerão, especialmente por parte das mulheres.

O encontro ideal estrutura-se sobre três aspectos principais, relacionados aos mundos físico, psíquico e espiritual. Expressam uma perfeita harmonia entre as formas ou os corpos envolvidos, no aspecto somático, que pode ser verificado fisicamente. Também contém uma perfeita identidade de ritmo emocional, aspiração e anseios, no aspecto aerossômico, para o qual a Astrologia colabora. Por fim, também existe a identificação de vocações e dons profundos; é o aspecto pneumático, onde se expressam as virtudes do Espírito Santo.

Tal coisa não se dá fora de um *contexto espiritual adequado*. Diríamos que é apenas "em Nome do Senhor" que tais encontros podem ser realizados. Afinal, é Ele Quem se revela nesta comunhão abençoada e inigualável: a síntese bipolar natural da Criatura.

O *ambiente natural* é um pré-requisito com elementos simbólicos e pragmáticos auxiliares e sempre vitais.

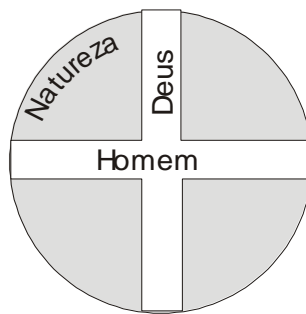
O *respeito humano universal* é um elemento igualmente essencial, na colocação da dignidade do homem enquanto *criatura*, acima de quaisquer contingências culturais.

De modo que na base de tudo isto se encontra uma preparação *cármica* universal, baseada nas três Verdades sagradas: a Verdade do Criador, a Verdade da Criatura e a Verdade da Criação.

Representam fundamentos para a prática dos três Objetos *sagrados* de amor, que são: Deus, o Próximo e a Natureza.

Através desta prática, o homem integra a Totalidade em seu ser, através das *Três Transcendências* básicas que geram as dimensões no homem e que constroem o seu cosmos eterno.

Ao amar a Deus o homem estabelece a sua *verticalidade*. Ao amar o próximo, ele determina a sua *horizontalidade*. E ao amar a natureza ele integra a sua *profundidade*.



A Natureza é portanto aqui a esfera da Alma ou do Espírito Santo, da consciência real e da individualidade. Esta circularidade é, por assim dizer, aquilo que "preenche os espaços", que transforma os planos em realidades. É a quarta dimensão, o Tempo, fundamento para a criação.

Tais coisas expressam as essências dos ciclos de religiões monoteístas. O primeiro está simbolizado na oração, quando o coração se volta para o alto, e nas montanhas (Sinai, Ararat, Gólgota, Moriah, etc.): o Judaísmo. O segundo está simbolizado no Ágape, quando se comunga a refeição, e nas águas: o Cristianismo. E o terceiro está simbolizado no matrimônio, com suas práticas íntimas, e nos caminhos do mundo-sem-males: o Naturismo.

Com tudo isto alguém determina para si um Caminho de Felicidade, com todas as dimensões necessárias a um verdadeiro Sendeiro, o qual lhe reserva no fim da jornada uma Grande Luz: a suprema revelação do Absoluto, que é a *eternidade*, o cosmos perfeito, simbolizado pelo espaço cósmico.

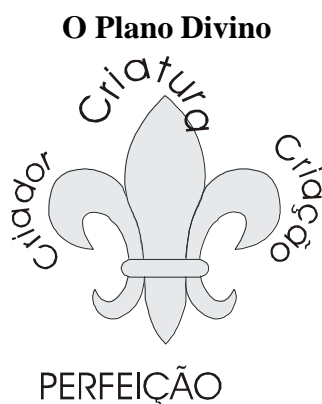
Isto pode se dar na forma da Iluminação, fortemente vivida como a síntese do Matrimônio perfeito e universal.

A Iluminação é a consumação do matrimônio espiritual, e traz as realizações necessárias à conquista da própria morte, além de proporcionar o gozo, a beatitude e a felicidade. O

Matrimônio perfeito pode acrescentar elementos igualmente belos, porque permite a integração do próprio mundo na síntese da Mulher. Alcançar isto representa uma dádiva muito especial. Mas não se pense ser possível "atalhar" o caminho através da união carnal inferior.

Pelo contrário, o verdadeiro amor apenas se conjuga através do sacrifício. O amor só é digno quando regado pelo auto-sacrifício. O amor que almeja a própria satisfação jamais se satisfaz; apenas se esvazia e se esvai. No amor verdadeiro, é preciso haver um auto-esvaziamento do eu, pois contempla o Mais Além. De modo que quando a pessoa chega a gozar, já é o Ser Universal que goza e se revela em miríades de dons e bens, através de uma comunhão perfeita e impoluta.

Para tal coisa, é imprescindível o concurso de todas as bases sagradas, do Criador, da Criatura e da Criação, gerando a harmonia suprema e a totalidade prevista no Plano divino.



A partir daí pode-se reintegrar o quadro da Perfeição original-e-final, gerando longevidade, coroada pelo dom da imortalidade.

O amor perfeito era um dos signos da perfeição paradisíaca, e reza a Bíblia que as primeiras gerações da humanidade viveram muitas centenas de anos. Talvez se tratem de cálculos simbólicos, mas quando fala de 120 anos devemos já levar a sério.

A reorganização do mundo em padrões universais é a tarefa mais importante em nossos dias. Todo aquele que serve ao Plano divino, estará cumprindo o seu próprio Plano espiritual, aproximando-se com isto do destino comum do mundo.

Certamente, é apenas este sentido de unidade que confere o caminho para a Felicidade Total.*

* Ver mais sobre este tema em nossa obra *Almas-Gêmeas – O Graal da Nova Raça*.

Capítulo 8

OS MISTÉRIOS MARIANOS

O "Evangelho da Natureza" não poderia deixar de ter em seu coração a imagem verdadeira da Mulher, que na Cristandade tem como seu grande protótipo à Maria, Mãe do Senhor.

A nosso ver, os mistérios marianos são suficientemente profundos para permitir dispensar todos os dogmas teológicos irracionais. Apenas um puritanismo ingênuo e uma dose de ignorância e até de superficialidade, permite que ainda em nossos dias se acredite em questões como a virgindade física de Maria. A *razão* não é Deus, mas sim divina. É um dos instrumentos humanos para a apreensão do mundo e para o estabelecimento da ordem. E assim sendo, ela não pode ser negligenciada. Por isto, busquemos outras explicações.

Uma delas está em que, no hebraico, "virgem" e "jovem" usam o mesmo termo. Mas convém ir além.

Sob certos aspectos, Maria é parte de uma hierogamia. E neste sentido é responsável também pelo *renascimento* espiritual de Jesus, e não apenas pelo nascimento físico. Basta para isto considerar, por exemplo, a importância que têm a natureza para a regeneração do ser humano. Ou seja: Maria, vista como terra-mãe e virgem, fecunda e natural, e com sua dimensão ético-espiritual que completa os grandes Preceitos divinos.

Neste aspecto, Maria representa uma analogia com o Espírito Santo, o terceiro elemento da Trindade. A matéria divina, o Espírito Santo que se difunde por toda a Criação. Ao abrir-nos ao próximo em comunhão espiritual fraterna, o Espírito faz sua aparição. Mas ele apenas se revela em sua glória sob os entornos perfeitos e insubstituíveis da Criação. Por isto Jesus empregava também tantos elementos naturalistas em suas parábolas. E é também significativo que Maria se encontrasse com os Apóstolos durante o Pentecostes.

É esta íntima relação existente entre a Mãe divina e o Espírito, que permitiu não apenas que a Virgem fosse por ele diretamente concebida, como também explica as múltiplas aparições marianas através dos tempos e das nações, numa expressão paralela do Paráclito, o "Consolador". A multiplicação destas visões em nosso tempo pode ser entendida como um incremento da energia feminina, e também a necessidade espiritual de fomentar o aspecto compassivo da divindade no seio da humanidade —o que se explica tanto em termos espirituais e éticos como também "astrológicos". É natural que tal energia se expresse como um princípio feminino. Vale lembrar que, no budismo, o Senhor indo-tibetano da Compaixão, Avalokiteshvara/Chenrezig (o qual também integra uma verdadeira Trindade budista), recebe uma forma feminina na China e no Japão: Kwan-Yin/Kanon.

Durante sua missão pública, Jesus parece haver estado com sua mãe em muitos momentos, e não raro se narra que as atitudes devotas da mãe são encaradas pelo filho como algo intransigentes.

De fato, todas as "Marias" são objetos de conflito em algum nível, na Bíblia, seja na concepção imaculada da mãe, seja na devoção da amiga, seja na paixão da amante.

A irmã de Marta ocupa o papel mais simples e corriqueiro neste quadro. Caracteriza-se pela extrema devoção. Primeiro, ela deixa de ajudar Marta nos afazeres domésticos para ficar aos pés do Senhor e ouvir a Sua Palavra, sendo nisto recriminada pela irmã mas defendida pelo Mestre (Lucas 10, 38 ss.). Mais tarde, Jesus realiza um de seus maiores milagres ressuscitando Lázaro, irmão de Maria e Marta. Mas apenas o fez a pedido de Maria, e não de Marta (Lucas 11). Depois, esta unta os cabelos do Senhor com óleos, preparando-o para a sepultura. Um dos discípulos de Jesus (aliás, aquele que iria traí-Lo) se escandaliza com o desperdício do caro bálsamo, quando então o Senhor o informa da destinação suprema daquele gesto (João 12).

Quanto aos "escândalos" de Maria, a mãe, junto a Jesus, foi de início nos primeiros dias da missão pública, nas bodas de Sabá, onde Maria repentinamente insta o filho para que providencie vinho para os convidados, já que o estoque do anfitrião acabara. Jesus, talvez indignado com a função de milagreiro a que estava sendo chamado realizar (ou até de bodegueiro providencial), declarou não ter chegado ainda a sua hora para começar tais trabalhos publicamente; ainda assim cedeu e realizou o solicitado por Maria.

Mais tarde, Maria é trazida à Sua presença, e este declara que seus verdadeiros parentes são aqueles que fazem a sua vontade: acaso Maria, especificamente, viria agindo de forma contrária à vontade do Filho? Ou este apenas queria mostrar que seus vínculos eram absolutamente supra-familiares? Mas o episódio em nada muda a sua determinação de mãe em seguir auxiliando o Mestre (talvez até pelo contrário, se a exortação era realmente pessoal).

Por fim, a mãe surge aos pés da cruz, e certamente cuida do filho após este ser descido do madeiro. Deve-se considerar então os fortes indícios que envolvem a participação de Maria junto ao processo de ressurreição do filho. Maria jamais deixou o filho, mesmo durante e após a crucificação. Se Jesus ressuscitou, foi porque sua mãe participou fortemente dos esforços do filho e seus discípulos neste sentido. Ao manter uma fé inabalável que se torna *criadora*, ela se torna realmente a Mãe divina. Nisto temos o exemplo de Ísis que restaurou o corpo de Osíris com seus cuidados.

De fato, quando os Evangelhos narram que Madalena encontra dois anjos aos pés e à cabeça do túmulo vazio, seria muito provavelmente Maria, a mãe, e talvez até a outra Maria, a discípula que o ungiu para a morte. E com isto se daria o momento em que se re-encontram as três Marias, lembrando as três barqueiras que levam o corpo do rei Arthur moribundo para Avalon.

Os mistérios marianos, vistos em sua integridade, não podem deixar de incluir pois estas "três Marias" da vida de Jesus: a mãe, a discípula e a amante.

Tais "Marias" simbolizam expressões de uma mesma realidade, e se identificam com os três princípios cósmicos da Criação, o espiritual, o psíquico e o terreno, que de resto devem ser reunidos para formar o Cânone da Perfeição.

Nestas, a última (Madalena) também é polêmica, por razões algo opostas à primeira (a mãe), mas de forma igualmente exagerada e popularesca. A fama de prostituta que lhe é habitualmente imputada é injusta: o episódio que se relaciona à Madalena, o da mulher salva por Jesus de ser apedrejada (em João 8, 3 ss.), fala meramente de uma mulher adúltera. Na verdade esta passagem *sequer menciona nomes*. A primeira menção da Madalena se dá em Lucas 8, 2, onde ela é apresentada como uma das mulheres que seguiam Jesus, após ter sido livrada de demônios pelo Mestre; sua fidelidade por si só atesta em favor dela. À luz dos tempos modernos, Maria de Magdala poderia ser até considerada uma mulher "normal", embora corajosa para o seu próprio tempo. Mais ainda, existem indícios de que Madalena era uma personalidade especial, e os conflitos com São Pedro são mais um sinal nesta direção. Aventureira e geniosa, tinha suas próprias aspirações e desafiava os dogmas que não entendia, mas que tampouco sentia satisfatórios. Com isto, é natural que, enquanto ainda ignorasse uma Verdade maior, houvesse cometido pecados contra as leis comuns e até contra a Natureza, resultando na perda da proteção espiritual e na conseqüente obsessão por demônios –o que de resto não a distingue de inúmeros outras que têm feito o mesmo em quase todos os tempos e nos mais distintos contextos culturais, muitas vezes sem sequer imaginar a gravidade e a conseqüência de seus atos.

Deve-se entender que a chegada do Messias é uma época de reforma de costumes, sendo normal surgirem almas renovadoras e inconformadas. O fato de Madalena seguir tão de perto Jesus e de merecer tanta atenção, é prova cabal que tudo isto "estava escrito", quer dizer, tinha um sentido maior, para além da moral relativa daquela época de transição. Aspectos muito pessoais poderiam estar envolvidos, o que apenas confirmaria a regra universal do matrimônio à qual Jesus defendia, apesar de este colocar a vida espiritual em primeiro lugar, na medida em que ainda pudesse haver alguma incompatibilidade entre as duas coisas. De Pedro, por exemplo, se diz que deixou a mulher em favor do serviço espiritual, mas isto não é uma unanimidade. Daí que os sacerdotes da Igreja Ortodoxa acatam o matrimônio, isto é, sempre que realizado antes do chamamento interior ou da revelação vocacional religiosa, evitando assim a desincompatibilização.

De fato, Jesus pregava ardentemente a favor da fidelidade conjugal e era contrário ao divórcio; mas, certamente, também possuía uma concepção muito elevada do *verdadeiro* matrimônio.

No caso de Madalena, se foi realmente ela a famosa "adúltera", Jesus refletiu muito (simbolizado pelo gesto de escrever na areia, o pó do qual o homem material é feito e sobre o qual Deus também escreve seus desígnios) antes de dar a sua resposta; pois ao que parece desejava salvá-la em particular, e não apenas responder à provocação de seus contendores. Mas também é possível que tivesse feito isto em favor de qualquer outra mulher, pois sua resposta foi universal e representou um libelo contra qualquer forma de julgamento formal e preconceituoso, de aplicação de uma moral já descabida em indivíduos mais evoluídos e com ansiedades especiais.

É preciso observar que, após a Ascensão do Cristo, a biografia de Jesus guarda um silêncio ainda mais severo que aquele observado na etapa de busca espiritual do Mestre, que vai, segundo o que se entende habitualmente, dos 12 aos 30 anos; ainda que uma exegese mais profunda possa demonstrar que existem muitos níveis biográficos entrelaçados nas narrativas evangélicas.

Tudo indica que se trata de apenas mais um "silêncio obsequioso" que os biógrafos fizeram em favor do mito, poupando a humanidade de maiores confusões. Tal como evitaram dizer o que Jesus fez por 18 anos, fazendo muitos pensarem que apenas permaneceu trabalhando com o Pai, surgindo repentina e inverossimilmente em toda a sua elevação, ao invés de apresentar o perfil de um buscador algo tradicional que certamente encetou muitos processos espirituais em peregrinações e vivências em mosteiros e desertos. Era preciso mostrar a face de um profeta original e tão "divino" quanto possível.

Aquilo que aconteceu depois da Ascensão é apenas sugerido. Ao que parece, Jesus realizou um retiro. Para alguns, ele casou-se e foi viver na Índia; já as lendas celtas sugerem a direção da Inglaterra. Estranhamento, já não se menciona Madalena após a ascensão de Jesus, e ela não está presente no episódio do Pentecostes. Poderá ter seguido o seguiu o seu caminho, acompanhando Jesus.

É difícil acreditar que Ele tenha se afastado de todo de sua Missão. Provavelmente fundou uma ordem secreta, como a da linhagem do Santo Graal, cuja simbologia é de todo evocativa dos processos avatáricos.

Mas, caso o retiro completo tenha acontecido, é porque o essencial já havia sido feito e mais não poderia ser exteriorizado: sacrifícios únicos foram realizados, e superados, embora talvez não de todo, de modo que a Luz do Mundo necessitava ser preservada a qualquer custo.

A partir de sua cruz e ascensão, Ele se mantinha como uma Fonte de luz espiritual no mundo, quer agisse publicamente ou não. Sua simples presença era como a do Sol que, mesmo no outro lado do mundo, traz a benção da vida e jamais deixa o mundo de todo na escuridão.

A sua parte de dor já estava completa, e o exemplo fora dado. Aquele mundo somente prometia mais dor. Que outros fizessem o que lhes cabia agora. Ele teria o seu merecido repouso. Afinal, mais vale uma chama acesa ao longe, que um pavil apagado de perto. Jesus não era um simples mártir: mais que isto, era um *ressuscitado*, uma luz vivente essencial de ser preservada, mesmo que ao preço de um futuro anonimato. Tal coisa não é nada rara de acontecer entre os Iluminados durante os períodos materialistas da História.

Diríamos mais, que esta expressão plena das funções humano-divinas em Jesus, seria não apenas um direito e um desejo pessoal do Mestre, mas também uma necessidade universal. Com isto ele estaria cumprindo uma função "real", acrescentando o elemento *sanguíneo* à função "sacerdotal" e "imperial" que estabelecera antes (todas aceitas pela Igreja, que lhe confere a tiara, uma tríplice coroa) em níveis basicamente espirituais, através de seus sacrifícios e mediante a verdade universal trazida e preservada espiritualmente no mundo por sua permanência assistencial, mas informal ou "invisível". São João declara que Jesus lhe apareceu em visões para lhe revelar o Apocalipse, e Paulo também afirmou ouvir

a voz do Senhor no caminho de Damasco, fazendo com que passasse de perseguidor a evangelizador. Seriam apenas intuições e visões internas?

Seja como for, presume-se que um Imortal como Jesus pode edificar a sua Igreja mesmo desde o Além, assim como preservá-la e até puní-la quando necessário. A História deve aprender esta lição!

Uma pergunta surge: estaria Jesus "desencarnado" já? No caso de Paulo, provavelmente não, se a exegese está correta, pois se tende a ver sua conversão como ocorrida já em 36. Neste caso, a visão pode ter sido enviada pelo Pai *em nome* de Jesus, ou pelo próprio Cristo em pessoa. Quanto a João, seu Apocalipse foi escrito apenas em torno a 95, durante o exílio em Patmos. Se vivesse à época, Jesus teria quase cem anos

É verdade que Jesus e Buda não primaram por enfatizar a função real e sanguínea, mas isto não apenas porque ela não tivesse fundamento em si, mas porque suas épocas materialistas não favoreciam esta dimensão da Perfeição. Além disto, seu reino transcendia os ciclos históricos entendidos como os das gerações humanas.

Por isto ele se retirou, pois se Sua realeza fosse possível, e se o Seu reino pudesse ser daquele mundo, ele teria permanecido fisicamente entre os homens, regendo e governando a civilização, ou ao menos coordenando uma guerra contra Roma –à qual de resto terminaria capitulando a seu tempo face ao Cristianismo.

Mas, como isto era mesmo impossível, Ele não determinou sua sucessão a partir do sangue, em parte porque este elemento não era suficiente, e também porque o processo estava corrompido. Antes, seria por um legítimo ato espiritual que o processo fora determinado, a saber, a fé manifesta por São Pedro. Tal fé nem sempre foi até a confissão heróica amiúde exigida, mas no final Pedro foi um verdadeiro mártir.

De resto, já não tratava-se de uma época de religiões autocentradas e "raciais", mas proselitistas e "universais", devendo abrir-se aos "ventos do Espírito".

Por tudo isto, ao invés de permanecer confrontando Roma (como se diz que logo faria o milagreiro Apolônio de Tiana), Jesus simplesmente retirou-se. Roma perseguiu os seguidores de Jesus, mas nunca o fizera diretamente contra o Senhor. Herodes havia sido nomeado por Roma, mas era judeu. E Pilatos lavou as mãos. Mas o martírio dos cristãos também serviu para render Roma, que terminaria assim sendo o grande centro da fé católica, a ponto da Igreja adotar grande parte dos costumes romanos: arquitetura, hierarquia, legislação, etc.*

* Ver mais sobre mistérios marianos em nossas obras *A Igreja do Novo Mundo* e em *Almas-Gêmeas – O Graal da Nova Raça*. Para os mistérios da mulher, ver Capítulo 15, adiante, e para mistérios naturais (neochamanismo), ver nossa trilogia *A Tradição Tolteca*.

Capítulo 9

A ERA DO INDIVÍDUO

A Era de Aquário é tida como a da revelação do "Filho do Homem", o Cristo universal difundido na humanidade. De fato, imensas realizações estão previstas para o novo Homem.

A Idade do Espírito Santo é também a idade do Indivíduo, quando a luz alcança a humanidade e permite que emergja a sua verdadeira Individualidade. O Espírito Santo é a expressão dos dons espirituais no homem, segundo a sua vocação e identidade própria.

Não se trata de vaga inspiração ou apenas de religiosidade externa e sequer mística, mas de realização concreta e científica.

A natureza espiritual do homem –atente-se para esta expressão– deve emergir para que a humanidade possa fazer frente aos seus novos desafios sócio-culturais-ambientais, e também para que possa realizar os seus novos potenciais.

E esta nova espiritualidade se expressa em termos concretos e universais. A nova faceta da Trindade é a de um monoteísmo inclusivo, integrador e abrangente. Esta é a face do Espírito Santo, já não apenas como um dom secundário, fugaz e condicional como na Era passada, mas uma conquista global e definitiva. Não mais uma promessa, mas um estado alcançado e estável, "cultural" e global.

Sua efusão universal se expressa no símbolo de Aquário, onde as águas do Espírito jorram da urna da plenitude dos tempos –*Kalasha*–, no coração amadurecido da humanidade.

"Aquário" é, esotericamente, um signo setenário, através de seus regentes Saturno/Urano. O Sete é um arcano de transição, expressando uma nova Unidade. Nos Mistérios, representa o início de um processo evolutivo, que parte da matéria e se dirige ao Espírito, ou que se baseia na multiplicidade "orgânica" direcionando-se para a Unidade. Numa palavra, significa *integração*.

Esta multiplicidade é já em si áurea porque coordenada, e doravante toda a evolução se dirige à perfeição e à integração.

A individualidade é apenas o último grande elemento do processo espiritual. Primeiro vem a luz e depois a sociedade, como "pai" e "mãe" do ser humano. Nisto se encontra o sentido esotérico do Mandamento mosaico de "honrar pai e mãe". O carma espiritual e o social devem ser igualmente atendidos.

É assim que determina a ordem das religiões. No início foi implantado o culto ao Deus-Pai focalizando a religião como tal, e depois o culto ao Deus-Filho voltado para a salvação

através do social, e por fim a suprema valorização do Espírito-em-nós ou da divindade individual que inclui o meio-ambiente.

De fato, não se pode pensar a vida sem considerar antes de tudo o trabalho criador. Logo, deve-se considerar a ordem social como matriz física do elemento humano (neste aspecto, sempre que Jesus colocou a família espiritual acima da família carnal, ele estava procurando fugir da individualidade inferior para valorizar a coletividade como base universal, inclusive para a vida da alma). Somente depois que tudo isto for atendido, é que existirá realmente um indivíduo, maduro, pleno e integrado. Os carmas espiritual e social serão resgatados e poderá emergir o indivíduo como tal, capacitado a aflorar um Espírito e a ser realmente feliz e sagrado.

Pode-se considerar, portanto, a individualidade como expressão de um terceiro momento espiritual, segundo a fórmula da Trindade.

Analisando as religiões judaico-cristãs-universalistas, vemos que o Deus hebreu era quaternário, simbolizado nas quatro letras do "Nome Inefável": IHVH; um ciclo *elemental* e material portanto. Depois, o Deus cristão era trinitário, incluindo o Pai, o Filho e o Espírito Santo; de modo que configuravam princípios rítmicos de tempo. Hoje, o espiritualismo fomenta basicamente a questão das polaridades: interior/exterior, masculino/feminino, etc. Por isto o Dharma de Maitreya se vale da *Doutrina dos Espelhos*, tendo em vista um nova síntese vivencial (ver nossa obra *Tushita – O Dharma de Arco-Íris de Maitreya Buda*). Isto representa um importante passo na direção da individualidade, e neste aspecto, o Sí Mesmo traz uma expressão de polaridade material extremamente íntima, perfeita e sagrada: a questão das Almas-Gêmeas, símbolo máximo da Natureza e da Criação. Depois disto, esta polaridade se interioriza definitivamente, dando lugar a um Todo unificado, que pode ser simbolizada na Iluminação e na Imortalidade. Aí sim, o Indivíduo torna-se perene e sua alma "fixada", para empregar uma expressão alquímica.

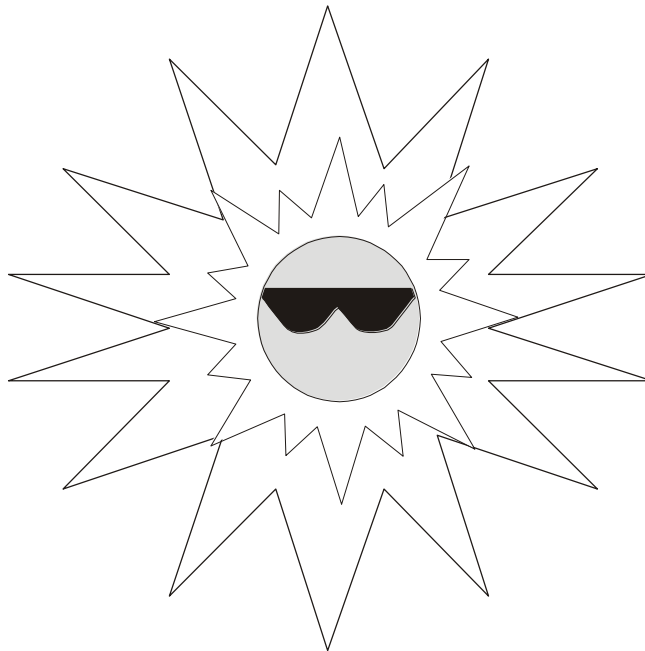
Pode-se, portanto, determinar a seguinte seqüência de processos e realizações, seja no plano individual, seja no racial:

As 4 Etapas da Individuação

1. Religiosidade.
2. Fraternidade.
3. Almas-Gêmeas.
4. Iluminação.

Esta 4ª etapa já não é inacessível a muitos. Pelo contrário, se encontra hoje inserida nos Planos raciais, através do trabalho do 4º Ashram espiritual do mundo, simbolizado precisamente pela urna do Aguador. Para chegar a isto, deve-se atender devidamente a todas as leis anteriores, em termos essenciais, "recapitulando" os antigos valores espirituais se preciso, e reafirmando-os devidamente em nosso interior através do idealismo e do serviço.*

* Para maiores detalhes sobre a Idade do Espírito Santo, ver nossas obras *A Igreja do Novo Mundo*, *Cartilha Universalista* e *A Religião da Vida*.



Supremas "façanhas" da modernidade, gestadas pela revolução industrial e cuidadosamente "administrada" pelos magnatas do petróleo mundial: a energia do Sol torna-se nociva "graças" à destruição da camada de ozônio, alastrando o câncer e a cegueira; e enquanto rumamos quase certamente para um colapso total da atmosfera planetária, o efeito-estufa aquece a Terra, para a arriscada felicidade das nações frias –e indiferentes–, derretendo rapidamente as calotas polares e elevando o nível dos oceanos. Perigosíssimas "atenuantes" são levantadas pelos cientistas oficiais, enquanto outros traçam quadros catastróficos, irreversíveis e imponderáveis...

Capítulo 10

A PEREGRINAÇÃO

Viajar é um dos grandes signos da espiritualidade, traduzindo uma das mais importantes condições sob as quais nos encontramos neste planeta: a de *peregrinos*.

A peregrinação pode ter ou não um objetivo concreto, por vezes simbólico. O importante é este sentimento de "perder-se" para se reencontrar transformado, aceitando o desafio das intempéries, dos acidentes do relevo, da solidão e até das restantes criaturas, incluindo os homens.

Assim, o viajante é um renunciante, até um asceta.

Nobres viajantes têm crescido em espírito e deixado sua marca na história das religiões. Jesus e Buda, assim como todos os outros profetas, foram seres errantes sobre a face da terra. "As raposas têm suas tocas, os pássaros têm seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a sua cabeça." Assim, a consciência de peregrino sobre a Terra é um atributo da condição humana, especialmente de homens certos especiais (e neste caso talvez Jesus também estivesse se referindo aqui a homens-raposas e homens-pássaros).

Na Índia, esta tem sido uma prática multi-milenar e até mesmo uma instituição social. À parte os monges errantes das várias ordens, os *Sannyasin* representam no Brahmanismo aquela última etapa da vida do Brahmane, em que ele abandona tudo e sai vagando pelas florestas, rios ou desertos, preparando-se para a morte, que é a marca o final da jornada terrena e a passagem para uma outra dimensão. Tal condição pode representar a última etapa de um caminho espiritual.

Missões também fazem parte da vida peregrina, e por vezes levam monges e idealistas a lugares muito distantes. E até mesmo certas atividades profissionais remuneradas têm empregado as viagens de forma sistemática, como o cavaleiro errante medieval à procura de uma causa, os navegantes e os motoristas que trazem e levam mercadorias, assim como o médico itinerante.

A busca por lugares místicos foi sempre um anseio corrente na humanidade, como forma de alcançar uma bênção ou um apoio para nossas aspirações.

Por alguma razão, centros sempre foram estabelecidos na Terra, em grande parte fundados sobre uma ou mais leis que regem a evolução hierárquica do planeta, e pelo percurso que fazem estas energias através dos tempos e das nações.

Neste sentido, é importante lembrar que a idéia de centro se encontra associada à de periferia, cuja relação se realiza através de um princípio intermediário denominado *raio*. Nisto teríamos uma definição hierárquica da natureza dos distintos níveis de grupos e instituições culturais a serviço do progresso da humanidade.

Esta relação apresenta direções recíprocas. Assim como a luz do Sol atinge os planetas que o circundam, o astro-rei também os atrai e mantém dentro de sua órbita, pois de alguma forma lhe pertencem por carma grupal. Por isto, nunca será exagero dizer que somos todos filhos do Sol.

Analisemos então qual a origem e a função de um centro.

Um centro é inicialmente constituído a partir das mais diferentes fontes de influência. E aquilo que o torna um centro de fato, é a síntese das virtudes assimiladas e adquiridas. Nisto podemos ver o único e verdadeiro caminho de *evolução*.

Por sua vez, uma vez constituído, sua função não é tampouco a de ofuscar ninguém, mas de formar um sistema complexo e hierárquico, onde cada parte atenda a uma função própria, mas também integrada a um Todo maior. E neste aspecto temos por sua vez, o único possível e verdadeiro caminho de *progresso*.

Evolução e Progresso: a etapa inferior e a etapa superior de um Todo de perfeição. O primeiro é centrípeto e concentrador, ao passo que o segundo é centrífugo e radiante. Etapas no desenvolvimento de um ente, que determina sua posição relativa no Todo. Aspectos dialéticos que participam da constante evolução do universo. Movimentos que devem ser realizados pelas diversas partes de um conjunto, a fim de cumprirem suas funções e permitir a criação de um todo.

De tudo isto depreende-se que um Todo apresenta distintos níveis de elaboração. Qual será, neste quadro, a função da peregrinação? Certamente, o de realizar aquele necessário *elo* entre o centro e a periferia, quer dizer, fazer a função do *raio* que possibilita a formação de um Todo.

Vejamos alguns exemplos históricos.

Quando Pitágoras esteve na Índia e no Egito, retornou à sua Grécia para buscar promover a cultura de sua gente através da difusão dos conhecimentos que adquirira nos grandes centros iniciáticos.

Quando Apolônio de Tiana dirigiu-se à Índia, retornou à sua terra grandemente enriquecido e capacitado a interferir na complexa situação política da Roma de então.

O próprio Jesus teria se dirigido ao Egito para aprofundar seus conhecimentos (podendo ser, no entanto, a sua fuga para o Egito com os pais durante a perseguição aos inocentes interpretado simbolicamente).

Quando S. R. de la Ferrière alcançou as elevadas mesetas do Tibete, foi enviado para a América do Sul com a missão de trabalhar pela formação do novo ashram mundial nesta região do globo.

Muitos outros exemplos poderiam ser dados. Tanto os centros como os peregrinos podem ser de diferentes níveis de evolução. O que importa é a elaboração de um elo, sobretudo quando a orientação se encontra corretamente realizada segundo tempo e lugar.

Com tudo isto, torna-se possível a criação de ashrams e espalhar uma cadeia de luz que atinge não apenas muitas regiões, mas também distintos graus de manifestação. Tal coisa é necessária, segundo avançam as épocas e o dharma racial translada seu foco primário de atuação.

O vínculo original deve ser, no entanto, sempre mantido, pois os centros jamais fenecem de todo, mas apenas se ocultam periodicamente, quando é chegado o momento para isto. Por esta razão é que todos os centros verdadeiros, desde o menor ao maior, e na medida em que são manifestados, confessam seu caráter tributário a um Centro maior e original, oculto ou ainda manifesto, uma vez que todo o Mestre permanece sendo um discípulo desde um ponto de vista superior, e o preceito de Hierarquia representa uma Lei necessária na Criação, à qual todos devem reconhecer e confessar para fins de progresso e evolução.

O que é certo, sobretudo em se tratando de um universo em formação, é a necessidade de elaboração daquele *elo sagrado*. Isto pode ser realizado através da adoção de uma religião ou de uma doutrina que expresse realmente o dharma atuante, e no reconhecimento daquela Instituição Solar ou daquela Sucessão Apostólica legada pelo Avatar de cada Era – o que invariavelmente passa pela legítima definição da Cadeia de Adeptos, suscitados em sua unicidade no mundo, sobretudo naquela região que vem a ser o foco principal do presente dharma racial.

Viajar é preciso, disse um poeta inspirado. E como resposta, um novo poeta falou da necessidade da viagem interior. Tudo isto, é claro, constitui a dinâmica do universo em suas faces opostas e complementares.

Planetas, lembremo-mos, existem de distintos níveis e hierarquias, uns maiores e outros menores, uns próximos e outros distantes, uns sólidos e outros gasosos, uns coloridos e outros uniformes, uns com satélites e outros solitários, uns casados e outros solteiros. Mas, ainda assim, são todos planetas. E esta palavra significa, em suas origens gregas, precisamente *peregrinos*.

Hoje em dia, com o crescimento da complexidade política implantando fronteiras por todo o lado, ficou mais difícil realizar peregrinações ao estilo antigo. Em compensação, se estimula o "turismo", com tudo bem controlado e programado, e como uma forma de comércio. Dificilmente se pode esperar qualquer dos efeitos da peregrinação sob tais condições. Pese vermos coisas boas nisto, também percebemos desvantagens, por representar um recurso espiritualmente pouco proveitoso para todos, sugerindo até aspectos decadentes.

Temos sérias críticas ao ritmo moderno de vida, onde as pessoas se esgotam trabalhando e também depreciam o próprio meio ambiente –geralmente com razão, porque se trata das grandes cidades–, e então fogem logo que podem para algum lugar diferente.

Mas ao invés de fugir do próprio ambiente nas férias e nos fins-de-semana, seria preferível que cada um buscasse aperfeiçoar *o seu próprio ambiente*, ou que se mudasse para um lugar melhor, aproveitando as belezas naturais e também o contexto histórico local, afirmando a sua identidade desde as raízes e tratando de refiná-la cada vez mais.

Esta medida também exigiria uma redistribuição populacional, pela difusão das micro e médias propriedades rurais, de modo que já não haveria tantos aglomerados e poluição.

Mas ao mesmo tempo, também poderia ser efetuado um meio-termo algo requintado, na forma de um turismo místico-ecológico com um fundo integrador.

Distintos percursos podem ser adotados. Em Capítulo anterior mencionamos a importância da implantação de um circuito desta natureza pelas redondezas dos grandes centros urbanos.

Este *mystical tour* abrangeria especialmente os núcleos rurais que trabalham com a espiritualidade (enfatizando aqueles que desenvolvem o conceito de Nova Era), e também a ecologia e até o folclore, podendo ser enriquecido com visitas breves a pontos mais ou menos complementares. As viagens poderiam ser coordenadas ou orientadas por pessoas afins à área do turismo e da espiritualidade.

Poderia haver atividades programadas em locais específicos, do tipo passeio ecológico, banhos (de rio, lago, poço, termas ou cachoeira), cantos e danças, assim como palestras, ritos e meditações.

O estabelecimento deste *tour* pode ter efeitos incalculáveis para toda a região, integrando as áreas culturais. Para as pessoas da cidade, informará sobre possibilidades de lazer e atividades espirituais integradas. E para os núcleos a serem visitados, representará um estímulo adicional e eventualmente algum apoio financeiro, fortalecendo estes núcleos e estimulando novas atividades de parte a parte.

Também será interessante incrementar o aspecto espiritual do circuito. Apresenta-se os grupos a serem visitados como trabalhadores que geram a mais pura luz espiritual, por terem, em tese, as condições ideais para isto, devido ao contato com a natureza, à espiritualidade e o sentido comunitário interno, ou seja, o chamado *Cânone da Perfeição*. Deste modo, mantêm um anel de luz espiritual em torno aos grandes centros urbanos. Neste aspecto, o *tour* místico serviria para consolidar este anel, torná-lo mais coeso e vibrante. Interagindo de forma ainda mais intensa, pode-se determinar sete pontos especiais, se possível catalogar os núcleos segundo energia de raios distintas, e então participar de rituais e trabalhos relacionados a cada raio; ou providenciá-los nos locais mais apropriados.

E no caso de haver um Centro solar tradicional, ou seja, com a presença de um Mestre, seja na forma de um *Ashram* (comunidade com discípulos) ou *Kutir* (residência do Mestre com sua família), este Centro deve servir como fonte de irradiação cultural de primeira linha, em direção a todos os restantes, uma espécie de *Shambhala* primordial em relação aos Ashrams dos Sete Raios, dando a *nota* comum a todos eles.

Tal maratona espiritual poderia ser uma espécie de tarefa-dharma a ser incorporada por um grupo eclético e universalista organizado como atividade regular. Os benefícios gerais poderiam ser muito grandes, abrindo um canal de diálogo a ser eventualmente incorporado e apoiado por órgãos oficiais. Também é certo que as várias entidades visitadas apreciarão a iniciativa e desejarão apoiar a proposta. Se os preços forem módicos, é possível que muitas pessoas façam o(s) passeio(s) com regularidade.



As montanhas, símbolos das mais remotas conquistas, permanecem sendo um dos últimos refúgios de paz e de beleza. Mas não raro, a exploração mineral, imobiliária e turística tampouco as têm poupado.

Capítulo 11

"RENDER-SE À NATUREZA"

À primeira vista, a expressão "render-se à natureza" sugerirá para alguns simplesmente a aceitação e a expressão dos impulsos instintivos.

Tal coisa, sem a participação da razão e da cultura, a nada de bom conduziria. Por isto, o que se pretende é, antes, observar um quadro mais amplo e puro do "natural".

Por certo, uma "rendição à natureza" eficiente à luz de um Todo humano, exige a posse de uma ciência profunda do corpo e da alma, buscando avaliar corretamente as diretrizes naturais do homem e os mecanismos de sua psicologia ou alma, inclusive sob os efeitos ambientais em geral. Apenas através disto é que teremos um quadro positivo da cultura natural, ou antes, *naturista*. E isto representa mais que a famosa "liberação dos instintos". As energias devem ser também canalizadas para formas mais elevadas de expressão. Deve-se eliminar os condicionamentos e dirigir o espírito para coisas nobres.

Como isto se insere no quadro geral da cultura? Lembremos que alguns místicos ou religiosos falam que, para trilhar o Caminho sagrado, o espírito deve "render-se a Deus".

Na época de Moisés, o necessário e o possível era a rendição ao conceito do Deus único, buscando a paz interior.

Depois, Jesus, acrescentava uma rendição ao próximo em nome do Filho, visando à harmonia social.

E agora, na Era de Maitreya surge a necessidade da rendição ao Todo, ao sentido de unidade e também à Natureza enquanto criação divina, buscando a harmonia global.

Não se trata portanto de meramente atender os apelos instintivos. Certamente, se nos atemos apenas àquilo que *resta* ao "homem artificial", encadeado ao relógio e às paredes, pouco mais se terá do que a expressão instintiva, até exacerbada face à decadência psicológica decorrente, como bem o sabe a ciência moderna (cujas conquistas parece que não raro são empregadas negativamente). Porém, quando colocamos este homem num ambiente que possibilite e que exija um contato mais profundo com a natureza, então um espectro mais amplo e profundo de energias emerge automaticamente. O sentido de liberdade e a comunhão cósmica atraem naturalmente a alma, trazendo alegria e expansão. Isto permite enfrentar desafios que num ambiente restritivo seriam muito mais difíceis e sem sentido. Tais percepções formam o que denominamos de *Psico-Ecologia* (teremos um Capítulo dedicado ao tema, adiante)

Existem instituições que fomentam em algum grau práticas desta natureza. O Escotismo, por exemplo, é uma grande criação, pois além de desenvolver virtudes sociais e coletivas, valoriza muito o contato com o ambiente natural (seu símbolo adotado é a *flor-de-liz*, apresentada anteriormente nesta obra). Esta é também uma prática que deve ser valorizada em qualquer serviço militar.

Hoje em dia, tende-se a cultivar algo semelhante visando à "restauração da masculinidade". Nada mais sábio, quando estudamos a matéria à luz do Taoísmo, como no símbolo abaixo:



O *natural* aqui são as duas grandes energia em movimento: ying e yang, céu e terra, masculino e feminino, espírito e matéria. E o *humano* são as pequenas esferas centrais: homem e mulher. O TAO, é a Harmonia do Todo, e as esferas centrais o reproduzem em certa medida.

Assim, o masculino humano depende do feminino cósmico (natureza) para se equilibrar, da mesma forma como o feminino humano carece do masculino cósmico (religião) para se harmonizar. Apenas isto possibilita os grandes encontros, frutos da harmonia global. E é por esta razão que o Taoísmo desenvolveu uma comunhão tão singela e profunda com a natureza, assim como o "Tao do Amor" que trabalha com as energias sexuais, mas com recursos alquímicos e propósitos transcendentais. Observa-se com isto a dimensão cósmica e humana que pode atingir este quadro, apenas suplantada pela perfeita ciência das Almas-Gêmeas no exemplo acima, a ser implantada na Nova Era.

Existem realmente muitas coisas "simples" que, especialmente à luz deste novo momento cultural-divino, possuem o mais elevado significado cósmico e simbólico, passando por verdadeiros "rituais" que o homem rural realiza de forma inconsciente (e por isto com pouco conteúdo espiritual), mas que o homem de amanhã saberá valorizar adequadamente, inclusive conferindo-lhes novas dimensões, e resgatando então as forças da alma e a transparência do espírito.

Tais coisas reúnem o natural e o sagrado. Imprimem saúde e sacralidade, empregando a Criação como um meio de aproximação do Criador e da Criatura arquetípica e social. O efeito que o ser humano sente ocorre seja mediante o aspecto psicológico libertador e purificador, seja pelo físico através das vitaminas que desta forma desenvolve. Observe-se a palavra "vitaminas": são as "minas da vida"! A ciência sabe que isto é bem mais do que um trocadilho, mas uma verdade consumada, pois o que as vitaminas mais têm a oferecer é a própria vitalidade em si. Na verdade, elas desencadeiam os processos fisiológicos e o metabolismo.

Tende-se muito a confundir a "energia" da vitalidade com a tensão desencadeada por drogas naturais muito consumidas, como o guaraná, o café e o mate. Mas o uso e sobretudo o abuso disto sempre cobra um preço alto. Existem plantas que fornecem alta vitalidade de forma mais sutil e saudável. A cebola é um exemplo extremo, cujo elevadíssimo teor de vitaminas, sais e óleos, proporciona tanta energia, que faz com que muitos orientais até a considerem um afrodisíaco, o que não é verdade (uma vez que ela apenas aumenta a energia, a qual segue por sua vez na direção em que a mente um se volta). O alho é um exemplo semelhante, e suas curas são amiúde tidas como "milagrosas". De qualquer forma, é apenas o alimento cru que contém tal vitamina. Podemos nos limitar portanto a frutos menos potentes e ativos, mas com importante teor vitamínico.

Colher uma laranja da árvore, por exemplo, não apenas proporciona um fruto "vivo" e altamente vitaminado se ingerido no momento, como também expressa um ritual de comunhão singela mas significativo, envolvendo os elementos de forma direta.

Diga-se o mesmo de banhar-se com o sol, promovendo a formação da "vitamina D" e captando energia pura.

Que dizer então de um banho de cachoeira? Isto lava também a alma, literalmente...

E existem banhos de chuva, os passeios pela natureza, a exploração dos bosques, de cavernas, de montanhas, etc, etc.

O homem moderno deveria incluir tais atividades com um espírito verdadeiramente religioso, porquanto sua saúde é coisa vital e sagrada. Sem temer confundir com culto aos deuses naturais, presentes em árvores ou pedras, porque isto é coisa do passado. Sua energia isolada é precária para o homem atual, embora até possa ajudar a reequilibrá-lo em alguma medida.

Um dos grandes problemas da vida moderna é a ausência de boas fontes de vitaminas. Os remédios artificiais pouco auxiliam. Muitas das "curas" obtidas resultam ou de efeitos psicológicos, ou da própria conclusão do ciclo das enfermidades.

Conhecemos multidões de pessoas que passam os dias em romarias entre médicos e farmácias, buscando a cura para o corpo e a alma. Para piorar, a confiabilidade na medicina, sob sistemas altamente ideologizados e sobretudo *comerciais* como os modernos, é coisa precária e perigosa.

De qualquer forma, muito seria resolvido numa prática naturista razoavelmente austera mas saudável. Observemos então melhor esta filosofia de vida.

O Naturismo

O Naturismo é uma filosofia que busca pesquisar a *verdade* da natureza humana superior, desde o ponto de vista biológico. Por isto, o conhecimento e a prática do Naturismo estão na base de toda a "experiência verdadeira". Difere do Naturalismo na medida em que este apenas procura valer-se dos elementos naturais em geral, sendo portanto oposto ao "Artifi-

cialismo" (uma "filosofia" que ninguém prega abertamente mas que quase todo mundo pratica hoje em dia, o que representa algo espantoso).

Pode-se dizer que o Naturismo é um Naturalismo restrito, buscando praticar tudo aquilo que é realmente *bom* para o ser humano, enriquecido por elementos superiores, e não tudo o que ele pode fazer dentro da Natureza através da ampla capacidade de adaptação característica ao ser humano.

Assim, o Naturismo não se reduz apenas ao Nudismo, ao qual nossa sociedade puritana reduz o termo, quando seria apenas um de seus elementos.

O Naturismo estrito inclui o Vegetarianismo, a Psico-Ecologia, o Solarismo, o Crudivorismo, o Nudismo, a Peregrinação e os Banhos terapêuticos, mas também pode acrescentar a contemplação das estrelas e certos esportes naturalmente ambientados.

Em termos de perfeição, todavia, é preciso acrescentar uma dimensão social e outra espiritual, para que o quadro fique completo.

Afinal, é apenas desta forma que será possível obter a grande síntese do Naturismo, que também se encontra representada no Amor Perfeito, ou no encontro da Alma-Gêmea, pela na experiência única e suprema que tal coisa pode proporcionar.

Por esta razão é que o Naturismo pode ser apropriadamente designado como o "Portão do Paraíso".

Alguns destes itens serão estudados nos Capítulos seguintes. Na seqüência nos limitamos a comentar aquela expressão naturista tão especial, o Nudismo, com sua rica carga simbólica que o faz estar presente nos mitos de perfeição.

O NUDISMO

O Nudismo é uma espécie de símbolo máximo do "render-se à natureza". Trata-se de um elemento naturista que possui amplas consequências não apenas para o corpo, mas também para a mente. Neste aspecto, esta intimidade maior com a Natureza visa a quebra dos tabus sexuais, determinados pela repressão ao fluxo natural e universal das energias, simbolizado pelas vestes e pelos tabus sociais e religiosos.

A idéia do nudismo traz referências à intimidade com a Verdade. Ísis se desnudava para entrar no Paraíso, e Perséfone fazia o mesmo à medida em que descia aos infernos. Ambos os mitos indicam a mesma realidade: o abandonar os véus para chegar à Essência.

No Paraíso bíblico, Adão e Eva estavam sempre nus. E isto lembra certa experiência tribal, sobretudo tropical. Neste caso, a ordem era mantida pelos tabus. Todavia, é certo que o Nudismo apenas se completa com a devoção espiritual e o sentido fraterno, ou seja: emoldurado pela verdadeira religião e fraternidade.

E isto evoca os janinistas, que o praticavam em larga escala, a quem os gregos muito admiravam e chamavam *jimnosofistas*, ou "cultores do corpo", o que representa uma designação nada exata do verdadeiro espírito do nudismo e em especial dos orientais, por-

que se trata da ótica grega, "estética" e hedonista. Os verdadeiros filósofos almajevam antes um "render-se" à Natureza, posto que a Tradição vê a Criação como coisa sagrada.

Isto também nos leva de forma direta à seita medieval dos Adamistas, que viam no nudismo a forma ideal para se chegar a Deus.

É um fato que nem todo o ambiente cultural e ecológico, assim como nem toda a estação, se presta ao nudismo. Tal coisa demonstra que não representa uma prática universal, mas um elemento enriquecedor, sobretudo na complexidade da vida moderna.

Assim, consideramos que o momento ideal e "natural" para a prática do nudismo é durante os banhos. Por isto ele é hoje muito praticado, sobretudo em praias especiais, onde vem se tornando uma instituição. A prática no cotidiano pode se revelar igualmente artificial e excessiva, sobretudo na medida em que se vive em regiões ou em estações temperadas ou frias.

O nudismo pode ser praticado a sós ou quando existem outras pessoas juntas, incluindo o próprio conjuge, já que a vida de casal confere uma base para a terapia nudista.

Assim, uma etapa básica do Nudismo é a prática em família, e isto deve incluir os filhos, fator terapico de importância inestimável. Os pais que se desnudam naturalmente perante os filhos, lhes conferem uma mente saudável e naturalista em relação ao corpo e à sexualidade.

Existe uma simbologia própria à prática do Nudismo. Quando o primeiro casal pecou, ele sentiu a necessidade de cobrir-se. Viu que já não fazia um uso natural do corpo, que havia se tornado em objeto egoísta, fruto do "pecado". Quer tivessem usado o sexo de forma não natural, quer tivessem violado suas leis mais sagradas, o fato é que a desobediência a Deus e à Natureza resultou nas mais graves conseqüências: o homem estava condenado a perder o Paraíso; ele era agora um mortal.

Começava então um longo processo de regeneração, tendo como base a religião. A religião e a moral são as vestes que cobrem Adão e Eva a partir da consciência adquirida do Bem e do Mal. Antes da tentação e, sobretudo, do pecado, não havia consciência de separatividade de qualquer espécie. Tudo era feito de forma integrada, de modo que qualquer campo da experiência servia para o crescimento.

No Paraíso não existe a religião como a conhecemos hoje. É organizada de tal maneira que o ser humano pode receber e absorver os valores e as energias espirituais de forma natural e espontânea, a partir da Presença viva do Senhor e seus verdadeiros Representantes em seu seio. Daí dizer o Apocalipse que na Jerusalém celeste (que é a restauração do Paraíso), não haverá Templo, nem Sol ou Lua, pois o Cordeiro é a luz desta cidade, iluminada pela presença do Deus-vivo.

Neste aspecto, a utopia de John Lennon (expressa em sua música-hino *Imagine*) não estava de todo errada. Já Jesus pregava contra os templos, induzindo à meditação individual e à ágape comunal. Era o fim do culto externo e formal como caminho espiritual válido. Doravante a Criação será um novo Templo, e o Espírito o supremo objeto de culto. O ágape será natural e até com maior parcela individualismo espiritual.

A evolução da religiosidade mundial representa um crescente processo de *interiorização* da Verdade. O Judaísmo trazia um culto externo, o do Deus-transcendente. Depois, o Cristianismo tratou de interiorizá-lo na idéia do Deus-imanente. E agora, o Universalismo busca manejar esta ambivalência a um só tempo, difundindo a Verdade em toda a parte. O Universalismo, tal como o formula Maitreya, expressa uma síntese cósmica e reintegra as dimensões do universo humano que haviam sido separadas pelo Pecado Original.

Tudo isto exige uma ampla reorganização da sociedade, assim como o seu controle a partir do Sagrado. Por isto a profecia diz que a Jerusalém celeste tem o Senhor em seu centro, no lugar do Templo que simboliza o culto. Representa o afastamento do sacerdócio como um elo primordial: permanece útil em seu caráter simbólico e tradicional, mas já não é suficiente para prover o mundo de tudo aquilo que ele hoje necessita.

Apenas a luz viva, esparramada por toda a Criação e buscada de forma universal, pode permitir compor hoje o mosaico sagrado da Verdade. Não que isto pudesse ser alcançado pela humanidade em tempos anteriores. Esta síntese já não se encontra à disposição do mundo desde os tempos do antigo Paraíso, mas agora, após ter a serpente do tempo desenrolado totalmente os seus anéis, retoma a possibilidade de se manifestar perante o mundo.

Capítulo 12

A PSICO-ECOLOGIA *

A Psico-ecologia é a ciência que estuda a influência do ambiente natural sobre a psiquê humana, de forma isolada no ambiente natural, ou integrada às formações culturais próprias do homem. Trata-se de um campo de investigação e de trabalho muito importante, uma vez que esta influência surge como inusitadamente grande na existência do homem, sobretudo na medida em que as pessoas vão adquirindo maior sensibilidade ou em que se agravam suas condições de saúde.

Ambas as coisas acontecem em nossos dias. De um lado, o sedentarismo extremado a que estamos sujeitos acarreta uma série de disfunções orgânicas e psicológicas, resultando num fenômeno de massas inédito na história da Civilização, que é a enfermidade psíquica grupal, com múltiplas consequência físicas. E de outro lado, o surgimento da Sexta raça em nossos dias está devolvendo ao homem uma sensibilidade especial às coisas da Criação.

Daí a necessidade de se refletir mais profundamente acerca dos padrões de relação entre o homem e a natureza, lembrando inclusive que os arquétipos divino-naturais são realmente muito elevados, e dão espaço para a ascensão do homem dentro do próprio âmbito natural, sem necessidade de negação da Criação mas, pelo contrário, cada vez mais incorporando-a, à medida que nos aproximamos do Criador. Temos um bom exemplo disto ao ver quão longe estamos de adotar a verdadeira dieta natural do homem, que é o frugivorismo!

Podem-se desenvolver, pois, aspectos muito profundos desta interação homem-ambiente, mesmo num campo mais subjetivo. Talvez nem todos tenham assimilado de forma suficiente a experiência de cada um diante dos diferentes ambientes, mas é algo que vale a pena fazer, porque muito pode nos ensinar sobre nossa própria natureza. Basta lembrar que o campo é recomendado para quem sofre de crises psíquicas, de *stress* ou mesmo outras enfermidades físicas, geralmente iniciadas sob a pressão de um ambiente tenso e privado de harmonia. É claro que ninguém deveria esperar a crise para buscar ambientes saudáveis; devemos sempre tratar de conviver com o meio natural ou ao menos relativamente natural. Tais condições não podem faltar em nenhum programa preventivo de saúde que se preze.

É possível que muitos de nós já tenham sofrido com um meio urbano mais caótico. Isto é perceptível quando chegamos a algum grande centro urbano depois de uma experiência natural de certa extensão.

É normal que, logo na chegada, nos ressentamos deste estado de coisas: a pressa, a sujeira, o ruído, o vazio, a agressão... Afinal recém viemos de um ambiente muito diferente,

e nossos sentidos estão todos alertas e despertos... Ou seja: estamos observando as coisas como *elas realmente são*, sem os "amortecedores do hábito".

O problema é que esta percepção não costuma durar. O ser humano tem uma tendência a "se acostumar" com as coisas, como se diz. Mas, para sermos sinceros conosco, devemos reconhecer que o que acontece na realidade é, em grande parte, antes uma *adaptação redu-tiva*, quer dizer: diminuímos nossa sensibilidade para não sofrer. Quer dizer: não é que sejamos realmente capazes de assimilar e abstrair "magicamente" um ambiente negativo com nossos poderes pessoais; embora também sempre possamos trabalhar até certo ponto desta forma. O que acontece por fim é, simplesmente, que *também* nos tornamos mais neuróticos, para poder acompanhar o ritmo desarmônico da vida moderna. Empobrecemos nossa vida espiritual e enfraquecemos nossa saúde geral, adquirindo além disto cada vez mais vícios para inutilmente buscar preencher o vazio e a inquietude. Nossas energias, não podendo se expandir, se reprimem e se transformam em instinto, quer dizer: a expressão negativa e compulsiva das energias psíquicas.

Esta é, pois, a tendência natural da psiquê humana quando sujeita a um ambiente nocivo.

Façamos agora um percurso oposto, para observar o processo de "adaptação" num outro sentido.

Assim, após viver bastante tempo numa cidade hostil, nos dirigimos para o campo, talvez até algo estressados. É normal que, lá chegando, no começo estranheemos o silêncio, a paz, a privacidade. Sentimos falta de gente, de movimento, de ruído, de televisão...

Podemos mesmo chegar a sentir este ambiente como "vazio, tedioso e solitário". Mas, depois de um tempo, igualmente "nos acostumamos" a ele. E, novamente, o que acontece aqui, é na realidade uma *transformação a nível de sensibilidade*. Porém, desta vez, já não havendo mais um meio hostil e, pelo contrário, com tudo alí convidando a alma a *sentir* e a se expandir, ela realmente *sai de seu casulo apertado* e se dirige agora ao exterior, como uma borboleta, percebendo a beleza, o silêncio e a paz, e reconciliando-nos com nosso interior, que se torna forte e nobre, robustecendo-se moral e fisicamente. Como sabemos, os quatro elementos –terra, ar, fogo e água– se acham na base de toda a criação e de toda a possível alquimia ou transmutação da vida. É, pois, a verdadeira "matéria-prima" da evolução.

Esta dialética acontece continuamente com todos nós e corresponde, simbolicamente, a movimentos psíquicos semelhantes ao que os hindús denominam de expansão e contração da *kundalini*, ora expressando-se de forma básica e instintiva, ora de forma superior e elevada, à medida que a energia flui pelas "espirais da serpente" num sentido ou noutro. É uma Lei natural, e apenas em medida muito relativa temos poder para nos libertar deste processo cármico.

A *meditação* auxilia a centrar-nos, mesmo num ambiente hostil. Mas a realidade é que o trabalho gasto para simplesmente retomar uma posição *neutra* dentro de um meio desfavorável, ocupará sempre grande parte dos esforços e, praticamente, não permitirá o acesso a um processo *positivo*, quer dizer: realmente criativo e transformador. Como resultado, permanecemos buscando sempre retornar ao *ponto zero*, sem real crescimento, porque apenas trabalhamos para *limpar* uma casa sempre sujeita a um excessivo fluxo de sujeira. Por esta

razão muitos se cansam da meditação e a julgam pouco eficaz; embora, cabe dizê-lo, a adoção de técnicas cada vez mais poderosas possa também compensar em parte este processo de desgaste.

Deveríamos saber, todavia, que o próprio *carma* não permite o progresso espiritual de quem negligencia substancialmente a Natureza. Assim como tampouco permite o sucesso de quem desdenha o Criador e seus semelhantes. E isto não apenas como punição, mas também porque, *tecnicamente*, a pessoa não se qualifica para algo maior, conforme demonstramos no exemplo acima. Bastaria, para comprovar, perceber que nenhum Iluminado conquistou a coroa da vida longe do ambiente natural.

Além do bem *físico* que o ambiente natural produz ao ser humano, *psicologicamente* ele também tem sempre muito a oferecer, pois representa não apenas oxigênio para os pulmões, mas verdadeiro alento para a Alma. A Criação é sagrada e produzida pelo ato amoroso do Criador, como souberam perceber algumas culturas sábias da Antigüidade.

Tendo visto tudo isto, fica evidente que a humanidade deve voltar a se aproximar da Natureza, caso deseje reintegrar-se, desalienar-se e se *salvar*, não apenas o corpo, mas até a alma em nossos dias.

Aliás, a alienação observada pelos marxistas nos ambientes insalubres das fábricas, e que mantinha os operários afastados dos meios de produção, devia-se também à própria diminuição do *status* humano face a um serviço deste teor, e cujos danos seriam tão bem denunciados por Charles Chaplin em seu magistral filme *Tempos Modernos*. A rigor, esta alienação estende-se hoje a toda à moderna civilização, mecanizada, apressada e poluída, onde as pessoas são reduzidas a números e praticamente nada mais fazem que *sobreviver*...

Para quem não pode viver sempre num meio mais natural, existem as praças e arredores da cidade, assim como a possibilidade de integrar-se em alguma forma de militância ecológica, doméstica e/ou social –além, é claro, de ser *vegetariano*.

* Publicado no Jornal Paralelo ☸ – A Cultura da Idade de Ouro, n° 12, FEEU.



O grande símbolo da Psico-Ecologia e, por extensão, do Evangelho da Natureza, é o da *borboleta*, que muitos povos usaram para representar a Alma. Entre os nahuas, simbolizava o elemento *fogo* e era comumente usada como peitoral, narigueira ou colocada sobre a fronte. Sobre o coração, alude ao centro cardíaco, que se relaciona a este 4º elemento. Como narigueira, faz menção ao sopro divino. E sobre a fronte, simboliza a iluminação.

Capítulo 13

A RECICLAGEM DA VIDA

"Reciclagem" é uma palavra-de-ordem no mundo moderno. O aperfeiçoamento da técnica proporciona maior número de produtos e isto exige o melhoramento do processo de reciclagem de resíduos e dos próprios produtos. A reciclagem é uma forma sábia de manter a harmonia natural.

Com a soma de informações do mundo moderno, este processo também deve ser feito neste nível, reaproveitando antigos conceitos porventura úteis, e renovando aquilo que já não serve mais, mas que pode ser usado ainda como "matéria-prima". Pois até instituições podem ser recicladas.

A idéia do *ciclo* é uma das grandes bases da Sabedoria eterna, a tal ponto que algumas religiões desenvolveram a idéia da reencarnação e outras a da ressurreição. Estas, que seriam as verdadeiras "reciclagens da vida", seriam formas de retorno à existência –no caso, através de uma nova volta da espiral evolutiva, já que nada pode ser "reciclado" nos mesmos termos anteriores.

Para o sábio, a própria história do mundo é cíclica, mas ele sabe que ela também progride continuamente, mesmo quando retorna atrás, aparentemente, dentro da dialética matéria-espírito.

A produção de energia também pode empregar a idéia de ciclo. Embora o homem não produza ele mesmo, por exemplo, a água, os ventos e o petróleo, estas matérias-primas são produzidas pela natureza e podem ser usadas como combustível. Assim, a água pode mover turbinas, moinhos, acionar motores a vapor e até ser transformada em energia potencial através de processos complexos que resultam no inflamável gás hidrogênio.

Que dizer então dos dejetos humanos? Eis uma fonte de energia desperdiçada que simboliza bem a desarmonia do homem com o meio-ambiente e os ciclos da natureza em geral. Ora, a natureza fez todas as coisas cíclicas e rítmicas. Já dizia Lavoisier que, "na natureza, nada se perde, tudo se transforma". Cada resíduo orgânico recebe uma função natural absolutamente vital no ciclo da vida. Mas o ser humano despreza seus dejetos e os joga em plena cadeia vital, como no ciclo das águas, ou então os junta em fossas sanitárias que terminam resultando na mesma contaminação. É um preconceito fútil negar-se a encarar estes problemas, porque assim eles retornarão a nós em algum momento, e certamente agravados.

Não é realmente impressionante que o homem, tendo chegado tão longe com sua tecnologia, ainda ignore princípios éticos e práticos tão elementares que quase nos faz parecer pedantes mencioná-los? Isto apenas demonstra o grau de alienação de sua própria natureza. O fato é que o homem não aprendeu a valorizar a vida em si. Ele age ainda sob impulso biológico inferior e infernal. Ele não vê o mundo como um possível palco de perfeição e felicidade. Apenas o usa para realizar seus impulsos inconscientes e egoístas. Será que não surgirá um consenso mais integrado e sábio para modificar esta situação a tempo?

Sabemos que devido ao grau de desarmonia alimentar e humo-ral do ser humano, os seus resíduos são amplamente tóxicos e enfermicos, pouco servindo para a agricultura, por exemplo. No entanto, ao invés de jogar os dejetos nas águas, eles poderiam ser ainda empregados como adubo ou para alimentar bio-digestores, gerando gás metano para cozinha e até para mover motores de tração, ao invés de extrair os minerais da terra para o consumo individual: cada casa até poderia possuir a sua própria usina de gás. Tal coisa representa uma medida ética e econômica que deve ser tomada como vital. Na China, por economia, este recurso tem sido amplamente usado. A pobreza traz as suas vantagens, quando existe inteligência. Vergonha maior é o desperdício gratuito de petróleo, gerando ainda gases tóxicos em abundância que estão alterando a atmosfera.

O mesmo pode-se dizer dos restantes resíduos humanos. Os restos de comida tampouco são empregados para adubar plantações. No seu lugar se aplicam produtos químicos desequilibrados e residuais.

Pior que tudo isto, é a destinação do lixo inorgânico. É difícil acreditar que as grandes cidades ainda hoje descurem de um processo de reciclagem cuidadosa do lixo em geral, gerando depósitos de lixo misturado que poluem por vezes micro-regiões inteiras.

Com tudo isto, a qualidade de vida só pode se deteriorar. O homem moderno vive totalmente alienado da vida real, em suas cidades lotadas, absorvido em seu trabalho e aliviando-se em seus vícios: ele nada de bom disto resulta. A própria cultura de pouco lhe serve, se perde o seu sentido crítico e a trata como mero "entretenimento". Trata as informações como passatempos, e não se sensibiliza com nada mais, tamanha é insensibilização gerada pela carga de poluição de toda a ordem que recebe continuamente. Este homem precisa *renascer*, em sua própria Alma, se deseja se salvar e dar algum sentido à sua vida!

O desperdício e a irracionalidade que se percebem no mundo moderno, refletem apenas uma coisa: o egoísmo humano em ação, expresso na ausência de ética, na falta de capacidade administrativa e na carência de responsabilidade.

Tal coisa não mudará enquanto o homem não despertar e colocar no governo e nas administrações pessoas sérias e responsáveis. Apenas não sabemos qual será o preço deste despertar, e quanto as futuras gerações terão que sofrer ainda pela omissão e má ação das anteriores.

Os novos alienados estão como mortos, sepultados em suas rotinas e alheios às graves crises do mundo, por mais que sejam bombardeados de informações que na prática de pouco servem, a não ser gerar algum comentário lastimoso.

Mas os que aspiram pela vida em toda a sua plenitude estão em processo de despertar. Estes usam as informações concedidas e vão além, buscando sempre a Verdade, sem confiar demais na "versão oficial" e nos discursos fáceis, porque este é um mundo de belas palavras e de más ações: a Mentira é a sua base, porque a falsidade é a arte do diabo. Todos os mentirosos são mortos-vivos, e por isto pouco lhes importa o futuro. Tudo para eles é vago e fantasmagórico em seu egocentrismo doentio.

A ignorância apresenta também muitas faces. Véus sobre véus encobrem as consciências com preconceitos históricos, até gerar uma confusão inextrincável. Preconceitos raciais, religiosos, ideológicos e sexuais empanam o bom senso e são até usados como pretextos para a barbárie –o Mal está sempre à cata de pretextos para encobrir a sua hipocrisia.

É possível –e é *bem* possível– que, apesar dos esforços do Criador, a Grande Crise ambiental que se aproxima aconteça. Os sinais e os avisos têm sido amplamente ignorados, e os governos apenas fazem de conta que se preocupam. Alguns cientistas lavam as mãos denunciando e prevendo catástrofes, e nada mais.

A crise avança sem que ações adequadas sejam feitas: os governos apenas maquiagem a situação, e a sociedade sente-se feliz por poder colocar a culpa em alguém. Os governos sabem disto e dirigem o seu teatro de cegos.

Deus interfere como pode. Mas, ao mesmo tempo, o preconceito tem obscurecido o reconhecimento da luz e da salvação. Os vaidosos esperam sempre um caminho fácil e largo, mas este inexistente, como foram há muito avisados. E perder-se-ão se preferem ignorar o Chamamento. Existem limites para tudo, e ninguém pode ser salvo contra a vontade. O homem tem livre-arbítrio para aprender a exercer responsabilidades. Lamentável, no entanto é, muitas vezes, o preço deste aprendizado.

Ecologia & Economia

Ecologia e economia sempre foram atividades estreitamente ligadas, mas de certo modo a ecologia precede a economia.

A palavra *ecologia* significa "o estudo da casa", e a palavra *economia* significa "as regras da casa".

Ora, para estabelecermos as regras, devemos antes de tudo *conhecer* os recursos disponíveis, "estudando" a nossa casa ou o nosso meio ambiente.

Mas este conhecimento não pode ser meramente utilitário, como no espírito predador colonialista ou multinacionalista.

É preciso conhecer os *ciclos da natureza*: a origem, os meios e os fins. Não podemos apenas extrair sem nada repôr. A natureza é sábia em gerar ciclos, mas o homem abusa de sua liberdade ao desrespeitar as leis naturais.

É preciso conhecer as condições ambientais e o impacto gerado pela extração de recursos e logo repôr o retirado. Naturalmente isto nem sempre será possível. Por isto, é

preciso empregar ao máximo os recursos renováveis, especialmente em atividades contínuas e combustíveis como a energia. O vento, o sol e as ondas estão aí para fornecer a baixo custo energia para o homem, além de outras fontes que podem ser refeitas como o álcool.

A economia humana apenas será sustentável quando o homem aprender a amar a Terra e abandonar o espírito rapineiro, egoísta e materialista que representa a sua verdadeira miséria.

Então ele se debruçará com cuidado sobre a Natureza, procurando extrair o mínimo e recolocando sempre mais do que retirou. Assim ele irá se enriquecer e gerar recursos para o futuro, colhendo inclusive espiritualmente porque já não estará agindo como um mísero ladrão, mas como alguém que vê na Terra um lar para a eternidade e na humanidade uma só família em todos os tempos.

Capítulo 14

A DIETA DO PARAÍSO *

Por ser um ente multidimensionado, o homem apresenta um quadro nutricional de elevada complexidade, e a maneira como este quadro vem a ser atendido, corresponde àquilo que denominamos por *cultura* de um modo geral. Participa, portanto, do seu universo cultural todos aqueles elementos que ele assimila, em todos os níveis.

Ao lado da questão meramente física, que será o tema principal desta matéria, existem no homem as dimensões psíquica, mental e espiritual, que devem igualmente ser atendidas para fins de auto-realização. Tecnicamente, a cada plano de atividade corresponde uma instituição, a saber: a escola, a universidade, a religião...

Mas em tudo isto, a *qualidade* da nutrição física (e nem falemos aqui da questão da *quantidade*, que é outro capítulo do problema) representa uma base para posteriores desenvolvimentos. O plano físico representa o fundamento para as evoluções superiores do ser humano, e enquanto ele não saneia e educa esta esfera mais densa e próxima, poucas esperanças deve-se ter em alcançar algo realmente maior.

AS VISÕES RELIGIOSAS

Historicamente, esta questão tem recebido diferentes enfoques pelos grandes sábios. Na Bíblia por exemplo, encontramos distintos ensinamentos a respeito em momentos também diferentes da evolução dos povos. Na parte mais antiga do Velho Testamento –quer dizer, na própria narrativa da Criação, o Genesis–, o Criador concede ao homem para sua nutrição física apenas frutos e sementes: é o *regime do Paraíso* (ver Gen. 1, 30)... O ciclo de Abraão está inserido neste quadro. E a Eucaristia de pão e vinho com ele compartilhada por Melquisedec respeita os preceitos vegetarianos.

No entanto o homem decaiu muito através dos milênios, e veio o Dilúvio purificador. Após o Dilúvio universal, e com a mudança das energias planetárias, o homem passa a ter liberdade de se alimentar com a carne dos animais, à exceção de seu sangue vital, em um novo pacto –inferior é claro ao original– entre Deus e o homem (cf. Gen. 9). A este segundo momento pertencia ainda a dispensação espiritual de Moisés, apesar de seu mandamento "*não matarás*". Como o sangue é empregado na magia, a Bíblia proíbe o seu

uso. Os pagãos já vinham sacrificando animais aos seus ídolos, e os sábios hebreus adaptaram este culto ao seu próprio Deus.

No sacrifício do cordeiro, do qual saía a carne básica da alimentação hebraica, estava um novo sacramento e uma profecia, cumprida para muitos com Jesus. De modo que a lei de Jesus altera novamente o panorama, e isto está simbolizado pela renovação da Eucaristia que o Cristo realiza na sua Páscoa.

No entanto, seu dito “*não é o que entra na boca do homem que lhe faz dano, mas aquilo que dela sai*”, não faria na realidade alusão a questões de regime, uma vez que dirigia-se a um povo com dificuldades para compreender uma mensagem mais sutil, e carente até mesmo de alimentos físicos na região árida da Palestina. Referia-se, isto sim, a uma questão religiosa, a saber, à forma como os judeus se alimentavam da carne empregada em sua ritualística e às contínuas querelas que isto suscitava, as quais eram combatidas por Jesus, que teria neste sentido um papel semelhante ao de Buda no contexto hinduísta e, guardadas as proporções, as de Krishnamurti no seio da “Babel” instaurada nestes momentos preparatórios da Nova Era.

Além disto, existiam as más condições agrícolas da região, em que o pastoreio e a pesca terminavam por representar fontes alimentícias essenciais. De resto, numa época de tamanho materialismo e formalidades, de decaída da pureza do culto e do enfraquecimento do espírito, focalizar questões materiais de qualquer natureza, mesmo superiores, pareceria um erro para os sábios, que temiam o surgimento de uma nova forma de pseudo-espiritualidade baseada numa outra fórmula material qualquer –no caso, o vegetarianismo ou assemelhado, que já era praticado por algumas seitas. Não teria dito o Mestre, que seu Reino não era daquele mundo?

Ainda assim, os elementos da Eucaristia apontavam uma nova direção. O papel sacrificial do cordeiro estava abolido. O pão e o vinho eram os novos símbolos pascais. Mas poucos viram nisto uma indicação das novas coisas nestes termos. No entanto, assim como na religião do Pai foi anunciada a promessa do Filho através do sacramento paschal do cordeiro, na religião do Filho foi anunciada a Mãe e o Espírito Santo através do sacramento eucarístico.

Na Índia, com a precedência do Hinduísmo, Buda encontrou um terreno mais fértil para pregar o respeito a todos os seres, muito embora não tenha alcançado desfazer realmente o nó das castas como pretendia, na condição corrompida em que já se encontrava o *Varna-Dharma*. Mas no contexto Judaico, simplesmente não havia tradição vegetariana, salvos raras excessões, de modo que a mensagem de paz universal já semeada pelo Buda no mundo, teve de ser adaptada por Jesus –que personificava um outro ciclo mundial a ser focalizado como o amor universal da Era de Peixes. Era apenas mesados de uma Era solar, uma Idade de Bronze na qual era difícil semear altas questões. O dilúvio simbolizaria uma etapa de separatividade das energias planetárias.

Hoje, porém, as coisas se encontram num outro plano, quando uma integração torna-se possível e necessária. Vemos por exemplo o grande incremento que recebe a *escatologia* em nossos dias, e até mesmo os grandes ciclos se alternam para confirmar diante de nossos olhos o advento das “novas coisas”.

De modo que, passado um completo ciclo histórico e racial, a humanidade necessita hoje voltar a nortear-se pelos preceitos áureos e originais da Civilização, conforme descritos no começo do *Genesis* e também em muitas profecias, em função de vivermos o retorno de uma nova *Era Adâmica*, onde a presença do Paraíso se caracterizaria pela completa harmonia entre os reinos.

Diz alegoricamente a Bíblia neste sentido, que “o leão comerá feno como o boi” (Isaías 11, 7). É claro que se trata de algo simbólico. O texto refere-se isto sim, ao fato de que mesmo os homens rudes e também os poderosos, se alimentariam –como na Índia védica– com vegetais. Todavia, muitos entendem literalmente esta e outras passagens da Bíblia, e neste sentido, é curioso enxergar aos devotos de várias religiões que, apesar de aguardarem o retorno de uma época em que “o leão comerá com o boi”, permanecem eles mesmos empregando ainda o alimento das feras.

Quanto ao aspecto econômico, sabe-se também que a agricultura é normalmente muito mais rentável do que a pecuária, já que os produtos vegetais podem ser obtidos num espaço de tempo bastante mais curto.

Deste modo, pretende-se preservar a vida animal e estender a nossa compaixão a todos os seres vivos. O budismo ainda apela para a filosofia reencarnacionista para reforçar o seu preceito vegetariano. Diz que todo passamos por encarnações animais e ainda podemos voltar a fazê-lo.

A NUTRIÇÃO DO HOMEM

Observando a fisiologia humana veremos que o homem é realmente frugívoro. A presença dos pequenos “caninos” do homem em nada alude à uma condição carnívora ou onívora. Os símios (chimpanzé, gorila, bicho-preguiça, orangotango, etc.), que são basicamente frugívoros, também possuem estas pequenas presas, e usam-nas para rasgar tecidos vegetais e romper nozes. O homem apenas se vale de seus dotes especiais (ao nível de *mente*) para romper a barreira da natureza, pagando porém alto preço por isto. Enquanto isto é questão de sobrevivência a natureza ainda tolera, do contrário não. Estas seriam, pois, algumas bases para a adoção do vegetarianismo (adiante veremos um quadro mais completo).

Alguns, pretendendo talvez desarmar o argumento dos vegetarianos em favor da não-agressão aos reinos, costumam evocar a percepção científica moderna de que os vegetais também sofrem quando atacados. De nossa parte aceitamos isto, pois confirma ainda mais a análise científica da fisiologia psico-humana.

Deve-se porém lembrar que, quanto mais distante estiverem os reinos entre si nesta espécie de “relação”, menos danosa ela será para todas as partes. Além disto, os vegetais estão aptos a oferecerem aqueles produtos *indenes* à natureza por excelência e que se afiguram também como *ideais* para a nutrição humana, por corresponderem rigorosamente à natureza de sua mais legítima alimentação. Tratam-se dos frutos, grãos e nozes. Se o homem fosse carnívoro, seu corpo apresentaria uma morfologia que lhe permitiria caçar as

presas e devorá-las cruas, tal como fazem os animais desta espécie. Está, no entanto, muito distante disto, e sua fisiologia é identificada aos herbívoros e, sobretudo, aos frugívoros.

Por esta razão escrevemos em nossa obra *Os Frutos do Paraíso*:

"Ao adotarmos o frugivorismo não fazemos apenas por ascetismo ou como medida de saúde. Trata-se também de respeitar as leis naturais e a nossa própria constituição, assim como o Plano geral a que como homens estamos destinados a viver. Sem administrarmos com competência as nossas bases físicas, dificilmente poderemos ascender aos outros mundos como necessitaríamos."

Segundo a Ciência, o ser humano é onívoro, capaz de empregar todas as formas de dieta. Mas tal coisa reflete apenas a condição humana, com seu livre-arbítrio característico. Neste aspecto, vale a premissa de São Paulo: "Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém".

Sendo teoricamente onívoro, devido à sua exaltada e suprema posição na cadeia biológica, quê preço ele paga para adaptar-se a uma alimentação baseada em carnes e alimentos processados no geral..! De fato, pode-se dizer que *o homem é frugívoro por natureza, vegetariano por extensão, e carnívoro por adaptação*.

Então, teríamos como conclusão que, se o vegetarianismo não é perfeito em si mesmo –e certamente não o é ainda pelas razões acima referidas e ainda outras–, trata-se outrossim *ao menos de um “meio-termo” entre um frugivorismo absolutamente indene* –mas mais difícil de ser observado–, *e um carnivorismo extremamente danoso* –e intolerável sob vários aspectos: físicos, éticos e espirituais.

Por esta razão, sugerimos a todos que realizem uma "experiência" vegetariana séria em suas vidas, e de uma forma progressiva, a fim de perceberem os profundos benefícios que esta simples medida física lhes poderá trazer em todos os planos de suas existências. Novas dimensões certamente se abrirão com as bênçãos de todos as esferas, integrando já com isto um princípio vital para a Nova Era, que é a *convivência fraterna entre todos os reinos*.

A imagem do Éden principiaria a ser concretamente vislumbrada uma vez mais, através desta medida.

A FISILOGIA HUMANA

O quadro nutricional humano atende a vários aspectos em função da própria complexidade da natureza humana. Quanto mais evoluído for um reino, mais necessitará de incrementos em sua nutrição. Os minerais carecem apenas de temperatura e matéria. Os vegetais necessitam, sobretudo, de água e luz. E os animais, de espaço amplo. O homem, como coroarmento de tudo isto, possui o dom da *consciência*, necessitando por esta razão de elementos aptos a nutrirem este plano de síntese.

Tal aspecto corresponde à *cultura* de um modo geral, de preferência com um sentido realmente educativo e liberador que auxilie o ser humano a ascender à sua própria e nobre condição. Como síntese que é, o homem apresenta em si todos os reinos que lhe antecedem

e que o constituem, sendo ele mesmo algo maior e transcendente –razão pela qual não deverá deter-se nestes níveis inferiores.

Esta transcendência dá-se então através de uma educação que deve revelar entre outras coisas *a realidade sobre a condição humana*, suas origens e metas. Em certo sentido, tal pedagogia pode começar pelo aspecto nutricional *físico*, presumindo que se trata da base para o restante complexo humano. E neste caso, devemos tratar de organizar fisicamente nossas vidas de uma forma saudável para nossa condição, reunindo a questão material à consciencial.

Viver a consciência física significa respeitar a nossa natureza e não forçá-la em demasia em nenhum sentido. E para isto devemos conhecer a fundo nossa constituição fisiológica, seja o nosso corpo em suas partes –ossos, nervos, músculos, órgãos, e assim por diante– como seu funcionamento e ritmos num todo. Devemos compreender nossa necessidade de viver dentre as virtudes naturais, origem e base para toda a saúde. O edifício da cultura e da saúde não pode prescindir de seus alicerces, o homem não pode negligenciar os reinos inferiores, mas também não deve de outro lado malversá-los. Somente o domínio –que passa pela purificação– de um reino conduz ao próximo. E neste sentido, o homem deve trabalhar com muita diligência para alcançar a sua condição verdadeira e fazer dela proveito real!

Uma forma de **sintetizar** as relações naturais e de também exercer uma cultura prática e efetiva, é a *adoção de uma dieta saudável e indene para todos os reinos*, sobretudo os mais próximos, que no caso são especialmente os animais. Como somos fisicamente oriundos do reino animal, a matança destes seres seria uma espécie de suicídio e quase uma antropofagia. Os vegetais são seres menos evoluídos e mais abundantes e por isto seu emprego é carmicamente menos pesado. Mas será no uso dos frutos e sementes –analogias com o reino mineral que de certa forma são– que a perfeição será encontrada.

É como formulamos em nossa obra citada mais acima:

"Adotando o frugivorismo estamos respeitando estritamente às leis que regem a nossa fisiologia, e portanto sendo obedientes à vontade do Criador. Além disto, por sua simplicidade preserva o ambiente exterior e confere ao homem uma liberdade e uma qualidade superior de consciência."

O homem não necessita tampouco preocupar-se em demasia com medir as substâncias que ingere –minerais, proteínas, etc.–, pois no laboratório de um organismo *saudável* tudo é transformado e recriado. Os tantos animais frugívoros e erbívoros que o digam!

Seria sábio todavia buscar a variedade dos alimentos vegetais, assim como reunir cores diversas numa só refeição. Lembremo-nos, por fim, que a terça parte da população mundial é ainda vegetariana, e muitas vezes por livre opção ou por questão cultural.

No quadro abaixo, extraído da obra *Evolución, Degeneración y Regeneración Alimentarias del Hombre*, do dr. Martin G. Scola, encontramos uma descrição das características fisiológicas tanto dos animais chamados “vegetarianos” (sobretudo antropóides e o homem) como dos “carnívoros”. O autor preferiu denominá-los respectivamente *plantívoros* e *animalívoros*, em função de os primeiros não se limitarem a ingerir apenas vegetais mas sim diversas partes das plantas e frutos, enquanto os últimos se valem de diversas partes dos animais que caçam, posto que, na verdade, as carnes seriam as

últimas a serem ingeridas, e apenas em caso de grande fome, já que sua preferência recai sempre sobre as partes moles como órgãos e vísceras.

DIFERENÇAS ORGÂNICAS E FISIOLÓGICAS ENTRE PLANTÍVOROS E ANIMALÍVOROS		
<i>PLANTÍVOROS: ANTROPÓIDES E HOMEM</i>		<i>ANIMALÍVOROS</i>
Incisivos e molares. Estes não são nunca agudos, sempre unidos, e suas bordas livres estão a igual nível, assim, não podem picar, nem agarrar nem romper carnes cruas, mas sim partir e mastigar raízes, frutas, hortaliças, grânulos, etc. Os antropóides possuem dentes grandes, porém somente como órgão de pressão e defesa.	DENTES	Não há molares. Os dentes são muito agudos e separados, formando entre si ângulos de separação e apresentando níveis distintos; podem então agarrar, romper, picar e soltar as carnes, etc., até mesmo a pele e certos ossos.
Mais redonda.	FORMA DOS MAXILARES	Mais aguda, para poder pegar as vísceras de suas presas.
Moendo ou circular.	MOVIMENTO DO MAXILAR INFERIOR	Fixando; fechando e abrindo numa só direção.
Mastigam.	MODO DE COMER	Devoram pedaços sem mastigar.
Chupando e abundantemente.	MODO DE BEBER	Com a língua e pouco.
Alcalina (para que possa atenuar a ptilina, enzima digestiva dos amidos).	SALIVA	Ácida (para que possa atenuar a pepsina, enzima digestiva das proteínas).

PERMANENCIA MÉDIA DE CARNES NO ESTÔMAGO		
4, 6 ou mais horas		Meia hora.
Sm.	SUDORESE	Inexistente.
TOLERÂNCIA À RETENÇÃO DE ÁCIDO ÚRICO, URÉIA, ETC.		
Muito pouca.		Muita, o que faz suas carnes repugnantes até para os próprios animalívoros.
INTESTINO		
Comprido e muito distendível. O intestino humano é o mais comprido em relação ao peso do corpo. O ceco e a parte próxima do colon servem ao homem e ao antropóide de "segundo estômago" para a celulose fina e outros carboidratos, originando assim a importantíssima simbiose com as bactérias fermentativas		Curto, não distindível. O intestino grosso e o intestino delgado têm quase o mesmo tamanho; é todo adequado à putrefação tóxica e a pronta expulsão das fezes putrefatas, prevenindo, deste modo, a intoxicação putrefativa.
Fermentativa.	FLORA INTESTINAL	Putrefativa.
Volumosa.	ALIMENTAÇÃO	Concentrada.

Tal quadro deixa claro, portanto, e de forma científica que o ser humano se enquadra perfeitamente no rol dos seres vegetarianos.

À parte isto, existe é claro elementos emocionais e éticos para com os seres vivos em geral. Pois, se houve tempo e circunstâncias em que a compaixão se expressou de forma imperfeita e parcial, descurando o conjunto da Criação numa época espiritualmente desagrada ou devido ao inóspito de um Tíbet ou de uma Galiléia, isto já não pode ocorrer *aqui e agora*. O novo modelo seria o de uma Índia sem fome nem degradação ambiental, também aprofundando sempre a prática naturista com modernos elementos científicos. O mundo volta a viver um tempo de Unidade, reavivando os seus mais altos cânones de Perfeição, no qual a Natureza entra não como um acessório utilitário e descartável, mas quase como um fim em si mesma...

Finalmente, devemos observar que o mundo moderno valoriza muito o intelecto, e cada vez mais as atividades mentais se sobressaem, na ciência, na informática, etc. Neste caso, o aspecto intelectual torna-se contundente no quadro dietético em questão, quando observamos, por exemplo, que a UNESCO comprovou que o povo com mais elevado nível de QI (Quociente Intelectual) é o hindú. A Índia é conhecida também por seu grande número de cientistas, sobretudo físicos, muitos dos quais se acham espalhados pelas universidades e indústrias do mundo. Sua genialidade no campo da filosofia e das artes dispensa comentários.

Diz então Serge Raynaud de la Ferrière em sua obra *As Grandes Mensagens*: "Osíris, Buda, Zaratustra, Lao-Tsé, Confúcio, Pitágoras, Jhesu (Jesus Cristo), Thales, Plutarco, Porfírio, Epicuro, Diógenes, Homero, Heráclito, Platão, Hipócrates, Sócrates, Aristóteles, Sêneca, Cícero, Voltaire, Rousseau, Wagner, Lamartine, São Pedro, Humboldt, Nietzsche, etc., deram provas da eficiência do regime vegetariano. A enumeração destas poucas celebridades esclarece bastante acerca das possibilidades intelectuais e espirituais que se apresentam a quem prefere viver em harmonia com a Natureza". Deve-se mencionar também Mahatma Gandhi, que escreveu inclusive obras como *O Homem e a Natureza*. Quanto a Hitler, jamais foi vegetariano; o que fazia eram dietas para fins estéticos. De qualquer forma, vimos que o vegetarianismo não representa ainda um regime evolutivo e perfeito, mas somente regenerativo e providencial.

É preciso acrescentar uma palavra final sobre a convivência entre vegetarianos e "carnívoros" (*mleshas*, em sânscrito). São Paulo sentencia: "...se um alimento é queda para meu irmão, para sempre deixarei de comer carne, a fim de não causar a queda de meu irmão" (1Co 8, 13). Isto se refere antes de tudo às carnes sacrificiais. Mas o consumo de carne entre os semitas não deixa de se enquadrar desde o início também em contextos religiosos, tanto é assim que o consumo de sangue é *proscrito* antes do Dilúvio, e após ele havia forte seleção de quais carnes a serem comidas entre os hebreus. Tal consumo foi autorizado por Deus após o Dilúvio, e regularizado ritualmente por Moisés durante o Êxodo.

Mas Paulo também parece alertar para que não se tenha preconceitos, ou que se evite as pessoas em função disto, fanaticamente, como se fossem "intocáveis". Pode-se ocasionalmente confraternizar, selecionando os alimentos. Mas a convivência constante pode contrastar muito os níveis de energias (é facilmente perceptível que os vegetarianos tem no geral uma energia mais leve e refinada), além de poderem influenciar mal as crianças vegetarianas. É muito complicado explicar estas situações às crianças, sobretudo quando existe toda uma falsa justificação pseudo-científica para o consumo de carnes. Para não se falar do uso dos outros produtos, já que a indústria alimentícia tem se tornado quase totalmente artificializada ou adulterada. Mas é pelo alimento que a evolução começa. Ninguém há de negar que a saúde melhora com o vegetarianismo, a tranquilidade aumenta e até a inteligência se acrescenta em muito. Que mais faltaria então!?

* Publicado no *Jornal Paralelo* ☞ – *A Cultura da Idade de Ouro*, n^{OS} 1 e 2, FEEU.

Capítulo 15

MEIOS DE TRANSPORTE

Conhecer a Criação e dela se aproveitar tem exigido do homem lançar mão de recursos especiais, dadas as suas limitações naturais.

Raras foram as culturas que não empregaram meios de transporte sempre que possível. Isto iniciou com as embarcações e com os animais de porte: elefantes, burros, cavalos, camelos, bois, lhamas...

Inclusive, não tardou para que, com o avanço da religião, a imagem destes seres fosse logo empregada para integrar a sua simbologia. Foi assim que os médiuns começaram a ser chamados de "cavalos" ou até de "burros".

Com o tempo, foram criadas as carroças puxadas por animais "de tração", que evoluíram para as bigas e, depois, para as carruagens. Ainda hoje os automóveis preservam a expressão "cavalo de força".

E estas formas também foram usadas nos arquétipos. Vários deuses têm suas bigas, mas é na cultura hebraica que vamos encontrar a tradição mais profunda, a da *Mercabah*, o carro celeste guiado por Deus. O surpreendente é que Ezequiel não apresenta cavalos simples nesta carruagem, mas seres mitológicos, de modo que se trata na verdade de uma *mandala*.

De fato, o carro de quatro rodas se aproxima perfeitamente deste esquema cósmico. Nas fórmulas anteriores, os 4 elementos estruturais eram representados por cavalos (como nos quatro cavalos do Sol), mas sua substituição por rodas em Ezequiel representa uma fórmula mais exata, já que sugere uma integração entre as "engrenagens cósmicas".

Com tudo isto, é natural que o inconsciente da humanidade ficasse cada vez mais marcado por tais formas.

Hoje em dia já existem também veículos aéreos, que são os mais poderosos, chegando a transpôr planetas do sistema solar.

A viagem interplanetária é o grande *kit* dos viajantes do futuro. Mas, quem sabe um dia exista também a viagem interdimensional, que a ficção científica explora e que a própria ciência tem já especulado a respeito? Como todos os outros meios de transporte, ela começará de forma precária e perigosa, até evoluir e se tornar mais segura e eficiente. Porém, é muito possível que este processo se dê a partir da exploração dos recursos outros que o homem tem a sua disposição, menos materiais: a sua *mente*. É claro que para isto ele deve depurar muito o seu quadro cultural.

Por ora, ainda temos muito que resolver na própria esfera material. E enquanto não adentrarmos no rumo certo, maiores iluminações e possibilidades não poderão ser ofertadas.

Da fato, os índices de poluição trazidos pelos meios de transporte são alarmantes e estão comprometendo o equilíbrio ambiental da Terra. O "efeito-estufa", responsável pelo superaquecimento da Terra, acarretando em prejuízos para a agricultura e no degelo das calotas polares, é em grande parte motivado pelo uso indiscriminado dos meios de transporte movidos a combustíveis fósseis.

Vejamos então a seguinte problemática que o automóvel nos coloca hoje.

A MODERNA MÍSTICA DO AUTOMÓVEL

O automóvel é a evolução natural e tecnológica do meio de transporte de quatro rodas. Todavia, sua mística impressiona na moderna civilização.

Na admirável e irônica obra de Aldous Huxley *Admirável Mundo Novo*, Deus era representado por nada menos que um vetusto Ford-de-bigode. Esta passagem não deixa de ilustrar a importância que apresenta o automóvel para a civilização moderna. Raras são as pessoas que não aspiram a ter um carro, seja pela comodidade que confere (por vezes duvidosa), pela liberdade e também pelo *status* simbólico que empresta. No Brasil, este último aspecto adquiriu um significado especial, numa espécie de projeção freudiana com múltiplas conseqüências. Não raro, o sentido do poder material em mãos imaturas faz do automóvel uma verdadeira arma.

E parece que o automóvel é algo que veio para ficar. Mas ele deve e sempre deverá isto à sua capacidade de adaptação aos tempos. A indústria automobilística há muito criou a instituição do "carro do ano", tratando de aperfeiçoar e transformar sempre os veículos, nem que seja para renovar continuamente este símbolo de poder e riqueza representado pelo automóvel.

Existe, portanto, toda uma demanda popular por detrás do ritmo e da qualidade industrial, sobretudo a automobilística.

Há, porém, perigos sérios nestes impulsos freudianos e não racionais, porque permite à indústria acomodar-se ao que se *quer*, ao invés de tratar daquilo que realmente se *necessita*.

E a realidade é que já não podemos mais limitar-nos a desenvolver a idéia viciosa do "carro do ano". Diante das novas circunstâncias ambientais e da proliferação contínua dos veículos automotores, é preciso pensar no *carro do novo século*.

Este carro, bem menor e mais leve, basicamente dispensará a gasolina e seus derivados, buscando meios menos poluentes como a eletricidade e a energia solar. Tais combustíveis comportam uma vocação natural para o uso corrente e individual, e expressam símbolos de conteúdo até espiritual e anímico, qual o "brilho como de eletro" que Ezequiel vê no carro divino (Alice A. Bailey define a energia do espírito como sendo de natureza "elétrica"),

assim como todas as conhecidas conotações espirituais da energia solar (que por sua vez corresponde ao "fogo da Alma" em Bailey).

Como conseguir tal coisa? Certamente a demanda social é essencial, reforçada por uma legislação apropriada também requerida pela sociedade e determinada por governos responsáveis que *ainda não existem*, apesar da gravidade da crise ambiental. O mundo futuro lamentará profundamente as instituições que temos hoje. Uma análise da ética industrial completará a idéia.

A ÉTICA INDUSTRIAL E O PODER CIVIL

A ética industrial e comercial tem suas próprias perspectivas, como seria lógico. E estas perspectivas se restringem praticamente ao lucro material, inclusive imediato.

O Capitalismo tem suas próprias leis, e estas são altamente cegas, até para o futuro. Por isto faz sentido a iniciativa de certos grupos ecológicos que estão adquirindo ações de grandes empresas, visando pressioná-las para produzirem coisas mais ecológicas.

Não devemos esperar, por exemplo, que as grandes empresas tomem iniciativas importantes no campo das transformações dos costumes, sobretudo no que diz respeito a mudanças em linhas de consumo. Isto é uma coisa para a qual as indústrias em geral apenas entrevêm as tendências imediatas e se adequam a elas, como tem sido no caso da produção de linhas de alimentos naturais.

Uma indústria de alimentos dificilmente irá dizer: –"Olhe, trate de cultivar o seu próprio alimento, colha-o e consuma-o na hora. Não use enlatados, etc.". Mas, poderá usar embalagens "recicláveis" e coisas assim. Também surgem indústrias com produtos mais saudáveis.

Apesar de "acomodadas", as indústrias tampouco são tão cegas. Na verdade, elas estão preparadas para os grandes movimentos e tendências históricas que se insinuam de forma indiscutível e inevitável. E em algum momento a demanda ou a necessidade pressionará a indústria a concretizar este desejo, mesmo que de forma comercial. Os pioneiros não resistirão à idéia e nenhum monopólio poderá sustentar o movimento, que inicialmente será lento, pesado e caro.

É por esta razão que todas as indústrias automobilísticas têm o seu protótipo de carro elétrico, sabendo que este seria o mais viável no caso de uma crise de combustível tradicional –ou quem sabe, perante as reivindicações de algum movimento social nesta direção e a imposição de uma legislação pertinente.

CARACTERÍSTICAS DOS CARRO-ELÉTRICO: SUA VOCAÇÃO

A tecnologia do carro elétrico vem evoluindo rapidamente, e hoje ele já pode chegar a 200 km por hora. Até há pouco, o carro elétrico possuía uma velocidade máxima de 70 km/h e

uma autonomia de baterias de até 100 quilômetros (cerca de 1/4 partes do tanque de gasolina de um carro médio).

A nosso ver, estas limitações têm sido um fraco argumento para a sua não-industrialização e adoção massiva, porque as vantagens são muitas. Inicialmente, *nada* de poluição e *nada* de ruído –ou seja: dois dos principais problemas que infestam as grandes cidades.

A realidade é que os chamados "limites" do carro elétrico –basicamente a sua autonomia e velocidade, hoje em rápida evolução– são assim considerados *apenas em comparação ao motor a gasolina*, que emprega um combustível de alta octanagem, porém, altamente poluidor.

Em termos de conveniência histórica, e especialmente de aplicação urbana, sua vocação é simplesmente fantástica. E ele até já se encontra rodando nas ruas da Suíça.

Afinal, até mesmo os chamados "limites" do carro elétrico atendem de forma oportuna às necessidades do trânsito urbano. Basicamente, o limite natural de velocidade do carro elétrico médio proporcionaria um ritmo de trânsito *exatamente como se necessita nas cidades*. Até porque a média de velocidade urbana está muito aquém disto, com todo os seus engarrafamentos, transeuntes e esquinas.

O motor elétrico, por ser mais fraco, força a criação de carros menores e mais leves. Não é espantoso ver, por exemplo, que 90% dos automóveis andam sempre com apenas um ou dois passageiros, incluindo o motorista? Por isto tem sido grato ver a volta das velhas romisetas ou seus equivalentes elétricos e solares, carros/motos extremamente racionais. Os automóveis *individuais* serão a grande tendência do futuro, e eles já começam a ser produzidos no Japão.

A proliferação atual de postos para reabastecimento de combustível seria suficiente para suprir as necessidades de troca de baterias.

Se queremos mesmo viver nestes formigueiros humanos que são as grande cidades, ao menos saibamos adequar as condições, atenuando os seus inúmeros males. O que segue são modelos para a implantação do carro alternativo, especialmente o elétrico. Como veremos, não seria necessário uma proibição total e abrupta do motor a gasolina ou a álcool (este último polui pouco). O importante é uma reeducação e uma implantação progressiva do motor elétrico.

Senhores industriais, aceitem o desafio!

EXEMPLOS DE LEGISLAÇÃO

A sociedade e os governos podem e devem exigir da indústria a produção do carro elétrico, e seu emprego nas cidades, sobretudo, seu meio ideal.

Isto pode ser feito de muitas formas. Uma delas seria obrigar a troca da frota de taxis por carros elétricos, sobretudo para uso urbano. Outra, a restrição do acesso de carros a

gasolina em certas áreas da cidade. A criação de pequenos incômodos e facilidades fiscais, técnicos e de uso, muito auxiliará neste sentido. Logo as pessoas perceberão que o ideal é ter *dois* carros, um a gasolina ou a álcool (para viagens longas sobretudo), e outro elétrico para o uso urbano corrente. Por outro lado, a necessidade de empreender viagens longas deveria ser extinta ou reduzida através de meios mais sábios, como veremos a seguir.

OUTROS RECURSOS

Nesta linha de pensamento, se integra também a substituição dos ônibus a óleo diesel por elétricos, os quais já foram usados entre nós. Os trens elétricos são outra expressão de modernidade, e mesmo com outros combustíveis os trens são sempre um meio de transporte econômico. Inclusive, eles deveriam ser amplamente usados para *levar automóveis particulares*, entre distintas localidades, substituindo as estradas de rodagem e todo o enorme desgaste e riscos que representam. É uma tolice considerar o ato de dirigir uma atividade "normal". Trata-se de um processo altamente estressante, o que se acresce à medida que as condições de trânsito se deterioram.

Além disto, o uso do turismo deve ser racionalizado. Por um lado, o trabalho são e o próprio ambiente saudável evitarão a compulsão que leva muitos a fugirem de seus ambientes à menor folga. E por outro lado, a viagem poderá ser até estimulada quando feita sob necessidades reais e de forma harmoniosa e proveitosa.

De modo que muitos recursos podem e devem ser tomados, e alguns já *estão* sendo praticados.

Deve-se estudar a idéia de esteiras móveis no lugar de calçadas ou rodovias, e que também podem ser subterrâneas. Neste caso, a velocidade não pode ser elevada.

Os veículos de duas rodas representam também um recurso especial. Motocicletas, motonetas e bicicletas, inclusive *riquishás*, motorizados ou não, serão sempre bem-vindos.



"Urbanismo sagrado" da Idade de Ouro? Quão longe estamos disto! Pelo contrário, não raro, as cidades modernas, com seus elevados índices de criminalidade e violência, engarrafamentos contínuos, agressões no trânsito, poluição de toda a forma –sonora, visual, do ar, do solo, cultural etc.–, confinamento entre estruturas e grades, além dos preços extorsivos e da baixa qualidade da nutrição, apresentam uma imagem do inferno que Dante certamente desejaria ter usado. Melhorê-mo-las, ou fuja-mos!

Capítulo 16

A MULHER: SÍNTESE DA CRIAÇÃO

Vimos em Capítulo anterior que existem muitos mistérios capitais no relato da Criação.

Citemos o fato do homem ser feito ao sexto "dia", e também o paradoxo da Bíblia incluir o sétimo "dia" sem mencionar qualquer obra divina realizada nele, deixando-o apenas para o "repouso do Criador".

Seria este talvez um "dia de graça", computado mas liberado, como na semana do calendário humano em que o domingo, chamado "dia do Senhor", não inclui trabalhos, mas apenas o culto e o necessário repouso. O que certamente não deixa de suscitar questões em termos propriamente divinos.

É difícil esgotar estes mistérios, e seria natural pensar que este descanso pudesse ter sido feito *dentro e através* da própria Criação. E assim é de fato, quando sabemos que a sétima etapa de um ciclo qualquer representa a Perfeição, pela harmonia final entre a unidade e a multiplicidade, isto é: a perfeita coordenação das partes geradas.

Ou seja, já não existe a necessidade de gerar novos elementos, mas apenas de coordená-los devidamente, numa harmonia *sinfônica* que traz um resultado absolutamente transcendental a tudo quanto poderiam fazer as partes isoladamente.

A afirmação vaga do Genesis não deixa de corroborar certos mistérios, como aqueles que ensinam que nesta *Ronda* cósmica não haverá uma sétima Raça-Raiz.

Na Astrologia Esotérica, a criação do homem no sexto "dia" reafirma certos aspectos da criação humana, que é a tarefa cósmica desta Ronda, culminando sua perfeição na Sexta Raça-raiz, ora em implantação e que encerra tal Ronda. Por isto se diz que o "seis" passou a ser "o número do homem" (Alice A. Bailey), e "666" o do Anti-Cristo.

Com isto vemos o quanto o Esoterismo pode elucidar os mistérios da Bíblia, já que, positivamente, a tradição dos Patriarcas era puramente esotérica.

Mas, também é um fato que existem vários níveis de leitura para estas realidades ou símbolos que, afinal, expressam princípios universais.

E um mistério à parte parece envolver o capítulo da criação da *mulher*.

Segundo a "versão javista" do Genesis, a mulher representa uma criação especial, realizada *após* a criação do homem. Afinal, ela é feita *a partir* deste, demonstrando isto uma evolução seqüencial.

Deste modo, é possível dizer que a mulher faz parte da etapa seguinte de criação, e quem sabe, até preenchendo de certa forma aquele sétimo momento em que a Bíblia declara misteriosamente que Deus conclui suas obras, sem nada, porém, acrescentar de concreto, vindo então a descansar. E esta era a condição humana do paraíso, pois antes do pecado o trabalho não era "suado".

Neste aspecto, podemos ver a mulher como uma *síntese da Criação*, isto é, do ponto de vista ontológico, já que também é do ponto de vista *natural*.

Outrossim, o setenário expressa a Perfeição, de modo que não inclui labores, o que leva a criação da mulher de volta ao sexto "dia".

Digamos então que o Criador descansou *através* de sua Criação, ou melhor, na forma de sua verdadeira Criatura, que é o homem, e que é também a imagem vivente do Senhor, feito à sua semelhança.

Não terá ele descansado com sua esposa? Isto é certo, já que a mulher estava criada. Afinal, o seu completo júbilo inclui a participação da mulher, que o completa.

Por isto, a criação da mulher era necessária, ficando a meio-caminho entre o sexto "dia" e o sétimo "dia" de Criação, como uma espécie de "apêndice" de perfeição, ou antes, uma pré-apoteose...

Tentar eliminar o princípio feminino como algo espiritualmente válido tem sido uma das falácias da religião.

É certo que a mulher é a felicidade do homem –ou deveria sê-lo. O homem pode conquistar mundos e reinos, mas se não conquistar a mulher, ele não terá dominado o seu universo.

Afinal, esta verdadeira síntese da criação contém tudo em si.

A mulher é o tempo que gera a semente do homem. Por isto ela é também o Tempo, o portal da Quarta Dimensão que pode liberar o homem de suas limitações espaciais e imediatas. A Atemporalidade do homem, planificada mas abstrata, depende da mulher para se transformar em Eternidade. E isto é feito seja em termos físicos vulgares, através da perpetuação da espécie, seja em termos espirituais, para aqueles que têm o verdadeiro dom do amor, através da iluminação.

De fato, o homem depende da mulher para criar a si próprio.

O mesmo pode se dizer da mulher, que sem a semente da energia masculina, não possui centro, existência ou realidade.

Assim, se a mulher é a síntese da Criação, o homem é a síntese do Criador. De modo que ambos juntos completam a unidade bipolar da Criatura, e ainda representada sinteticamente através do filho gerado pelo casal.

Para que se dê este encontro perfeito, cada um necessita afirmar a sua verdadeira natureza com sabedoria. A mulher deve ser receptiva e amorosa, refletindo a luz do homem como aquela "auxiliar" para que foi criada, servindo de útero para as várias formas de cria-

ção do homem, podendo expressar sua própria parte criadora em termos femininos, como pela gestação.

Por sua vez, o homem deve afirmar os seus próprios princípios, o masculino cósmico, sendo um sol e o espaço, enfim, um ser positivamente criador e, de preferência, um canal ativo para as energias divinas.

Tudo isto representa a verdadeira dimensão *humana* do amor, com sua faceta natural e seus aspectos cósmicos que reunidos lhe dão tantas possibilidades.



O Evangelho da Natureza vê na mulher a sagrada síntese da Criação, assim como vê no homem a síntese do divino Criador, e nas crianças a síntese da divina Criatura. Enaltece assim o amor conjugal e apresenta a família como um símbolo da perfeição e uma personificação potencial dos mais sagrados elementos.

Capítulo 17

A RELIGIÃO DA VIDA (I)

A humanidade tem evoluído à luz da Verdade, cuja revelação tem expressado a própria essência das religiões. De início, o homem despertou para a grande Verdade do Deus-Uno. Depois, ele foi desperto para a grande Verdade da Fraternidade humana. E agora, ele desperta para a grande Verdade da sagrada Criação. Em certo sentido, tal coisa corresponde também à evolução da sensibilidade e da percepção humana.

É preciso ter uma sensibilidade apurada para perceber toda a maravilha da Criação, e sabê-lo até ao nível científico, como hoje é possível. A tamanha e assombrosa ordem natural necessita ter uma inteligência por detrás. O "acaso" jamais poderia fazê-lo, já que as possibilidades do caos são infinitamente superiores neste plano. Através desta porta também se apurará devidamente as outras duas grandes Verdades associadas, a do Criador e a da Criatura. Pois também é um fato que apenas no final tudo isto encontrará a sua perfeição.

Como velam os mitos e os dogmas, a religião é a única forma de proporcionar a vida num plano superior e perene, como também representa a origem primeira de toda a forma de vida no planeta, além de conter a via pela qual esta vida pode ser preservada no Além. Por isto o culto do deus-Pai é o fundamental.

Se a Natureza é capaz de fornecer muita vitalidade, é porque preserva pura as virtudes de sua origem espiritual –sobretudo quando possui os elementos necessários e quando não recebe a interferência humana em seu processo criador. Aliás, podemos afirmar que uma das grandes sensações místicas que se pode ter consiste em contatar uma grande floresta. E nisto, a Amazônia surge quase como um milagre. Aquele que a sobrevoa observa estupefato aquele milagre aparente de retornar no tempo, como quem vê um planeta virgem e intacto em toda a sua exuberância, com seus caudalosos rios cortando as florestas quais serpentes. Dela emana vitalidade e pureza, reforçada pela magia dos povos que a habitam.

A evolução gerou esta dádiva para ser preservada. A Amazônia é o maior laboratório biológico do planeta, e se não possui grandes animais, é porque se trata de uma formação recente –na verdade, ela ainda está sendo formada– e pertence a uma outra era biológica. Ainda assim, contém animais de respeitável porte, como o tapir, o urso-de-óculos e a onça pintada, para não falar da exuberância sem par das outras espécies animais, vegetais e minerais, assim como humanas e culturais que ali existem ou existiram.

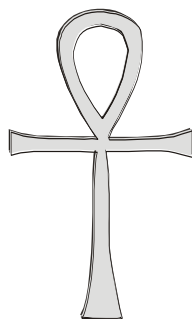
Deste modo, a consciência do conteúdo espiritual da Natureza, mais que meramente terapêutico, como também científico, estético e até ético, proporciona elevados potenciais ao contato humano, da mesma forma que no passado recente das religiões a esfera social passou a adquirir uma dimensão espiritual, através do Cristianismo, e antes disto, a espiritualidade em si adquiriu uma dimensão transcendente através do Monoteísmo, já que até então a cultura espiritual se limitava a barganhas e a sacrifícios externos, atuando sempre ao nível do carma. O novo cânone pode ser expresso na forma de naturismo, universalismo e mesmo numa espécie de *neo-chamanismo*. Podemos, desta forma, reunir no quadro que integra o "Cânone da Perfeição" três filosofias espiritualizantes:

1. Monoteísmo (implantado pelo Judaísmo).
2. Socialismo (implantado pelo Cristianismo).
3. Naturismo (implantado pelo Universalismo).

A Perfeição pode ser obtida quando reunimos estes três elementos e os aplicamos da forma correta, resultando num Universalismo, ou seja: um Monoteísmo que se apresente sobretudo sob um espírito de síntese e não de exclusão, e que a partir disto, também se expresse concretamente através de uma Hierarquia apropriada. Um Socialismo que saiba incorporar a dimensão espiritual no contato exterior, na medida em que compreenda que o próximo comporta também uma dignidade divina essencial, acima dos elementos culturais históricos, sendo uma outra expressão viva e complementar deste sagrado. E um Naturismo que é mais que culto externo voltado para o material, mas uma filosofia que busca se aproximar da Natureza enquanto criação sagrada e que desenvolve a Natureza universal em todos os níveis, inclusive uma dimensão ética adequada.

Por tudo isto, pode-se dizer que a nova religião é a **Religião da Vida**, envolvendo suas origens, meios e fins. Representa uma religiosidade que enfatiza a importância da vida em si, e que investiga e enaltece os processos pelos quais ela surge, se desenvolve e se aperfeiçoa. Tal religião valoriza os processos que permitem trazer mais vida e a vida em abundância, de origem espiritual, sobretudo, porquanto se trata de *qualidade de vida*. Assim, se nas origens, num mundo novo e despovoado o grande Mandamento era "sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e dominai a terra" (Gn 1,22), agora o novo grande Mandamento é: "sede profundos, aprofundai-vos, iluminai e libertai a terra".

O homem buscará na Terra e suas maravilhas as pegadas do Criador, e com isto abrirá as portas de seu próprio mundo interior, até encontrar as Fontes últimas que lhe dão acesso ao Mais Sagrado. Amará a vida a ponto de não desejar dela se afastar, na medida do possível. Este culto poderá até empregar velhos símbolos, como aquele da Vida (*Ankh*), conforme cultuavam os egípcios, uma cruz encabeçada por uma esfera, ou seja, o Homem, a própria Imagem divina revelada.



Nota-se também que é semelhante ao símbolo de Vênus, o quarto planeta astrológico, o qual rege à humanidade (o 4º Reino) e o Extremo Ocidente (Américas) de um modo geral, sendo a base da nova grande energia espiritual do mundo.

Trata-se de um quaternário, ou da trindade reunida numa esfera que pode ser divina ou mesmo telúrica, ou ambas as coisas a um só tempo (centro-e-periferia). Adiante analisaremos melhor este símbolo.

Povos antigos já exaltaram muito o princípio vital, resultando não apenas no culto às manifestações naturais, como também nos chamados "cultos mortuários", ou seja, a crença ou a esperança na vida póstuma, com tudo aquilo que pudesse proporcionar tal coisa.

Ainda que a vida biológica fosse perdida, sua essência deveria ser preservada no "Além". Alguns, baseados em certas interpretações de escrituras, chegaram ao ponto de desejar a reencarnação e a julgá-la como algo lógico.

Nisto tudo, deve-se compreender que muitas podem ser realmente as possibilidades, e tudo depende apenas da missão e das habilidades de cada um.

E isto significa que, seja qual for o destino da Alma, tudo depende do trabalho ativo e consciente *durante a vida em si*. Afinal, os grandes Mestres sempre deram ênfase para o "aqui-e-agora", independente de quaisquer especulações sobre o Além. É apenas assim que a Religião da Vida pode se tornar também numa Religião Viva.

A Religião Viva

Qualquer religião verdadeira, mesmo sendo a "da Vida", deve considerar também a *vida* da religião, isto é, ser uma *religião viva* ou com vitalidade.

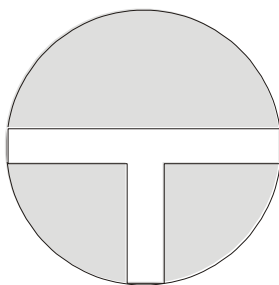
E uma *religião viva* comporta basicamente três aspectos:

- a. É aquela religião que atende às necessidades de um ciclo histórico da forma mais objetiva e satisfatória possível;
- b. Comporta um quadro espiritual dinâmico e eficaz;
- c. Conta com uma população interessada neste processo de crescer espiritualmente.

Isto nos coloca diretamente junto àquela trilogia que no budismo recebe o nome de "Três Refúgios": O *Buda*, o *Dharma* e a *San-gha*, ou, nos termos do Cristianismo: o Cristo, o Evangelho e a Igreja.

Trata-se afinal de algo clássico e sempre essencial, uma espécie de Trindade programática onde nenhum elemento pode faltar, sob pena de comprometer o conjunto. Por esta razão também se considera como um quarto princípio a reunião do conjunto. A Cruz ansata acima traduz exatamente esta idéia, e a síntese é a circunferência superior, ou o Todo.

O símbolo abaixo era muito empregado nas monarquias européias da Idade Média (e também em Alquimia) e comporta idêntico significado, apresentando essencialmente a mesma forma:



Quer dizer, trata-se de um TAU inserido num globo que encimava um cetro, expressando o poder universal obtido *em tese* por aquele que detém a síntese dos Três Mundos (Físico, Emocional e Mental) e, sobretudo, que integra ou representa a Trindade divina de alguma forma.

Também pode-se evocar com significado semelhante a flor-de-liz, que representava igualmente a Monarquia sagrada, especialmente na França.

O Governo Sagrado é realmente a forma que adquire legitimamente a congregação dos três Princípios. Ele se expressa na forma da Monarquia porque é hierárquico e representa a manifestação da unicidade divina. Idealmente, este Rei será aquele iluminado que existe em cada geração, pontificando a Sucessão Apostólica (formal ou informalmente), ou deverá estar sob o seu direto comando.

Nisto temos também a reunião de todas as coisas, iniciando pelo Estado e a Igreja.

A Vida Real –e a Religião Viva– devem ter todos estes elementos reunidos, como forma de expressar a transcendência e a fecundidade.

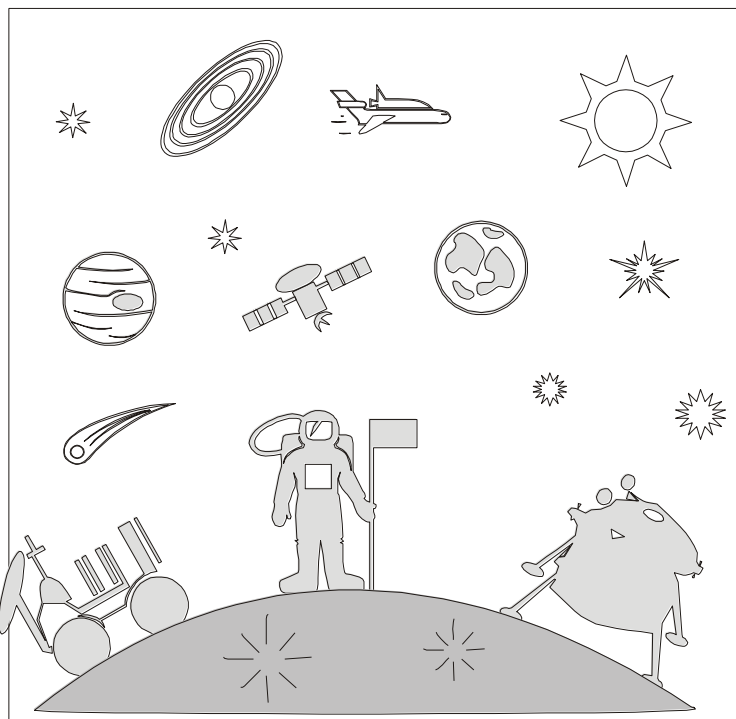
Hoje em dia todos eles se encontram novamente presentes, faltando apenas aquela grande reunião dos princípios que gera a circunferência do Todo, e que pode ser obtida pelo reconhecimento universal.

O mundo vive a expectativa de uma nova Ordem que abranja o Todo, que saiba controlar e preservar a tecnologia, mas que também valorize a natureza como deve. Gerações inteiras tem se mobilizado nesta direção, expressando esta expectativa e este desejo.

A linha da filosofia-reitora desta nova cultura universal todos o sabemos: a Vida em si, seu aperfeiçoamento, longevidade e até perenidade, enriquecida por grandes encontros e realizações, ou numa palavra, com muito *sentido*, riqueza e exuberância.

Por fim, é chegada a grande Síntese, na forma de uma Hierarquia iluminada e da Humanidade sublimada. O Grande Senhor já se encontra no mundo neste final de milênio, apto a dirigir os processos de unificação das religiões que vêm sendo preparadas sob a Sua inspiração, aguardando as condições para a Grande Congregação.

O palco está armado e os convidados estão se preparando. A Grande Festa da Luz acontecerá na virada do milênio.



A Religião da Vida vê "o cosmos como coisa viva".

Mas adverte: – Será que nem a poesia do cosmos ficará impune à aventura inconsequente do homem? Acaso espera ele encontrar ouro ou urânio no subsolo dos planetas, ou quem sabe, usá-los como futuras lixeiras galáticas?

No doors in space, cantava Cat Stevens nos anos 70. Mas o fato é que sequer o espaço sideral tem sido poupado pelo homem moderno, que além da *heresia* de fincar bandeiras nacionais nos planetas que explora, também atulha a atmosfera da Terra com miríades de resíduos e objetos. Enquanto isto, aqui em baixo...

Capítulo 18

CAMINHOS DO NOVO MUNDO

Os caminhos do Novo Mundo não são sempre novos, e possuem suas características e atribuições próprias. Representam por vezes a oportunidade de se rever velhos dogmas, à luz de uma Verdade universal restaurada e renovada.

Pode-se entrever, no espaço aberto entre o naturalismo e o espiritualismo, o ressurgimento de uma forma de xamanismo, caracterizando o universalismo com cultos ecléticos e variados.*

Este neo-xamanismo aproveita a linguagem mágica mas incorpora uma ética superior, apoiada pelos recursos técnicos revelados e sustentados pela Hierarquia.

Cabe realizar um inventário completo da Tradição e observar em que medidas e circunstâncias tal ou qual recurso é legítimo e necessário. A América sagrada dos incas, maias e toltecas, soube harmonizar um estado solar com o xamanismo tribal, colocando lado a lado Quetzalcóatl e Tonatiuh, Vênus e Sol, xamanismo e sacerdócio.**

Na reabertura destes caminhos, vale lembrar certos recursos que podem se tornar populares, mas cujo emprego deve ser sempre realizado com muito critério e cautela, sobretudo quando já estão disponíveis métodos naturais e espirituais.

ATALHOS OU "JANELAS-DE-PERCEPÇÃO"?

Inicialmente, devemos deixar claro que não existem "atalhos", fora da Hierarquia. O que existe de mais próximo a isto, é a possibilidade de se abrir "janelas" de percepção, e também trilhar caminhos "fortes" e bem definidos.

Tais "janelas", que nunca chegam a ser atalhos verdadeiros porque apenas *apontam* certa direção, correspondem especialmente ao uso de certas "plantas sagradas", mais próprias do ambiente xamanístico-tribal e muito comuns ao contexto cultural pré-colombiano. Estas plantas têm o poder de, quimicamente, interferir na disposição psíquica e liberar certos registros primitivos e profundos da mente. Quando bem conduzidas, tais experiências podem proporcionar estados de consciências dotados de profundidade e de serenidade, e até proporcionar uma estética especial, tudo muito rico, revelador e altamente sedutor. De certa

forma, corresponde a um "estado-de-Samadhi" ou iluminação, mas provisório porque induzido artificialmente.

Além disto, inevitavelmente, todo o emprego de recursos externos traz consequências terríveis ao organismo, e não é difícil que desequilibrem a mente quiçá em definitivo, por desordenar artificialmente a sequência natural da memória e a estrutura dos neurônios.

Não poderia ser diferente, quando vemos que elas não envolvem a integridade do ser. Tais estados são incompatíveis com uma existência corrente e completa, especialmente quando obtidos desta forma artificial ou externa. A verdade é que são coisas *possíveis de serem alcançadas de forma natural*, ainda que exija certo trabalho, talvez *muito* trabalho em certos casos, porque inclui uma reforma espiritual e também ambiental. O ambiente natural é um dos elementos intimamente associados às experiências profundas, que são facilmente dissipadas em contextos artificiais, podendo gerar então estados de consciência perturbadores.

Tudo isto impõe por si só uma atitude ética, no sentido de que não se pode eliminar as reformas sócio-ecológicas, como tenderia a realizar aquele que emprega os "atalhos" sistematicamente. Estes não são duradouros, e seu uso prolongado apenas gera ilusão, carma e desequilíbrio. Nos melhores casos, colocam meramente uma referência. Daí serem chamados de "janelas", ou seja, um lugar que pode trazer luz, calor e visão, mas pelas quais não podemos passar como um todo, visando à liberdade e à totalidade. Para isto, é preciso empregar as verdadeiras portas.

Tratam-se, portanto, apenas de "janelas de percepção", e nunca das "portas da percepção" como foi dito por um conhecido escritor dos anos 60. Compreender isto é o verdadeiro "caminho-do-meio", sem fanatismos e sem preconceitos. É muito importante, num "Evangelho da Natureza" que renova e redimensiona certas práticas culturais, colocar tais questões com toda a categoria possível, sem preconceitos de nenhuma espécie, com a devida avaliação científica e também espiritual. Não fazemos apologias e nem condenações. Reconhecemos o valor num determinado contexto, que é o do sagrado e natural, mas ainda assim um valor relativo, apesar de contundente em certos casos. Mas definitivamente, estas vias devem ser substituídas por novos caminhos. Podemos aceitar a existência de seitas que empreguem tais recursos como "sacramento". Mas desaconselhamos com veemência o uso sistemático destes métodos e, acima de tudo, proibimos terminantemente que sejam estendidos a crianças.

Se for o caso de usá-los, que seja com parcimônia e no contexto adequado (isto é, religioso-naturalista-fraternal), pois tais experiências apenas chegam a seu ponto mais pleno através de uma ambientação adequada. O ambiente artificial gera conflitos internos e impede a plenitude. Uma das razões disto, é que se trata de experiências "simples", puras e, de certa forma, essencialmente naturalistas, evocando a percepção das crianças. Daí que correspondam também a ambientes belos, simples e pacíficos. A outra razão, é que se trata de recursos *artificiais*. Ambas as coisas devem ser devidamente pesadas.

As plantas apenas mantêm o homem no umbral do Desconhecido, gozando a força, a paz e a clareza da *Segunda Atenção*. Por isto deve-se considerar que a maior parte destas experiências são apenas *ensaios* ou *aventuras* e não propriamente realizações dirigidas com

consciência de causa, capazes de induzir positivamente a um outro universo espiritual. Isto é impossível sem um guia experiente, e seus frutos são sempre limitados e por demais inseguros.

Não se pode defiiir tais experiências senão como *pré-iniciáticas*. Mais ou menos como é dito a Castañeda,:

"O Nagual Ihe fez uma porção de coisas com suas plantas de poder, mas você não pode dizer que isso seja conhecimento. Só se você dominar a sua segunda atenção é que pode atuar com ela; senão fica sempre fixo no meio das duas..." (Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 210)

A "Segunda Atenção" é o estado contemplativo-vegetativo, que sob os efeitos das plantas podem absorver o indivíduo até a morte. A consciência intensificada acessada através das plantas-de-poder é chamada no nagualismo de *Segunda Atenção*. É aquilo que com muita propriedade o budismo denomina "vazio", ou seja: a percepção de que o mundo não tem uma existência própria e independente do observador, coisa que a física quântica cada vez mais corrobora.

Tais experiências, para ter sucesso, requerem um contexto espiritual-ritualístico adequado. É apenas assim que os índios empregam estes recursos, e sempre sob a guia de um xamã experiente e capaz, inclusive de *induzir* ao estado necessário através de recursos artísticos. O grupo em si apenas esporadicamente realiza a "experiência". O xamã, muito mais "experimentado", também sacrifica sua saúde em favor do grupo, tal como fazem comumente os Mestres de alguma forma. Este foi, todavia, um estado cultural primitivo espiritualmente válido, que já não corresponde aos nosso dias, a não ser de forma extremamente cautelosa e parcimoniosa.

Com isto, temos os dois elementos que parecem poder proporcionar a experiência superior (o xamã e a natureza), e mais um terceiro, menos perceptível, mas também essencial: o contexto tribal em si, e o sentido social do trabalho interior, sinalizando a natureza *coletiva* das energias espirituais. Ninguém pode pretender chegar ao altar sem estar antes em paz com o próximo. A experiência é em si individual, mas não se chega a ela sem uma individualidade purificada. Além disto, ela logo nos leva a um estado de comunhão, seja com Deus, com o próximo ou com a Natureza. Eis portanto, novamente, o *Cânone da Perfeição*.

De qualquer forma, o Cânone representa um fundamento universal que serve para possibilitar certas "janelas" perceptivas, e representa a grande base para as verdadeiras realizações, por abrir as próprias "portas". Basta, para isto, aperfeiçoar as práticas e aprofundar os caminhos. O verdadeiro guerreiro conquista a liberdade *em vida e de forma natural*.

É preciso gerar certos contextos para que as grandes experiências espirituais sejam possíveis. E isto deve ser feito através da vida como um todo, sem atalhos, mas de forma permanente, estável e responsável.

E para isto pode-se mencionar três caminhos que a rigôr são um só.

OS TRÊS CAMINHOS

Quaisquer que sejam os verdadeiros caminhos, eles serão sempre caminhos-de-serviço, caracterizados pelo altruísmo, pela espiritualidade e pelo respeito à natureza (interior, social e exterior), numa palavra, pelo Cânone da Perfeição.

O outro caminho que mais se aproxima de um atalho, seria um caminho "forte", ou rápido. De fato, todas as culturas tradicionais contemplam mais de um caminho, segundo a natureza de cada indivíduo.

A *Via da Cruz* é o grande Caminho Rápido, e seus sacrifícios são tão absolutamente transcendentais, que, por regra, apenas os Avatares podem trilhá-lo, até para caracterizarem-se como tal. É o que os orientais denominam de *Nirvana-Marga*. Tal caminho é próprio dos Mestres-de-Shambhala, aqueles que pontificam no Trono divino.

A *Via do Discípulo* é um caminho regular que também pode trazer a iluminação "nesta vida", sob a devida orientação e influência de um Mestre realizado. É o que os orientais definem como *Parampara-Marga*. Trata-se deste modo do caminho mais rápido, acessível especialmente à Hierarquia, que ocupa o Trono sagrado.

E a *Via da Morte* é quando a luz é obtida só na próxima vida, através de recursos técnicos e éticos. Não se trata porém de reencarnação. Quando falamos da "próxima vida", estamos querendo dizer que esta liberação apenas ocorrerá na "vida (ou existência) póstuma". Os orientais chamam este caminho de *Samsara-Marga*. Mas a palavra *Samsara*, que significa "círculo", induz a pensar não apenas em reencarnações, mas também em estados de consciência viciosos e atados à matéria; porquanto a palavra "espiritual" é acima de tudo sinônimo de progresso real; e até arriscamos a afirmar que, nas origens, este era o verdadeiro conteúdo desta filosofia. Mas isto também pode ser ainda mais sutilizado, para adequar a uma liberação apenas póstuma, seja eticamente inspirada como entre os cristãos, seja tecnicamente conduzida como entre os tibetanos. Este é, pois, o verdadeiro *caminho-da-humanidade* em geral.

Com isto, temos claro que, à luz de um "caminho rápido", a única Via que resta é a do Discípulo, verdadeiro caminho-do-meio portanto. As Vias da Cruz e da Morte não são exatamente discipulares, embora apresentem *aspectos* neste sentido. A *Via Crucis* não comporta um relação discipular externa e regular, até porque um Avatar somente vem ao mundo quando não existem Mestres e Ordens autênticas ou regulares, sendo uma das razões para os tantos sacrifícios desta Via que exige um pleno autodidatismo. E a *Via Mortis* também tende a surgir num quadro em que os indivíduos não mantêm uma relação direta ou completa com a Ordem, como aqueles que nasceram em épocas e lugares diferentes, mas que por alguma razão puderam penetrar no Campo-de-Influência redentor, o que resolve problemas clássicos como o dos "santos de outras religiões" e o das "ovelhas de outros redís".

São até semelhantes tais Vias extremas, na medida em que ambas confrontam a Morte. A diferença é que na da Ressurreição, a Cruz permite vencer a morte nesta vida, e na da

Reencarnação, a Morte não o faz, mas permite levar por sua vez esta vida para o Além (o que as outras também fazem de algum modo).

Resta portanto a Via do Discípulo, que é também a da Hierarquia, na outra ponta do Sendeiro. Neste caminho (*Marga*), a Iluminação é adquirida já em vida, através da intercessão da Hierarquia, assegurando plenamente a salvação. Na Via da Morte, recebe-se na Terra apenas vislumbres da luz, e a fé permanece até o fim como um recurso fundamental. Na Via da Cruz existe a auto-salvação, de forma única e dramática.

Naturalmente, existem classificações dentro de cada Via. Por isto há três classes de Avatares, três classes de Hierarcas, e três classes de Humanidades, acrescentando que, no "caminho-do-meio", existe o Pequeno Discipulado, o Médio Discipulado e o Alto Discipulado.

Nada disto é novo em si. A novidade está: 1. Na chegada do Salvador aguardado; 2. Na Restauração da Regra ou da Ordem de intermediação; 3. Na chegada da salvação esperada.

O único "caminho rápido" que resta é então o da Hierarquia e destina-se aos Grandes Servidores, aqueles que aspiram não tanto uma salvação imediata, mas a um serviço mais intenso em favor da construção do Novo Mundo, possibilitando e exigindo maior proximidade do Trono divino (Shambhala). Galgam com isto as mais altas iniciações no plano da Hierarquia, tornando-se Senhores no Reino.

A *Via Mortis*, tão enaltecida pelos Atlantes, também será novamente enfatizada, porquanto surgem energias especiais para isto neste grande "final de tempos". Daí que o Apocalipse fala que a redenção final corresponde à salvação da "Segunda Morte".

Para isto existem procedimentos éticos muito importantes (como veremos no Capítulo dedicado à Nova Jerusalém), assim como serão aproveitadas técnicas específicas como as desenvolvidas pelo tibetano, pelos egípcios e pelos maias, enfim, pelos chamados "atlantes-tardios", os herdeiros das tradições atlantes, e que agora voltam ao plano de trabalhos mundiais. Em muitos casos a luz poderá ser outorgada e recebida antes da "partida", possibilitando uma segurança mais ampla do processo. Mas isto e muito mais dependerá unicamente do apoio da sociedade à Ordem que os Mestres devem implantar.

A salvação é muito generosa e destina-se em princípio a alcançar a todos, mesmo que no Além. Apenas não se salvam aqueles que negam a salvação de algum modo, seja renegando o Salvador, seja descurando as boas obras.

Mas nada disto pode degenerar numa espécie de "culto à morte", até porque o que se espera é a Eternidade. Não se pode evadir a cultura desta direção, porquanto a questão da Morte representa uma espécie de *Ultimatum* supremo face ao qual unicamente a humanidade poderá adquirir sentido em caso de vitória. Negligenciar o tema, isto sim é ceder a este "último inimigo", no dizer de São Paulo, e é se *alienar* em definitivo...

Aqueles que optam "conscientemente" pela *Via Mortis*, devem saber que abrem mão de grandes vantagens. Se o seu serviço tiver potenciais maiores, então ele estará até mesmo arriscando aquilo que julgaria receber de "qualquer modo". Ao descurar de seus deveres e dons, gera um carma que fatalmente o impedirá de gozar a salvação póstuma, e mesmo recebendo-a, permanecerá obrigado ao serviço até concluir sua dívida natural: "ao que mais

é dado, mais será pedido". Neste caso, o tempo de expiação e a quota de esforços necessários serão sempre muito maiores, porque deve "pagar juros" ao carma. Assim como existem coisas mais fáceis de realizar "do outro lado", também existem outras bem mais fáceis de fazer "deste lado". Então, é mais sábio empregar os instrumentos *hábeis* para realizar as tarefas nos meios propícios. O compromisso é sempre estabelecido a partir da solicitação. Pedir conhecimento induz em responsabilidade. E depois de recebido, já não há como voltar atrás. Daí as crises que comumente resultam aos que entram no Caminho.

Assim, é preciso sempre fazer tudo o que está ao alcance. Alguém diz: "Já sou devoto, fraterno e simpatizante da ecologia; até poderia ser vegetariano e com isto integrar plenamente o Cânone, abrindo caminhos para a Via Discipular. Mas *não desejo* fazê-lo por alguma razão *pessoal*." Certamente isto gera carma. É diferente de *não poder fazê-lo* por razões de ignorância (como teria ocorrido entre os hebreus) ou falta de alternativas (como teria acontecido entre os tibetanos). No Além, ele será atado junto a matadouros e sofrerá como um animal sacrificado.

Da mesma forma, se alguém realiza abortos, estupros ou pedofilia, verá sua descendência sofrer o mesmo, ceifando sua herança genética da face da terra e levando a dor à sua família. Não se trata de "punir inocentes": *existe* o carma familiar, como existe o carma nacional ou social, etc. Um estupro ou um roubo podem ser perfeitamente enquadrados nesta espécie de carma.

Poderia ser diferente? A justiça divina não permitiria outra coisa. A chance para a salvação plena foi concedida, e as informações necessárias outorgadas. O bom cultivador não pode deixar árvores que não frutificam no pomar. E Deus é um bom cultivador.

O pior que pode existir é morrer em pecado. Mas se alguém segue de fato a sua consciência, então receberá a "paz dos justos", aqui e no Além.

O importante é a redistribuição das bases hierárquicas na cultura, possibilitando a plenitude da vida pela reforma das instituições.

O caminho-do-meio discipular é a própria Escada-de-Jacó que leva às alturas celestes. Que cada um se comprometa a investigar os caminhos da Hierarquia, e se empenhe por auxiliar na sua manifestação e na sua expansão, somando forças com as suas expressões mais legítimas. Sob a luz dos Mestres surgem não atalhos, mas o caminho rápido para todos através da disposição de uma Ordem sagrada. Quando o maestro pode reunir a sua orquestra, os resultados são sempre magníficos. Do contrário, o sofrimento será proporcional, até que resultados semelhantes surjam, porém pela via cármica. É sempre muito mais difícil recompôr o mosaico depois de rompido.

* Ver sobre este tema em nossa trilogia *A Tradição Tolteca*.

** Segundo as profecias, o novo Avatar deve harmonizar em si estas duas enegias através de seus signos pessoais: Vento(Quetzalcóatl), Jaguar e Leão (Sol).

Capítulo 19

OS GUERREIROS DA TOTALIDADE

A vida moderna tem uma série de fatores que nos afastam da Natureza. É a luz elétrica que nos priva do calor do fogo, das estrelas e do próprio mistério da noite. É a televisão que nos induz a falsos sentimentos. É o automóvel que nos priva de caminhar. São os supermercados que substituem as hortas, pomares e roças; etc.

Parece que tudo isto começou muito lá atrás, com o fogo e as vestimentas. Não que devamos viver nus e comer apenas alimentos crus, embora tudo isto pudesse ser muito bom.

Mas isto revela o isolamento e o artificialismo que se apoderaram do ser humano através dos milênios. Ninguém pensaria em comer carne sem o fogo. E ninguém alimentaria tantos tabus sexuais sem roupas.

Por isto, devemos pensar muito seriamente em adotar meios de preservar a nossa condição natural. Passeios a pé, visitas regulares a parques ou sítios, deveriam ser atitudes mínimas do homem urbano, evitando a alienação completa, e, é claro, adotando o vegetarianismo.

Ele já está no meio da poluição, vive sendo bombardeado por ruídos e pouco faz para proteger as espécies em extinção e cuidar do bem-estar dos animais em geral.

Deveria ainda fumar, entregar-se à má música e à baixa informação, ou alimentar-se de carnes e usar peles?

É muito fácil se alienar numa existência despreocupada e egoísta na própria "casa", enquanto o mundo "lá fora" é destruído. Assistimos a tudo isto na televisão como se fosse apenas mais um filme de tragédias. Acovardados, indiferentes, negligentes...

Isto para não falar do temor que nos trancafia em nossas casas, na certeza de que qualquer liberdade nos põe em perigo. Isto se deve em parte ao desequilíbrio econômico presente em nossas sociedades.

Lutar contra tudo isto é difícil e exige certamente uma atitude guerreira. Uma das mais úteis tarefas pode ser militar numa entidade ecológica séria, que também se preocupe com as restantes questões sociais, contribuindo com fundos para as suas atividades, e até participando de seus trabalhos. Consideramos uma atitude ética tentar reverter uma parcela do mal que nós mesmos temos causado ao longo de nossas existências, e que inevitavelmente trará prejuízos ao futuro do mundo.

Todas as pessoas razoavelmente sábias, vivas e conscientes deveriam ser como os "guerreiros do Arco-Íris" das profecias hopis, verdadeiros militantes da ecologia e da liberdade, protetores do futuro, da fraternidade humana e da ordem universal, assim como fiel à espiritualidade. Numa palavra, os Guerreiros da Totalidade.

Estes guerreiros têm uma visão prismática da vida e entendem que apenas quando todas as coisas andarem juntas é que elas terão sentido. E assim eles lutam para que a unidade se manifeste na Terra uma vez mais, e isto eles fazem a partir de si próprios, ensinando e amando a todos os seres, postos que a luz dispersa as trevas e amor é unidade.

Por isto, o Guerreiro da Totalidade é também aquele que trilha os caminhos ascendentes da luz sem cansar, servindo a evolução conforme o necessário através da escada do arco-íris.

Da mesma forma que o comunismo ruiu por não respeitar a religião, também a ecologia se vingará do capitalismo se este não cumprir os requisitos ambientais necessários (estamos a par de que o ex-mundo comunista detém os maiores índices de poluição proporcional). Isto é importante de ser observado, porque assim como surgiram idealistas "vermelhos" ateus, também poderão surgir fanáticos "verdes", sobretudo depois do Grande Caos que, ao tudo indica, há de vir.

Vale lembrar que "Deus perdoa sempre, o homem às vezes, e a natureza jamais." Quando chegar a hora da verdade, muitos se farão porta-vozes da *natureza*. A dor será tanta, que a barbárie se instalará por toda a parte. Fome, guerra, enfermidade e violência não deixarão espaço para arrependimentos.

Mas isto não auxiliará muito a refazer a ordem e colocar o mundo em seu verdadeiro lugar. Por isto, quando chegar a hora de se recompôr o mundo, convém observar todas as bases, que no caso se resumem a três: *espiritualidade*, *humanismo* e *ecologia*.

E lembrar que, na Reconstrução, é menos importante crucificar os agressores ambientais, do que tirar da cruz os Mestres enviados para dirigir os rumos da Civilização e seguir à risca os seus preceitos.

Capítulo 20

A "NOVA JERUSALÉM"

Temos dado muita atenção ao primeiro livro da Bíblia, o Genesis, representando o retorno de todas as coisas no "Alfa" dos Princípios. Agora devemos enfatizar a obra que conclui a citada Escritura, o Apocalipse de São João, que representa o "Ômega" final. Focalizaremos especialmente aspectos da cidade sagrada da profecia, a "Jerusalém celeste", o mito que conclui o próprio Apocalipse. Nele se acham os caminhos para o retorno ao Paraíso que culmina a Criação no Genesis.

Caber mencionar que o Livro da Revelação tem início com as cartas às Sete Igrejas, as quais associam-se a certas passagens do Genesis, especialmente a implantação do chamado *Pacto do Arco-Íris* realizado entre Deus e a humanidade através dos Patriarcas, após o Dilúvio.* Isto significa que a profecia do Apocalipse tem a função especial de redimir a humanidade que vem desde o Dilúvio universal até nossos dias, e que muitos associarão à decadência da Raça Atlante e aos mitos narrados por Platão. Relaciona-se, portanto, o novo ciclo "irisado", basicamente à economia espiritual da Raça Árya. Entre as práticas implantadas com esta Raça, veio o carnivorismo, o belicismo e o monoteísmo através de Abrãao, neto de Noé. Tudo isto deve ser revisto em nossos dias à luz da nova grande Lei espiritual, que sob certos aspectos é "neo-atlante". A paz entre os reinos, simbolizada através do vegetarianismo, deve ser restabelecida. A paz entre os homens, representada pela fraternidade e o humanismo, deve ser refeita. E a paz entre os cultos, simbolizada pelo ecumenismo e o ecletismo, também deve ser replantada. Tudo isto está presente na imagem do arco-íris.

O último ponto é o único que pode ainda suscitar polêmicas, porquanto o associamos a uma "revisão do monoteísmo". Ocorre que o monoteísmo é antes de tudo uma espécie de *seleção divina*, extraída da Cúpula teológica existente em todas as grandes religiões.

A validade universal disto, está no fato de que esta Cúpula expressa realmente uma síntese de todos os deuses. Assim, o Monoteísmo não é excluyente, como se tenderia a pensar, mas oniabrangente, estando presente, como vimos, nas genealogias míticas-hierárquicas das grandes religiões, no Egito, na América, na Índia ou na Caldéia (de onde veio Abrahão).

A numerologia da Bíblia foi sempre um ponto forte, conferindo bases para uma Astrologia sagrada. Assim, ao lado da Unidade ou da Trindade divina, sempre tivemos a tríade, o setenário e o duodenário, originando a fórmula cabalística universal 3-7-12, que pode ser verificada em muitas tradições (ver nossa obra *A Arte da Unidade*, FEEU, 1991).

Esta fórmula, que expressa a grande síntese universalista, se encontra reunida no Genesis e no Apocalipse e São João.

Observemos então os fundamentos éticos que permitem a entrada na "Jerusalém celeste", conforme apresentados no Livro do Apocalipse:

"Quanto aos covardes, aos infiéis, aos corruptos, aos assassinos, aos impudicos, aos mágicos, aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua porção se encontra no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte." (21,8)

"Ficarão de fora os cães, os mágicos, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos os que amam e praticam e mentira." (22, 15).

Assim, a "segunda morte" está associada ao sofrimento. Pode-se até entrever um paralelo interessante entre a subsistência urbana e esta segunda a morte, porquanto estes ambientes tensos e poluídos trazem realmente a morte da alma, até como um requisito cármico. Poderá Deus amar como gostaria aqueles que se alienam da verdadeira Criação e subsistem em ambientes competitivos e agressivos? E além de tudo, sob regimes ateus, agnósticos e capitalistas? ("Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro"; disse Jesus) É claro que não, porque isto representa o anti-Cânone sagrado, ou seja o *Cânone da Perdição...*

Enumeremos então os *Pecados Mortais* apocalípticos:

1. covardia.
2. infidelidade.
3. corrupção.
4. assassinato.
5. impudícia.
6. magia.
7. idolatria.
8. mentira.

A segunda lista omite os dois primeiros pecados (covardia e infidelidade) e põe em seu lugar "cães" (além de empregar o sinônimo "homicida" para "assassino"). Mas a palavra *cão* é algo vaga. Podemos lembrar que o diabo é igualmente chamado "cão". Mas também pode significar algo como "patife", assim como aludir novamente aos "impudicos" ou até aos infiéis.

De qualquer forma, observando esta listagem de 8 ou 9 pecados, vemos um quadro bastante aplicável ao mundo moderno –e certamente a muitos outros, mas diríamos que, de forma bem particular, à atualidade, já que tais demônios não raro ocupam hoje os mais elevados cargos institucionais.

A política tem sido coordenada ou por infiéis ateus, por fanáticos religiosos, por demagogos mentirosos e corruptos e até por assassinos vulgares.

A espiritualidade também tem estado sujeita à idolatria e ao fanatismo, assim como ao magismo inferior dos cultores de mortos, das astrolatrias e das seitas.

A covardia e a impudícia têm se alastrado por toda a parte. As mais abjetas práticas têm se difundido, como a pedofilia e o roubo.

Será a Nova Jerusalém apenas para os anjos? Diz a profecia que sim, mas que seu número se eleva a "milhões de milhões e milhares de milhares" (Ap 5,11). Certamente, pelo visto acima, a seleção será rigorosa, como não poderia deixar de ser. Mas não nos parece que se trate de anjos num sentido tradicional, mas de *sábios e fiéis*. Sabidamente, a Bíblia e a Tradição ocidental são bastante elásticas neste ponto.

Como compreender as suas virtudes? Existem de início as evidências conferidas pelos *opostos* dos pecados acima descritos, e que seriam:

1. bravura,
2. fidelidade,
3. honestidade,
4. respeito à vida,
5. recato,
6. devoção,
7. espiritualidade,
8. veracidade.

É claro que também existem as virtudes das "Sete Igrejas", com suas respectivas contrapartes, inclusive na forma de promessas aos "perseverantes". Tais virtudes são: Integridade, Pobreza, Fidelidade, Caridade, Sinceridade, Perseverança e Abundância. Trata-se, portanto, de virtudes mais ou menos específicas de cada Igreja.

Ao lado disto, existe um tríplice Cânone revelado* que expressa, segundo os padrões da Nova Jerusalém, a natureza deste quadro em sua integridade, analisados à luz dos Três Mundos e da Trindade:

1. Plano Físico: *Dádivas da Natureza*.
2. Plano Emocional: *Dotes da Consciência*.
3. Plano Mental: *Dons do Espírito Santo*.

Esta é uma visão mais profunda do quadro simbólico fornecido por São João, revelando os seus mistérios últimos. Por exemplo, o cubo tridimensional em que é apresentada a Cidadela santa, assim como a recorrência do número 12 para todas as suas dimensões.

Trata-se de distintas *expressões da Natureza*, inclusive no grau mais elevado, que é a expressão humana no plano do Espírito.

Na base, está a *Natureza Criada*, o fator-biológico em si ou, antes, aquelas pré-condições que proporcionam a harmonia física, na forma das muitas dádivas naturais que podem ser expressas nestes termos:

1. saúde
2. beleza
3. nutrição
4. paz

5. harmonia
6. grandeza
7. mistério
8. perfeição
9. inteligência
10. riqueza
11. perenidade
12. gozo.

Sem isto, a condição humana permanece submersa em níveis instintivos e caóticos. Como a evolução dá-se inicialmente de fora para dentro e "a existência precede a essência", a perfeição natural e ambiental é o pré-requisito para a harmonia interior. A ordem interna inicia com a disposição da Natureza Criada em sua mais pura expressão, conferindo as dádivas acima. Correspondem aos 12 alicerces espirituais da Jerusalém celeste, simbolizados pelos 12 Apóstolos de Jesus.

Sobre esta base, emerge então a individualidade humana como tal, os *dotes* humanos, na forma da *Natureza Criante* do Plano Emocional, a qual pode ser expressa na forma de códigos astrológicos (no caso, como expressões primárias dos signos).

1. Ser (Áries)
2. Poder (Touro)
3. Mentalidade (Gêmeos)
4. Sensação (Câncer)
5. Glória (Leão)
6. Inteligência (Virgem)
7. Arte (Libra)
8. Paixão (Escorpião)
9. Religiosidade (Sagitário)
10. Realização (Capricórnio)
11. Intuição (Aquário)
12. Amor (Peixes)

Neste plano, encontramos a subdivisão 12x12 (ciclo completo) que remete a dois elementos do Apocalipse: o número dos "eleitos" (Ap 7,4), e às dimensões da muralha da Cidadela (Ap 21,17). Tudo isto pode ser muito bem avaliado à luz da Astrologia.

Uma vez definido este quadro e estabelecidos os planos de trabalhos sobre bases éticas, surge por fim a *Natureza Criativa*, no Plano Mental, na forma dos 12 dons do Espírito Santo. Existe uma profecia oriental na escritura hindu *Skandha Purana*, chamada o Templo de Vaikuntha, que apresenta inúmeros pontos em comum com o Apocalipse (ver estudo comparativo na obra *Símbolos*, de Titus Burkhardt). Ali se enumeram os nome dos 12 guardiães na forma de virtudes, a saber:

1. imortalidade
2. beatitude
3. crescimento
4. felicidade
5. prosperidade
6. gozo
7. estabilidade
8. brilho lunar
9. iluminação
10. esplendor
11. luz celestial
12. fortuna.

Considera-se que tais virtudes correspondam, portanto, ao nível espiritual, como sugerem suas dimensões próprias, e às mais altas conquistas. No Apocalipse, configurariam as Portas da Nova Jerusalém, simbolizadas pelas 12 Tribos de Israel.

É certo que, na estrutura da Nova Jerusalém, se descreve literalmente o número 12 apenas duas vezes, nos "alicerces" e nas "portas" (somam todavia 24, presente em Ap 4,4). Entre os alicerces e as portas existe, porém, o piso. No Templo de Vaikuntha, este "piso" está formado por 144 ladrilhos. E como o Emocional é o plano intermediário, é natural que a ele se aplicasse este padrão, de resto com evocações astrológicas, quantitativas e qualitativas. Vale lembrar que o número 2 associa-se ao feminino, à horizontalidade e à profundidade.

Existe, porém, outro momento em que aparece o 12. Trata-se da descrição da Árvore da Vida, no final apoteótico do Apocalipse, e onde se afirma que ela "frutifica 12 vezes, dando frutos a cada mês" (Ap 22,2; na verdade, a *Bíblia de Jerusalém* usa aqui o plural, mas em 2,7 está no singular.). Como é bem sabido, o Reino Vegetal é análogo ao Plano Emocional, também associado ao Sistema neurológico chamado *vegetativo*.

Diz-se que as folhas desta árvore serão usadas para "curar as nações". Que folhas são estas? É fácil perceber que os grandes males deste mundo derivam do Plano emocional. Curá-lo e harmonizá-lo é, portanto, a base de toda a salvação. A cultura Naturista apresenta este propósito em primeiro lugar, e a ciência das Almas-Gêmeas, hoje codificada em toda a sua amplitude, atingem em cheio tal problemática, que se apresenta em nível cósmico na atual evolução mundial, a chamada Quarta Ronda Mundial, destinada a formar o Reino Humano e a despertar o *chakra* cósmico do *coração*...

Muitas outras correlações poderiam ser realizadas. Mas é suficiente dizer que a Segunda Morte se dá neste nível, o Astral, por isto ele é tanto o plano da Árvore da Vida como o da Árvore da Morte.

Que a humanidade possa discernir doravante com sabedoria entre os dois caminhos. Seu grau de evolução é hoje relativamente avançado, e com isto novas provações vem à tona, mais sutis, incluindo-se a presunção de poder prescindir da Hierarquia no plano físico.

Para estes, devemos dizer que os Novos Mestres não se caracterizam por dispensar a Humanidade de se prostrar aos seus pés. A verdadeira diferença é que, doravante, os próprios Mestres *também* beijam os pés dos discípulos, como fez Jesus com seus apóstolos, em sinal de reverência ao deus interior de cada um, e como um estímulo para a conscientização deste fato, devido aos elevados potenciais da nova humanidade espiritual. Este Ensino não é novo, mas deve ser novamente conscientizado, agora que tantas promessas se cumprem, para Aquele cujas palavras não passariam, mesmo passando céus e terras.

* Ver nossa obra *O Pacto do Arco-Íris*, que inclui uma análise ampla da profecia joanina.

Capítulo 21

RESUMO GERAL

O tema desta nova dispensação trata da boa-nova que traz a Criação como o palco privilegiado dos novos mistérios divinos, culminando o ciclo de revelações da Trindade onde inicialmente tivemos os mistérios do Deus-Pai-Criador através do Judaísmo, seguido pelos mistérios do Deus-Filho-Criatura através do Cristianismo, intetados agora pelos mistérios de Deus-Espírito Santo-Criação. A nova religião pode ser chamada Universalismo, visto que os dons do Espírito almejam chegar a todos. É o momento portanto de completar a obra de Deus. E é uma boa-nova porque o homem moderno ansia por ver as coisas naturais e individuais sacralizadas, plenificadas e integradas ao Todo.

A nova Lei avalia a dimensão sagrada da natureza e do próprio homem enquanto indivíduo e sociedade. Aborda por isto os mistérios do Espírito Santo, pela presença dos dons espirituais em cada pessoa, assim como os mistérios marianos que expressam a visão feminina do sagrado, e finalmente, desenvolve os valores naturais como base para a realização dos caminhos sagrados no homem, aqui e agora.

Emprega para isto especialmente as bases espirituais judaico-cristãs ou similares, sem esquecer possíveis influências de outras culturas que possam colaborar na realização deste novo momento da humanidade, como a ioga e o naturismo, bastante desenvolvidos no Oriente.

Ao descrever a Criação como obra divina, o Genesis sugere que as coisas naturais servem de caminho para Deus, e a cultura do Paraíso está impregnada desta consciência, na medida em que revela a harmonia do homem com Deus, com a Natureza, com o próximo e com a mulher.

Segundo alguns autores, a *origem* deste novo o Evangelho remonta à época da Renascença. Desde então o mundo vem sendo preparado para este novo ciclo espiritual. Os eventos daquela época, coroados pela descoberta das Américas, preparam efetivamente o palco para o desenrolar destes mistérios, que é o do Novo Mundo. São Francisco, o "patrono da ecologia", é considerado a figura mais importante do último milênio e tido como um arauto destes novos tempos. Mas toda a revelação é progressiva e o momento atual traz o amadurecimento de todo este processo.

O *Evangelho da Natureza* prega o compromisso com a ecologia, com o ser humano e com a verdade, inclusive a científica. É uma extensão da religião do Espírito Santo, onde o sagrado alcança as coisas criadas, com destaque para o indivíduo, o feminino e o natural.

São também as questões anunciadas no final dos Evangelhos pelos mistérios da Última Ceia, da Ressurreição e do Pentecostes. Mas uma das idéias centrais do livro, é que existe hoje uma necessidade visível de valorizar a Natureza, por razões de saúde individual e planetária, e isto não será alcançado de forma apenas sentimental ou utilitária: somente a visão sagrada terá força e universalidade para mobilizar os corações e as mentes para a tarefa que se apresenta. Além disto, esta visão de mundo faz parte de toda a verdadeira *praxis* espiritual, daí um dos conceitos desenvolvidos na obra com o chamado *Cânone da Perfeição* que integra a trilogia religião-comunidade-ecologia, síntese das religiões judaico-cristã-universalista prevista pelo sábio renascentista Joaquim di Fiore, cujo nome desponta junto com São Francisco de Assis como um dos arautos desta Nova Era.

Ainda na linha da religião do Espírito Santo existe o tema do *matriarcado*, cabendo esclarecer os fundamentos desta visão de mundo tipicamente ocidental onde sobressaem práticas como a democracia e a religiosidade. Os mistérios marianos entram em confluência com esta questão. Mas na presente obra se busca particularmente o resgatar o panorama da Idade de Ouro na Índia *antes* da decadências das castas, procurando a fórmula que contempla de maneira realista a idéia do "fim da história".

Afinal existem hoje razões concretas para se pensar assim. De um lado temos a sabedoria dos Antigos sobre os ciclos da humanidade, onde maias e hindus –que foram as culturas-mães de Oriente e Ocidente– concordam plenamente, de resto amparadas pela História oficial, apontando para o momento atual. Historicamente, um grande impulso nesta direção foi dado na Renascença, tendo como um de seus pontos altos a descoberta do Novo Mundo, que foi o primeiro passo da moderna globalização. Ciclos de 500 anos como o recém celebrado foram sempre observados pelos Antigos, e Heródoto demonstrou que os egípcios os associavam ao mito da Fênix. O primeiro, da Conquista, foi dramático porque o número 1 é como a espada; mas o número 2 já simboliza o lar, de modo que deveremos observar uma melhor organização do ambiente local. Por fim, vemos a situação atual do mundo, uma típica cultura materialista da Idade de Ferro, já dando sinais de transição para algo novo.

Este novo Evangelho não é, portanto, apenas mais uma profecia, na medida em que se anuncia isto sim os "tempos chegados" e os caminhos para neles viver. E isto é evidenciado de muitas maneiras, seja nos ciclos da humanidade registrados pelos Antigos, seja pelos acontecimentos de nossa História oficial, culminando nos eventos atuais, posto que os sinais de transição se tornam cada vez mais evidentes. O homem está hoje diante de um grande dilema: onde ou ele avança ou se destrói. E os riscos que corre confirmam as profecias, prenunciando uma daquelas clássicas catástrofes raciais como a que ocorreu com o Dilúvio ou com a Atlântida. Pelas Escrituras, o elemento purificador seria agora o *fogo*, e nisto podemos até escolher entre guerras, enfermidades, superaquecimento e destruição da atmosfera. Felizmente, fala-se também de fogos espirituais redentores. Seja como for, o fato é que "a terra ainda vive as dores do parto", como disse São Paulo.

Pode-se perguntar então como se relacionam Natureza e Espírito. O Espírito Santo sempre esteve particularmente associado ao feminino nos mistérios divinos. Paralelos com a Virgem Maria se encontram em muitas religiões. O elemento que serve de elo entre ambos é o *indivíduo*, a humanidade em si. É receptáculo do Espírito ao configurar o corpo

da Igreja (comumente simbolizada pela Virgem), como no Pentecostes. A ecologia serve porta de entrada para os novos mistérios porque representa o seu aspecto mais físico. A Natureza é vista, pois, em todos os seus aspectos como um elemento vital e transformador do ser humano, representando também um retorno às origens na busca do mundo ideal que existia antes da queda do homem –talvez aquilo que nossos índios chamam de *A Terra sem Males...*

Trata-se então, dentro do plano histórico, de uma nova revelação, ainda que seus conteúdos sejam familiares às origens míticas descritas na Bíblia, cumprindo daí todas as profecias de resgate do homem. O *Genesis* mostra a Criação como algo sagrado, ao ter sido feita por Deus. O homem do Paraíso possuía esta visão de mundo, existindo sob uma harmonia que se estendia às relações sociais, conjugais, ambientais e espirituais. Com o pecado tudo isto foi perdido e o ser humano entrou num período de experiências, como numa nova adolescência. Mas os dias de perfeição não foram esquecidos, sendo preservados nos mitos e também semeados pelas profecias. E assim o homem sabia que, se havia perdido o paraíso, um dia voltaria a recuperá-lo. A noção cíclica da História, dominante na Antiguidade, está presente também na cultura judaico-cristã.

Isto apenas contradiz a moderna concepção de tempo de forma relativa. A visão linear somente é equivocada enquanto retilínea. Por sua vez, o "eterno retorno" tampouco é repetitivo como alguns imaginam, porque a imagem correta é a da *espiral*. Tudo na Natureza é cíclico, como no retorno do Sol ou das Estações; a vida anda em ciclos e a roda deve girar para que o carro avance. Deste modo, tudo se repete, mas jamais de forma idêntica.

O Deus deste novo Evangelho deveria ser visto, inicialmente, como o **Grande Ecologista** restaurando a harmonia universal. Mas é preciso entender o termo num sentido amplo, visto que, na Sabedoria Antiga, o termo "Natureza" envolve três níveis: físico, emocional e mental. Por isto ele é também o **Noivo** da Jerusalém celeste (que é a Nova Igreja) e o Cristo **Pantocrator** dos ortodoxos e judeus. Daí o Eterno Feminino, Almas-Gêmeas e Política sagrada serem temas preferenciais neste contexto, representando a institucionalização da Trindade pela ótica do Espírito.

Como se costuma dizer, *Deus é brasileiro*, com certeza, ainda que, por falta de informação, hoje muitos o duvidem. Acontece que ser um povo eleito nem sempre é fácil, mas tudo pode mudar quando se conhece o destino e se segue fielmente o Caminho previsto, em todos os planos. Não por acaso, o Brasil substitui naturalmente o ecumenismo pretendido pelos antigos impérios, daí colocar bases para um novo estágio de civilização. E o novo sempre é desafiador. Este destino nacional que é exatamente aquilo que existe no final do arco-íris segundo a lenda.

BIBLIOGRAFIA

Bailey, Alice A.

Los Raios y las Iniciaciones, Ed, Kier., Bs. Aires.

De Belém ao Calvário, FEEU/F.C.Avatar.

Gandhi, Mahatma

O Homem e a Natureza

Guenón, René

O Esoterismo de Dante, Ed. Vega. Lisboa.

O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos, Ed. Dom Quixote, Lisboa.

Eliade, Mircea

El Chamanismo y las Técnicas Arcaicas del Éxtasis, Fondo de Cultura Econômica, México.

Lévi-Strauss, Claude

A Via das Máscaras, Editorial Presença/Martins Fontes.

Raynaud de la Ferrière, Serge

As Grandes Mensagens, Ed. PAX.

Salvi, Luís A. W.

Tushita – O Dharma de Arco-Íris de Maitreya Buda; Ibrasa, SP, 1999

Frugivorismo – A Dieta do Paraíso

Maitreya – A Luz do Novo Mundo, Ibrasa, SP, 1998.

A Tradição Tolteca (três volumes)

A Igreja do Novo Mundo, Editorial Agartha.

Cartilha Universalista, Editorial Agartha.

A Arte da Unidade – Ocultismo Prático, FEEU, 1991.

Almas-Gêmeas – O Graal da Nova Raça, Editorial Agartha.

Jornal Paralelo 30 – A Cultura da Idade de Ouro, FEEU.

Martin G. Scola

Evolución, Degeneración y Regeneración Alimentarias del Hombre.

Olivet, Fabre d'

História Filosófica do Gênero Humano, Ed. Ubyassara, RJ, 1989.



(para Contra-capa:)

A Ecologia representa hoje o valor mais importante de ser cultivado por todos, porque implica na própria sobrevivência do homem como espécie.

Ainda assim, a mobilização desta consciência tem sido insuficiente para fazer frente às crises ambientais, colocando em risco a saúde e até a existência das futuras gerações.

A presente obra parte do princípio de que uma militância ecológica eficaz, não pode ser alcançada apenas em seu próprio nível. É preciso inserir este interesse em outros segmentos da cultura, conforme as atuais tendências holísticas do pensamento humano.

Tal coisa vem de encontro à evolução do pensamento espiritual da humanidade, que pede a criação do Reino divino e o retorno de um ideal áureo chamado... PARAÍSO.

Deus não criou o mundo para ser destruído pelo descuido do homem. Até os cínicos disto duvidariam. Por isto, o Criador quer agora que esta consciência faça parte ativa do próprio processo de redenção –ou perdição– pessoal. O descuido ecológico pode trazer hoje as piores consequências para a Alma ou, em contraparte, o cuidado devido à vida pode apurar os mais elevados cânones de felicidade e salvação (que são aqueles que unem espírito e matéria), na construção do Reino divino e na conquista da imortalidade.